

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA “JÚLIO DE MESQUITA FILHO”

Faculdade de Filosofia e Ciências

Campus Marília

Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais

MARCUS VINICIUS DE SOUZA PEREZ DE CARVALHO

Feira Livre na cidade de Marília-SP: tensões e cotidiano

MARÍLIA

2019

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA “JÚLIO DE MESQUITA FILHO”

Faculdade de Filosofia e Ciências

Campus Marília

Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais

MARCUS VINICIUS DE SOUZA PEREZ DE CARVALHO

Feira Livre na cidade de Marília-SP: tensões e cotidiano

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – Campus Marília na linha de pesquisa: Pensamento social, educação e políticas públicas.

Orientadora: Thais Regina Pavez

Marília

2019

C331f Carvalho, Marcus Vinicius de Souza Perez de
Feira Livre na cidade de Marília-SP: : tensões e
cotidiano / Marcus Vinicius de Souza Perez de
Carvalho.
-- Marília, 2019
116 p.

Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista
(Unesp), Faculdade de Filosofia e Ciências, Marília
Orientadora: Thais Regina Pavez

1. Feira Livre. 2. Cotidiano. 3. Urbano. 4. Conflito. I.
Título.

Agradecimentos

Esta dissertação foi desenvolvida por meio de um esforço coletivo e aqui registro o meu agradecimento às pessoas, instituições e espaços que participaram desse processo.

Aos funcionários, professores e colegas da Universidade Estadual Paulista “Júlio Mesquita Filho”, vocês contribuíram fisicamente e intelectualmente para a minha formação.

Ao Programa de Pós-Graduação de Ciências Sociais da UNESP-Marília e aos colegas do Grupo de Estudo e Pesquisa Classes subalternas no Brasil.

O presente trabalho foi realizado com o apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES).

Aos entrevistados, aos autores consultados e à feira livre.

À professora Thais Pavez, pelas férteis discussões e por me evidenciar a criticidade, a potência e as possibilidades do campo popular. Agradeço também pela orientação da pesquisa exploratória em 2018, esta experiência foi relevante e decisiva para a minha trajetória enquanto sujeito-pesquisador.

À Kellen Gutierrez e ao Antônio Braga que aceitaram compor a banca de defesa desta dissertação.

Agradeço à Miriam Kimura e sua família pela atenção e contribuição para esta pesquisa. À Darlene Rezende que sempre esteve presente na caminhada da vida, obrigado por participar dos meus insights. À Karina Caetano por abrir as portas de sua casa, por me acolher e por ser minha cúmplice. À Selmy Menezes, que acompanhou de perto a árdua trajetória com a delicadeza e a intensidade de uma artista. Obrigado mulheres-companheiras.

Ao Flávio Grossi pelo cuidado, paciência e carinho. Por compartilhar a confiança no poder político da cultura popular. Com você entendi que a simplicidade da vida carrega a rica sutileza que poucos conseguem apreender. Obrigado por ter me apresentado à nossa cria, Fidel que ama com a lealdade e a simplicidade dos animais. Juntos somos uma família que resiste com a força do amor e da diferença.

Aos meus pais, Gisele Perez e Adalberto Carvalho. A contribuição de vocês é fundamental para o meu viver.

À minha família, amigos e colegas que participaram diretamente ou indiretamente para o desenvolvimento desta pesquisa e da minha formação. Obrigado pelos conselhos, advertências, risadas e orações.

*São sete horas da manhã
Vejo Cristo da janela
O sol já apagou sua luz
E o povo lá embaixo espera
Nas filas dos pontos de ônibus
Procurando aonde ir
São todos seus cicerones
Correm pra não desistir
Dos seus salários de fome
É a esperança que eles tem
Neste filme como extras
Todos querem se dar bem*

*Num trem pras estrelas
Depois dos navios negreiros
Outras correntezas*

*Estranho o teu Cristo, Rio
Que olha tão longe, além
Com os braços sempre abertos
Mas sem proteger ninguém
Eu vou forrar as paredes
Do meu quarto de miséria
Com manchetes de jornal
Pra ver que não é nada sério
Eu vou dar o meu desprezo
Pra você que me ensinou
Que a tristeza é uma maneira
Da gente se salvar depois*

*Num trem pras estrelas
Depois dos navios negreiros
Outras correntezas*

Um trem para as estrelas – Gilberto Gil e Cazuza

Resumo

A feira livre de domingo na cidade de Marília foi deslocada de lugar por interferência da igreja Universal do Reino de Deus e com a mediação do poder público. Ao pesquisar os elementos que construíram esse acontecimento foi possível realizar questionamentos sobre os espaços na cidade de Marília. Baseando-se na lógica de segregação dos “enclaves fortificados”, identificamos a localização da feira livre e da igreja Universal no debate sobre a inclusão e a exclusão urbana. Esse acontecimento se revelou pertinente para pensarmos a dinâmica urbana na medida em que ele expressa, de certa forma, como o capital se apropria dos espaços da cidade e como os moldam aos seus interesses. Portanto para entendermos como as relações sociais são construídas nos enclaves e nos espaços abertos foram identificados espaços que os frequentadores da feira livre possuem contato cotidiano. Ao apreendermos a dinâmica desses espaços foi possível a elaboração de duas categorias, os espaços espontâneos e os espaços estéreis, que funcionam a partir de pressupostos distintos e que influenciam as reações sociais dos sujeitos que os frequentam. Desta forma, o estudo dos espaços da cidade contribuiu para compreendermos o sentido da relação entre a feira livre e a igreja Universal e como e porque a feira livre foi mudada de lugar sem resistências. Para desenvolvermos esta pesquisa foi-se apropriado de técnicas de pesquisa como, por exemplo, a pesquisa bibliográfica, documental e a etnografia concomitante à apreensão fotográfica dos espaços estudados. Por fim, os dados foram analisados com a intenção de alcançar o processo de desenvolvimento da dinâmica espacial da cidade de Marília baseada na lógica de segregação dos “enclaves fortificados”.

Palavras-chaves: Feira livre; Cotidiano; Urbano; Conflito.

Abstract

Sunday's free fair in the city of Marília was displaced by interference from the Universal Church of the Kingdom of God and with the mediation of public power. By researching the elements that built this event it was possible to ask questions about the spaces in the city of Marília. Based on the segregation logic of the “fortified enclaves”, we identified the localization of the free fair and the Universal Church in the debate on urban inclusion and exclusion. This event proved pertinent to think about urban dynamics as it expresses, in a way, how capital appropriates the spaces of the city and how they shape them to their interests. Therefore, in order to understand how social relations are built in enclaves and in open spaces, the research identified spaces that frequenters of free fair have daily contact with. By apprehending the dynamics of these spaces, it was possible to elaborate two categories: the spontaneous spaces and the sterile spaces, which function from different assumptions and that influence the social reactions of the subjects who frequent them. Thus, the study of the city's spaces contributed to understand the meaning of the relationship between the free fair and the Universal Church and how and why the free fair was moved without resistance. To develop this research it was appropriate to research techniques such as bibliographic, documentary research and ethnography concomitant to photographic apprehension of the studied spaces. Finally, the data were analyzed with the intention of reaching the process of development of the spatial dynamics of the city of Marília based on the logic of segregation of the “fortified enclaves”.

Key-words: Street Market; Daily Life; Urban; Conflict.

Lista de Imagens

Imagem 1 - Fregueses de descendência oriental	25
Imagem 2 - O início do funcionamento da feira livre	25
Imagem 3 - Horário de maior circulação de pessoas na feira livre	26
Imagem 4 - Horário da xepa	27
Imagem 5 - Fregueses da feira livre e mendigo à esquerda de mochila	32
Imagem 6 - Banca familiar com menina trabalhando.....	33
Imagem 7 - Fachada da unidade central da igreja Universal do Reino de Deus	40
Imagem 8 - Cronograma de cultos da igreja Universal do Reino de Deus referente à unidade central da cidade de Marília.....	44
Imagem 9 - Croqui da feira, igreja Universal do Reino de Deus e Terminal de transporte urbano	53
Imagem 10 - Reunião entre feirantes e Prefeito Vinícius Camarinha	54
Imagem 11 - Croqui dos espaços cotidianos segundo os entrevistados	64
Imagem 12 - Croqui dos espaços cotidianos na região central segundo os entrevistados.....	64
Imagem 13 - Principal acesso ao prédio do supermercado Tauste sul	68
Imagem 14 - Funcionária repondo os produtos nas prateleiras do supermercado Tauste sul ..	69
Imagem 15 - Produtos e as potencialidades que podem confundir	70
Imagem 16 - Segurança caminhando dentro do supermercado Tauste Sul	71
Imagem 17 - Segurança interagindo com outro funcionário no estacionamento do supermercado Tauste sul.....	71
Imagem 18 - Funcionária da limpeza do supermercado Tauste sul	72
Imagem 19 - Corredor com a caixa delimitando a área suja	73
Imagem 20 - Visão superior da caixa e o café derramado.....	74
Imagem 21 – Marília Shopping à direita e caminhão na Rodovia do Contorno à esquerda	77
Imagem 22 - Acesso ao Marília Shopping com guarita	78
Imagem 23 - Estacionamento exclusivo à esquerda e estacionamento livre à direita.....	79
Imagem 24 - Funcionária limpando o ralo do estacionamento exclusivo	80
Imagem 25 - Funcionária limpando a praça de alimentação e propaganda da nova academia	80
Imagem 26 - Motocicleta da segurança do Marília Shopping e propaganda da nova academia na porta de acesso ao prédio do shopping center.....	81
Imagem 27 - Segurança do shopping center no lado interno do prédio	81
Imagem 28 - Lateral e fachada do Marília Shopping com as logomarcas de grandes lojas....	

Imagem 29 - Rua movimentada com comércio na lateral da Unimar	85
Imagem 30 - Principal entrada da Unimar com guarita.....	87
Imagem 31 - Principal saída da Unimar com guarita	88
Imagem 32 - Segurança a pé e dirigindo motocicleta à esquerda no canto inferior.....	88
Imagem 33 - Fachada da Univem e caixa d'água com o antigo nome da instituição	90
Imagem 34 - Placa informativa sobre a segurança do bairro	91
Imagem 35 - A placa informativa e o prédio da Univem ao fundo	91
Imagem 36 - Principal acesso da Univem com portões e guarita.....	92
Imagem 37 - Acesso lateral da Univem com guarita e estacionamento	93
Imagem 38 - Interação do sujeito com o segurança na guarita	93
Imagem 39 - Fachada e lateral da Uniesp S.A. localizada na região central da cidade de Marília	95
Imagem 40 - Logo da Universidade Brasil na faixa instalada na grade do acesso principal da Uniesp S.A.....	96
Imagem 41 - Acesso ao estacionamento da Uniesp S.A.	97
Imagem 42 - Acesso ao Terminal e o Camelódromo ao fundo	102
Imagem 43 - Antiga estação ferroviária da cidade e entrada do Terminal ao fundo.....	102
Imagem 44 - Camelódromo e Terminal	103
Imagem 45 - Acesso superior do Terminal	104
Imagem 46 - Acesso inferior do Terminal.....	104
Imagem 47 - Acesso de ônibus à direita do Terminal a partir da entrada superior	105
Imagem 48 - Acesso de ônibus à esquerda do Terminal a partir da entrada superior	105
Imagem 49 - Entrada do Bosque Municipal.....	107
Imagem 50 - Pavão exposto em recinto com grandes no Bosque Municipal.....	108
Imagem 51 - Grupo em palestra sobre a flora da Mata Atlântica com orientação de funcionário do Bosque Municipal.....	109
Imagem 52 - Homens caminhando, lanchonete ao fundo e área de brinquedos para crianças à direita	110

Sumário

1. Introdução	11
1.1 Método de pesquisa.....	14
1.2 Mercado imobiliário e “enclaves fortificados”	17
Capítulo 1: A feira livre, os interesses da igreja Universal do Reino de Deus e a mudança da feira	24
1. A etnografia da feira – As relações, os cheiros e sons da feira livre de domingo 24	
1.1 A relação dos feirantes com seus fregueses	27
1.2 O supermercado e a feira livre	29
1.3 A presença do campo popular e do trabalhador precário	31
1.4 As faltas da prefeitura.....	34
1.5 O feirante e a feira livre.....	36
2. Notas sobre os pressupostos da igreja neopentecostal Universal do Reino de Deus 40	
3. A mudança da feira. O deslocamento da feira livre segundo os jornais	51
3.1 A mudança da feira livre segundo os feirantes e os fiéis da Igreja Universal.	56
3.2 O deslocamento da feira segundo a prefeitura	59
3.3 O deslocamento e eliminação dos espaços populares	61
Capítulo 2: Os espaços estéreis	63
1. Introdução	63
1.1 O cotidiano, a visão de mundo e os frequentadores da feira livre.....	65
2. Os espaços estéreis da cidade: ordem, limpeza e segurança.....	67
2.1 Supermercado: ambiente sem sombras	67
2.2 Marília Shopping: compra e lazer em um espaço ordenado	76
2.3 As universidades privadas: o espaço que sugere a limitação da formação	83
2.4 Residência do enclave: a tecnologia de segurança na moradia	98
Capítulo 3: Os espaços espontâneos	100
1. Introdução	100
2. Espaços Espontâneos: liberdade, autonomia e troca	101
2.1 Terminal Urbano e Camelódromo:.....	101
2.2 Bosque: natureza, iniciativa e memória.....	107
2.3 Feira livre: notas sobre a perspectiva de seus frequentadores.....	111
Conclusão.....	112
Referências	115

1. Introdução

Em 2015, na cidade de Marília, localizada no interior do estado de São Paulo, a tradicional feira livre de domingo de manhã foi deslocada de lugar. A feira foi transferida do centro da cidade para a margem do bairro central. Essa mudança ocorreu posteriormente à instalação de uma unidade da Igreja Universal do Reino de Deus na rua onde a feira era realizada. A igreja central desta vertente neopentecostal aspirava ao deslocamento da feira por um motivo específico que foi identificado a partir das entrevistas com os fiéis e feirantes. Além do barulho e da sujeira, buscou-se a mudança da feira de local para que fosse possível usar as vagas livres da rua como estacionamento para os carros particulares de seus frequentadores e dos pastores e membros da igreja. Este processo de deslocamento da feira, que foi mediado pela prefeitura e a Secretaria Municipal de Agricultura, Pecuária e Abastecimento, se desenvolveu de forma minimamente tensa, ou seja, com pouca resistência coletiva por parte dos feirantes. Nesse contexto, o resultado foi o deslocamento da feira sem grandes dificuldades ou manifestações. Desta forma, a feira de domingo, a mais popular da cidade, foi transferida para a margem da região central e se distanciou, por exemplo, do Terminal Rodoviário Urbano, dificultando o acesso de uma parcela de fregueses.

Nesta pesquisa, esse acontecimento foi considerado como um objeto relevante à medida em que contribui para entendermos como o capital se apropria do espaço urbano na contemporaneidade por meio de ferramentas baseadas na lógica neoliberal. Ao tentarmos entender, ao longo desta pesquisa, o que poderia significar esse acontecimento que envolveu a feira e a igreja Universal, conseguimos reafirmar o pressuposto de que a privatização dos espaços da cidade se tornou a principal via de obtenção de lucro no contexto urbano espacial.

A feira livre, mesmo com seu caráter econômico, representa historicamente um espaço de sociabilidade, de fortalecimento e criação de relações sociais (DANTAS, 2008). A feira, além de ser objeto de produção artística nacional¹, também é um reflexo das principais

¹ As características da feira livre podem ser encontradas em ampla produção artística. Para citar alguns exemplos, a feira foi cantada por vários artistas brasileiros, tendo como exemplo a música “Feira de Mangaio”, escrita por Sivuca e Glorinha Gadêlha e amplamente divulgada na voz de Clara Nunes, que relata a variedade de produtos que podem ser encontrados na feira, “[...] Cabresto de cavalo e rabichola / Eu tenho pra vender quem quer comprar / Farinha, rapadura e graviola / Eu tenho pra vender quem quer comprar [...]”, como também características do trabalho de feirante, “[...] Menino vou me embora / Tenho que voltar / Xaxar o meu roçado / Que nem boi de carro / Alpargata de arrasto não quer me levar [...]”. Já a composição de Onildo Almeida, “Feira de Caruaru” cantada por Luiz Gonzaga, expressa a riqueza da feira do interior de Recife, “A feira de Caruaru / Faz gosto da gente ver / De tudo que há no mundo / Nela tem pra vender / Na feira de Caruaru [...]”. A diversidade de produtos indica a diversidade de procura e, por isso, a frequência de diferentes pessoas com diferentes necessidades, proporcionando um espaço em que as diferenças se complementam por uma via comercial e por um viés cultural,

tendências sociais e culturais da cidade devido à frequência significativa de pessoas nesse evento. Já a igreja neopentecostal Universal do Reino de Deus atende às necessidades individuais de seus fiéis à medida em que influencia, de certa forma, os sujeitos a um estilo de vida que carrega em si elementos da individualização neoliberal, como veremos no capítulo I².

Para entendermos quais as funções da feira e da igreja Universal para a cidade foi necessário entendermos o contexto político e social urbano. A inserção de políticas neoliberais e seu desdobramento para o espaço urbano se fortaleceu a partir dos anos 1990 com a redemocratização do país. Nesse processo houve a intensificação do desenvolvimento de espaços privados de residências, os condomínios fechados verticais e horizontais. A intensificação da construção desses espaços foi mediada pelo mercado imobiliário, revelando-se enquanto uma importante fonte de acumulação de capital. O reforço para a criação desses espaços foi o aumento da violência e do crime na cidade, que foram os argumentos usados para as classes altas se enclausurarem em espaços destinados principalmente à moradia, mas também para o trabalho e lazer. Esses espaços categorizados por Caldeira (2011) como “enclaves fortificados” não somente foram criados a partir das necessidades e interesses dos ricos, mas também foi e ainda é responsável por influenciar a dinâmica da cidade no Brasil à medida em que fortalece a individualidade, desvaloriza o espaço público e segrega a população urbana.

Em linhas gerais, a política e a economia neoliberal, quando direcionadas para a cidade, se apropriam dos espaços urbanos ou constroem espaços coletivos de caráter privatizado. Os espaços construídos nesse contexto político, mediados pelo mercado imobiliário e concomitantes ao medo do crime e da violência, são os “enclaves fortificados”. Esses espaços que são voltados à moradia, trabalho e lazer são regidos por uma lógica de segregação, a qual se desdobra para a vida cotidiana dos cidadãos e para a organização social e política dos sujeitos na cidade. Nesse cenário, os elementos do acontecimento estudado, a feira livre e a igreja Universal, se relacionam com essa dinâmica urbana específica.

político e social. As diferenças estão presentes na feira livre e se complementam a partir do que se é ofertado com o que é demandado.

² A Igreja neopentecostal é estudada por vários pesquisadores e é um objeto de estudo que está presente nas três grandes áreas da Ciências Sociais. Para entender a proposta individualizante fomentada pela igreja Universal do Reino de Deus, foram resgatados os estudos de Ricardo Mariano. O livro *Neopentecostais. Sociologia do novo pentecostalismo no Brasil*, de Mariano, que foi resultado de sua pesquisa de mestrado, apresenta o percurso histórico da formação dessa vertente religiosa e seus pressupostos. Desta forma, os principais elementos dessa vertente são a “Teologia da Prosperidade”, a “batalha contra o diabo” e a “liberalização dos usos e costumes pentecostais”. Por meio de uma estrutura baseada em um funcionamento empresarial visando o lucro a partir da arrecadação do dízimo por diferentes formas, a igreja Universal se expande na sociedade brasileira (MARIANO, 2014).

Desta forma, o questionamento que orientou esta pesquisa foi formulado com a intenção de aprofundarmos como a mudança da feira se relaciona com a dinâmica urbana baseada na lógica dos “enclaves fortificados”.

Além de identificarmos o significado da mudança da feira para o contexto urbano, o fato desse acontecimento ter ocorrido em Marília, cidade média, contribuiu para entendermos como a privatização da cidade se realiza no interior do estado de São Paulo, bem como as especificidades e diferenças desse processo entre a capital e a cidade média do interior³.

Os modelos de transformação da cidade de São Paulo desdobram-se em certa medida para as cidades de médio porte no estado de São Paulo. A fala do medo e os “enclaves fortificados” chegam no interior do estado, como observamos na cidade de Marília, onde as construções de condomínios fechado horizontais começaram a serem feitas no ano de 1993 (ZANDONADI, 2004 *apud* SPOSITO, 2006).

Com essas novas formas de moradias, o *habitat* dos sujeitos, realidade urbana muda à medida em que renova as ideias tradicionais de limite, centralidade e externalidade. Os muros atualizam as ideias de dentro e fora, as quais antes eram consideradas como o limite entre o urbano e o não urbano e agora como “barreiras materiais que segmentam o espaço urbano e separam seus moradores segundo suas possibilidades econômicas e hábitos de consumo” (SPOSITO, 2006, p. 188).

Neste trabalho, a categoria “enclave fortificado” elaborada por Teresa Caldeira (2011) nos auxiliou para entendermos como esse problema do deslocamento da feira se relaciona com uma problemática macrossocial, ou seja, com as estruturas econômicas e políticas da sociedade contemporânea. Ao nos debruçarmos nesse problema, a mobilização dessa categoria também nos permitiu pensar como a lógica neoliberal é inserida e influi nas mudanças cotidianas dos sujeitos e sociabilidade da cidade.

³ Os modelos urbanos da cidade de São Paulo desdobram-se em certa medida para as cidades de médio porte no estado de São Paulo. A privatização urbana baseada na fala do medo e nos “enclaves fortificados” também se realiza no interior do estado, como observamos na cidade de Marília, onde as construções de condomínios de moradia fechados e horizontais começaram a serem feitas no ano de 1993 (ZANDONADI, 2004 *apud* SPOSITO, 2006). A aparição de loteamentos fechados nas cidades médias como forma de ampliar a acumulação de capital interfere diretamente na dinâmica da cidade, na perspectiva e projetos de vida dos cidadãos, bem como no espaço público e na própria democracia.

1.1 Método de pesquisa

Esta pesquisa foi desenvolvida enquanto um estudo de caso⁴ e, por isso, foi necessária a apropriação de um conjunto de técnicas de pesquisa. Foram aplicadas técnicas como a pesquisa documental e bibliográfica, as entrevistas, a etnografia⁵ e o uso da linguagem fotográfica⁶.

A pesquisa documental⁷ foi realizada a partir dos jornais eletrônicos da cidade de Marília. As informações coletadas pelos jornais permitiram que reconstruíssemos o processo de mudança da feira, a mínima resistência por parte dos feirantes e os adiamentos da mudança. Outra fonte dos dados documentais foi a Secretaria de Agricultura, Pecuária e Abastecimento do município citado, a qual é responsável pela administração das feiras e que disponibilizou alguns dados específicos sobre a feira, como, por exemplo, o total de feiras na cidade e os valores referentes às licenças pagas pelos feirantes.

Ao longo da pesquisa bibliográfica⁸ houve a apropriação da discussão sobre como se deu a inserção política e econômica neoliberal nos espaços urbanos no Brasil e os desdobramentos dos “enclaves fortificados” e de sua lógica de segregação. Foi resgatada, também, uma bibliografia que contribuiu para a reflexão sobre os espaços estudados a partir das entrevistas com os frequentadores da feira.

⁴ Esta pesquisa se constrói como um estudo de caso. Assim, por meio de um caso singular que seja capaz de apresentar uma representatividade que contemple casos semelhantes em suas particularidades, se constrói a perspectiva crítica que visa o objeto deste estudo (SEVERINO, 2007). Por isso, o estudo de caso se apresenta como possuidor de uma alta quantidade de informações, que devem ser apreendidas por diferentes técnicas metodológicas com a intenção de ilustrar com maior totalidade e complexidade a realidade do fenômeno estudado (GOLDENBERG, 2009).

⁵ “A pesquisa etnográfica visa compreender, na sua cotidianidade, os processos do dia a dia em suas diversas modalidades. Trata-se de um mergulho no microssocial, ampliado com uma lente de aumento. Aplica métodos e técnicas compatíveis com a abordagem qualitativa. Utiliza-se do método etnográfico, descritivo por excelência” (SEVERINO, 2007, p. 199).

⁶ Em *O Fotográfico* (2005), organizado por Etienne Samarin, a fotografia é discutida como uso metodológico para elaboração de produção científica. Dois artigos selecionados – “O Etnólogo e Suas Imagens”, de Sébastien Darbon, e “O Uso da Imagem na Antropologia”, de Sylvia Caiuby Novaes – discutem, por exemplo, o realismo fotográfico, os sentidos e suas interpretações; e a apropriação do texto e da imagem, além do uso da imagem pela perspectiva antropológica. Com isso, apreendemos a discussão elaborada nesses artigos para construir o uso de uma técnica metodológica relevante para este trabalho proposto.

⁷ “No caso da pesquisa documental, tem-se como fonte documentos no sentido amplo, ou seja, não só documentos impressos, mas sobretudo de outros tipos, tais como jornais, fotografias, filmes, gravações, documentos legais. Nestes casos, os conteúdos dos textos ainda não tiveram nenhum tratamento analítico, ainda são matéria-prima a partir da qual o pesquisador vai desenvolver sua investigação e análise.” (SEVERINO, 2007, p. 122-123)

⁸ “A pesquisa bibliográfica é aquela que se realiza a partir do registro disponível, decorrente de pesquisas anteriores, em documentos impressos, como livros, artigos, teses etc. Utiliza-se de dados ou de categorias teóricas já trabalhados por outros pesquisadores e devidamente registrados. Os textos tornam-se fontes dos temas a serem pesquisados.” (SEVERINO, 2007, p. 122)

As entrevistas aplicadas contemplaram espectros distintos do problema desta pesquisa. Foram entrevistados os feirantes, frequentadores da feira livre, fiéis da igreja Universal e servidores públicos que trabalham no órgão que regulamenta a feira. As entrevistas com os feirantes intentaram identificar, além de suas histórias de vida⁹, a relação deles com a feira e como se desenvolveu a mudança desse evento em 2015. Com os frequentadores da feira, foram questionados quais eram os espaços da cidade frequentados no cotidiano ou com que tiveram contato no dia a dia ao longo de suas histórias. Foram questionados também a relação dos frequentadores da feira com o fenômeno estudado e com espaços específicos que contemplam a chave do consumo e do lazer na cidade, ou seja, suas perspectivas e sensações no supermercado, no *shopping center* e no bosque municipal. Já com os servidores públicos, as entrevistas foram direcionadas para entendermos qual é a perspectiva do Poder Público em relação à feira e ao deslocamento que foi mediado pela prefeitura.

A etnografia e a coleta fotográfica¹⁰ foi desenvolvida nos espaços identificados a partir das entrevistas com os frequentadores da feira. A apreensão das características desses espaços, colaborou para que pudéssemos entender de forma mais abrangente a relação da feira livre e dos espaços que funcionam sob a lógica dos enclaves com a cidade. Desta forma, a etnografia sociológica proposta por Fraya Frehse (2014), foi aplicada nos espaços, como, por exemplo, o supermercado, o *shopping center*, o bosque municipal, o Terminal urbano de transporte coletivo e outros lugares. A fotografia foi usada concomitantemente com a etnografia enquanto complemento ao texto científico, de forma a enriquecer as informações e o contexto espacial estudado. Nesse contexto, Novaes esclarece de forma clara e abrangente a intenção da fotografia enquanto recurso metodológico.

Imagens, tais como os textos, são artefatos culturais. É nesse sentido que a produção e análise de registros fotográficos, fílmicos e videográficos podem permitir a reconstituição da história cultural de grupos sociais, bem como um melhor entendimento de processos de mudança social, do impacto das frentes econômicas e da dinâmica das relações interétnicas. Arquivos de imagens e imagens contemporâneas coletadas em pesquisa de campo podem e devem ser utilizados como fontes que conectam os dados à tradição oral e à memória dos grupos estudados. (NOVAES, 2005, p. 110)

⁹ “A história de vida [...] se define como o relato de um narrador sobre sua existência através do tempo, tentando reconstituir os acontecimentos que vivenciou e transmitir a experiência que adquiriu. Narrativa linear e individual dos acontecimentos que ele considera significativos, através dela se delineiam as relações com os membros do seu grupo, de sua profissão, de sua camada social, de sua sociedade global, que cabe ao pesquisador desvendar” (QUEIROZ, 1991, p. 06).

¹⁰ Em O Fotográfico (2005), organizado por Etienne Samarin, a fotografia é discutida como uso metodológico para elaboração de produção científica. Dois artigos selecionados – O Etnólogo e Suas Imagens de Sébastien Darbon e O Uso da Imagem na Antropologia de Sylvia Caiuby Novaes - discutem por exemplo, o realismo fotográfico; os sentidos e suas interpretações; e a apropriação do texto e da imagem, além do uso da imagem pela perspectiva antropológica. Com isso, apreendo a discussão elaborada nesses artigos para construir o uso de uma técnica metodológica relevante a esse trabalho proposto.

Para entendermos o deslocamento da feira e a relação deste fenômeno com a cidade, foi construído um painel de dados que contemplou tal acontecimento. O primeiro capítulo foi construído a partir das informações coletadas com os feirantes, os fregueses e do Poder Público por meio de entrevistas. Foi realizada também uma pesquisa documental por meio das mídias jornalísticas, que relataram o processo de mudança da feira. Por fim, realizamos um resgate dos principais pressupostos da igreja neopentecostal Universal do Reino de Deus para que pudéssemos identificar a função dessa instituição religiosa na cidade. Esses dados e informações foram usados para a construção do primeiro capítulo, no qual se demonstrou como se deu o processo de mudança da feira, além da apresentação da tradicional feira livre na cidade de Marília e dos pressupostos individualizantes da igreja neopentecostal.

Em seguida, para entendermos a função social do espaço da feira livre e, em segundo lugar, dos espaços que interferem neste fenômeno, tivemos que nos aprofundar em espaços específicos da cidade. Desta forma, foram identificados espaços a partir das entrevistas com os frequentadores da feira livre, que, por meio da etnografia e da apreensão fotográfica, contribuíram para entendermos as características da feira e dos espaços que funcionam sob a lógica segregadora dos enclaves.

Com os dados sobre os espaços citados nas entrevistas com os frequentadores da feira livre e as perspectivas dos entrevistados sobre alguns espaços da cidade, foram construídos dois capítulos. Portanto, o segundo capítulo apresenta os espaços da cidade que possuem características análogas aos “enclaves fortificados”. O *shopping center*, as universidades privadas, o supermercado e a residência com segurança privada foram os espaços estudados que apresentaram semelhanças em relação aos enclaves que podem ser observados a partir da segurança privada, a intensa limpeza dos espaços, da ordem e da organização.

O terceiro capítulo foi escrito a partir dos dados que contemplam os espaços abertos e de frequência do público popular, os quais apresentaram características análogas à feira livre. Desta forma, o Terminal urbano e o bosque municipal, juntamente com o Camelódromo, foram os espaços analisados etnograficamente e que demonstram a presença de elementos que influenciam o desenvolvimento de relações sociais entre sujeitos semelhantes aos elementos encontrados na feira livre.

Para o desenvolvimento desta pesquisa, foi usada como referência a formação urbana contemporânea baseada na categoria dos enclaves fortificados” elaborada por Caldeira. Desta forma, faz-se necessário expormos o desenvolvimento da categoria de Caldeira, bem como o processo de formação dos enclaves à luz do mercado imobiliário. Como veremos a seguir e

com o auxílio de autoras como Raquel Rolnik e Teresa Caldeira, serão apresentados o processo histórico do mercado imobiliário e as características da formação e desenvolvimento dos “enclaves fortificados”.

1.2 Mercado imobiliário e “enclaves fortificados”

A proposta da economia capitalista em relação ao uso do solo é mensurada pelo “mecanismo de mercado, no qual se forma o preço desta mercadoria *sui-generis*, que é o acesso à utilização do espaço” (SINGER, 1982, p. 23). Nessa lógica, o acesso é garantido pelo lucro ao se comprar o direito de propriedade ou mediante o pagamento de alguém periódico (SINGER, 1982). Esse mediador, na forma do mercado imobiliário, se realiza inconstantemente, ou seja, devido à variação do valor das prioridades conforme a variação da demanda pelo uso do solo, esse mercado se faz de forma especulativa (SINGER, 1982).

A relação do Estado com a cidade, mediada pela legislação¹¹ e serviços urbanos, é um ponto importante para entendermos o desenvolvimento do mercado imobiliário no Brasil. Para Raquel Rolnik (1997, p. 44), é possível afirmar que ao longo do século XX “os avanços da técnica urbanística permitiram garantir as condições higiênicas e moralmente defensáveis e, simultaneamente, a realização de investimentos urbanos altamente lucrativos”. É evidente que os padrões e valores projetados no espaço urbano fazem referência direta aos anseios sociais da classe dominante¹² e, por isso, tanto as técnicas elaboradas à luz das problemáticas urbanas

¹¹ Na história do Brasil, podemos observar que a Lei de Terras de 1850, que representa um marco legislativo importante para a forma de apropriação da terra no Brasil e que se desdobrou para a cidade. Essa legislação regulamentou as possibilidades de se adquirir terras por meio da compra devidamente registrada, e, com isso, definindo de forma efetiva a monetarização das terras, transformando-as efetivamente em mercadorias (ROLNIK, 1997). Concomitantemente à regulação do acesso às terras, a Lei de Terras regulamentou também a importação de colonos europeus livres para trabalhar no Brasil. A afirmação de Martins (1979 *apud* ROLNIK, 1997, p. 23) de que quando havia escravidão no Brasil a terra era livre, mas por meio da implantação do trabalho livre ela passa a ser cativa, ressalta o interesse de limitar os sujeitos às suas condições de trabalhadores dependentes de seus patrões, tanto o imigrantes como os ex-escravos. “A ocupação livre, em outras palavras, havia se tornado uma ameaça para a disciplina do trabalho e precisava ser restrita” (ROLNIK, 1997, p. 23). Nesse período referente à segunda metade do século XIX, a escravidão que caminhava para seu término representava a grande fonte de renda da classe econômica dominante além das produções cafeeiras. Os grandes fazendeiros de café tinham, na figura do escravo, seu grande investimento. Mas, com o fim da escravatura, eles deslocaram seus investimentos e fonte de renda para a mercantilização da terra. Com isso, a Lei de Terras representou uma relevante referência para essa mudança econômica desenvolvida pela classe dominante, ao passo de que também desenvolveu um aparato jurídico que regulamentava a prática de hipoteca de terras, ou seja, garantindo a realização de empréstimos bancários e influenciando, à medida em que fomentava, o mercado financeiro (ROLNIK, 1997).

¹² As leis sobre a cidade se desdobram tanto para a regulamentação dos espaços públicos quanto dos espaços privados; contudo, a legislação urbana vigora no sentido de satisfazer as elites. Esse é um elemento pertinente na história da cidade de São Paulo que pode ser observado na garantia legislativa de proteção dos espaços da elite e na subordinação do Estado aos interesses dessa classe dominante, particularmente nos assuntos da cidade

quanto a regulamentação desse espaço foram sujeitas aos interesses da elite em detrimento da classe popular. Em relação aos serviços urbanos no Brasil, no primeiro momento em que o centro é valorizado, ele se torna o espaço que recebe atenção desses serviços, inclusive se estendendo aos bairros vizinhos residenciais da classe alta. À margem cabe a inacessibilidade de condições mínimas urbanas de existência, como rede de abastecimento de água e esgoto encanado, escola pública, linha de ônibus ou serviço público de saúde.

Ao fornecerem serviços e estrutura urbana, a novas áreas da cidade, as quais muitas vezes estão no limite do urbano e do rural, desenvolvem uma valorização econômica dessa região. Por exemplo, quando há a orientação de que se crie uma circulação de transporte coletivo em determinado bairro longínquo, pode-se aferir que aquela área terá um novo valor para o mercado imobiliário. Desta forma, há duas vias vantajosas ao setor imobiliário. O Estado como provedor dessa urbanidade é muitas vezes manipulado pelo mercado imobiliário para que se criem essas condições de existência urbana em determinada área, ou os investidores desse setor aguardem a ação estatal de urbanização de algum bairro para que nele apliquem um valor alto se comparado com o anterior (SINGER, 1982).

Nesse contexto, a legislação se torna a ferramenta responsável pela configuração dos eixos de valorização do solo ao dispor às localizações específicas estrutura e serviços urbanos, fomentando, assim, a rentabilidade das terras da cidade e influenciando o mercado imobiliário. Por si só, a lógica do sistema capitalista de geração de lucro aplicada nos espaços urbanos não abre espaço para a participação dos que não possuem poder de compra – os pobres –, pois, “a propriedade privada do solo urbano faz com que a posse de uma renda monetária seja requisito indispensável à ocupação do espaço urbano” (SINGER, 1982, p. 33).

Ao longo do século XX e até o final da década de 1980, essa fatia da sociedade foi direcionada a ocupar espaços marginalizados da cidade nos quais a estrutura urbana sempre fora precária e os serviços urbanos, de difícil acesso. A margem espacial também foi caracterizada pela falta de direito da propriedade privada. Com isso, as ocupações, as invasões e as favelas foram desenvolvidas em áreas públicas ou particulares sem uso. Porém, quando o Estado resolveu estender sua estrutura urbana a essa região e validar o direito da propriedade privada, contribuiu para que houvesse uma valorização monetária do espaço marginal, como já dito. O resultado dessa valorização da periferia muitas vezes se realizava com o despejo da

(ROLNIK, 1997). Outro exemplo é a diferença, nas primeiras décadas do século XX, da regência legislativa na área urbana e na área rural, com a primeira região obrigada a seguir as normas e diretrizes do Estado, enquanto na segunda não havia rigorosidade na aplicação das leis, gerando um abandono no que se refere às obrigações urbanas do Estado para com aqueles sujeitos à margem (da legislação) (ROLNIK, 1997, p. 48).

grande maioria de moradores irregulares ou com a dificuldade financeira dos marginalizados para conseguir comprar casas nessa região.

No final da década de 1980, quando o modelo desenvolvimentista autoritário apresentava sinais visíveis de esgotamento, desenvolveu-se a redemocratização nacional, apoiada por uma congregação de forças sociais de oposição. Esse momento é caracterizado pelos movimentos sociais, muitos dos quais iniciados nas periferias das grandes cidades e que tinham como uma de suas pautas o direito à moradia e à cidade (ROLNIK, 2015). Nesse contexto, essa agenda de demanda popular foi atendida por meio da Constituição de 1988¹³, mesmo que tal documento não fosse devidamente aplicado, o qual cotinha um capítulo sobre política urbana, “estruturado em torno da noção de função social da cidade e da propriedade” (ROLNIK, 2015, p. 264). Junto a esse processo de redemocratização houve o início da urbanização por via estatal das periferias, tendo-se construído redes de água e esgoto, luz, equipamentos públicos e espaços comerciais. Essa urbanização da margem foi responsável, entre outros motivos, como por exemplo a diminuição da expansão demográfica das cidades, por atribuir um caráter mais heterogêneo e complexo de uma geografia da pobreza e da vulnerabilidade social, transformando de forma heterogênea o lugar no qual o sujeito pobre habita e vive (TORRES, Haroldo; MARQUES, Eduardo, 2001 *apud* ROLNIK, 2015, p. 265).

Contudo, com as primeiras representações do Executivo eleitas de forma democrática, houve uma guinada política a favor de uma economia neoliberal que dificultou a aplicação da proposta da Constituição de 1988 no assunto da “reforma urbana” e da expansão de uma política redistributiva. Fernando Collor e Fernando Henrique Cardoso foram os presidentes do país que aplicaram reformas fiscais ortodoxas, resultando na retração generalizada dos gastos públicos no que diz respeito aos direitos sociais (BERCOVICI, Gilberto; MASSONETTO, Luís Fernando, 2006 *apud* ROLNIK, 2015, p. 268).

Em 1990, a agenda governamental “estava focada no retraimento da intervenção estatal, no ajuste e na consolidação de instituições de mercado” (ROLNIK, 2015, p. 270). Nesse contexto, a principal proposta sobre o direito social indicava que o acesso aos bens e serviços que atendessem às necessidades sociais deveria ser mediado pelas relações de mercado (BANCO MUNDIAL, 1993 *apud* ROLNIK, 2015, p. 271).

¹³ “Especificamente no campo da política urbana, a Constituição de 1988 reconheceu a função social da propriedade como um princípio, bem como os direitos de ocupantes informais, o que criou uma base jurídica para a efetivação do direito à cidade e a implantação da chamada agenda da reforma urbana” (FERNANDES, Edésio, 2007 *apud* ROLNIK, 2015, p. 268).

Outro elemento pertinente que se desdobrou na sociedade nesse início dos anos 1990 foi o recuo do assalariamento de forma constante, o qual foi responsável por interromper o ciclo histórico de “mobilidade ocupacional nas cidades que cresceram no período fordista de industrialização a partir dos anos 1950” (ROLNIK, 2015, p. 273). Isto ressalta mais uma vez a falta de compromisso com a Constituição de 1988 nessa transição econômica orientada pelo neoliberalismo, que foi responsável pelo aumento drástico da pobreza e pela redução das possibilidades do Estado de aplicar políticas redistributivas (ROLNIK, 2015).

Desta forma, as consequências para a sociedade foram perversas. Um dos principais aspectos negativos fomentados nesse período foi a ascensão do crime vinculado à violência. O crescimento da pobreza, resultando no aumento da criminalidade, não somente se desdobrou nas formas de organização social, como também, por exemplo, no aumento do narcotráfico e de outras ações ilegais, como também influenciou o espaço da cidade. Atualizou-se o padrão de segregação espacial e de discriminação social como o desenvolvimento dos “enclaves fortificados” nas grandes cidades brasileiras.

O aumento do crime violento foi fator relevante para a fortificação da cidade. Com medo, os moradores de todas as classes sociais optavam por se fechar e proteger suas casas, trabalho e espaços de lazer. Juntamente com o medo do crime, aumentaram também as perspectivas estereotipadas e os preconceitos que surgiam articulados no que Caldeira define como a “fala do crime”. Como consequência, houve uma exacerbada separação dos diferentes grupos sociais, além do aumento das tensões e suspeitas entre esses grupos (CALDEIRA, 2011).

A partir do contexto apresentado e da inclusão da “fala do crime” nas dinâmicas urbanas, os anos 1980 iniciaram um novo padrão de segregação em formação, que se solidificaria na próxima década. Com a atualização do modelo segregacional centro-periferia, uma nova forma de segregação se baseou na aproximação de diferentes grupos sociais, ao mesmo tempo em que havia uma separação por meio de muros e tecnologias de segurança. Desta forma, os “enclaves fortificados” são a categoria apresentada por Caldeira que representa os “espaços privatizados, fechados e monitorados para residência, consumo, lazer e trabalho” (CALDEIRA, 2011, p. 211). Essa nova forma de viver a realidade levou os sujeitos a abandonarem os espaços públicos das ruas para os pobres e marginalizados.

Ao longo da história da cidade de São Paulo, a forma de segregação influenciou o funcionamento das esferas públicas e privadas. Na contemporaneidade, podemos observar que esse padrão é vigente e potencializado por novas ferramentas e tecnologias. Para além disso,

podemos também identificar, na grande maioria das cidades brasileiras, a existência de instalações baseadas na lógica do “enclave fortificado”. Desta forma, esses espaços que segregam estão presentes em âmbito nacional e afetam de forma contundente o perfil do espaço público e a participação dos sujeitos na vida política, à medida em que esses elementos presentes no ideário das cidades modernas são rechaçados pela lógica dos “enclaves fortificados” (CALDEIRA, 2011).

Com isso, esses espaços de segregação podem ser considerados condomínios fechado verticais e horizontais, conjuntos de escritórios e *shopping centers*. Cada vez mais os espaços da cidade, como escolas, hospitais, centros de lazer e parques, também começam a funcionar sob a forma dos “enclaves fortificados”.

De acordo com Caldeira (2011), algumas características básicas são compartilhadas pelos “enclaves fortificados”. Realizam-se enquanto propriedades privadas de uso coletivo e ressaltam o valor do que é privado e limitado em detrimento do público e acessível. São demarcados fisicamente e isolados por barreiras físicas como muros, grades ou espaço vazios. Suas fachadas são direcionadas para o interior, e não para a rua, a qual é sempre rejeitada. Há controle por guardas privados, que, na maioria das vezes, estão armados, e por sistemas de segurança cada vez mais desenvolvidos, responsáveis por aplicar as regras de inclusão e exclusão. São autônomos em relação ao contexto inseridos. Isto quer dizer que os “enclaves fortificados” podem ser instalados nas periferias ou em áreas rurais. Por fim, são ambientes socialmente homogêneos, ou seja, os sujeitos que escolhem viver sob a dinâmica dos “enclaves” decidem viver entre pessoas do mesmo grupo social privilegiado e longe de interações indesejadas com outras classes, restringindo sua percepção de movimento, perigo, heterogeneidade e imprevisibilidade das ruas. Os “enclaves” se realizam enquanto negação e ruptura do resto da cidade, sendo que a suspeita e a restrição são características que fazem com que esses “enclaves” incubem o espaço público e as interações públicas nas cidades.

Os “enclaves fortificados” também disponibilizam a seus moradores e consumidores a ideia de *status*. A separação da forma física se dá também no campo simbólico ao transformar o isolamento, o enclausuramento, a restrição e a vigilância em símbolos de *status* (CALDEIRA, 2011).

A lógica dos “enclaves” apresenta cinco elementos básicos, que são a segurança, o isolamento, a homogeneidade social, os equipamentos e os serviços. Quanto mais forte for a ideia de separação com o mundo exterior, fortificada, isolada e com a disponibilidade do uso de equipamentos e serviços aos moradores, melhor será recebida e desejada por seu público.

Ao observarmos essa categoria e suas características, podemos identificar a distância que se realiza de forma física e simbólica com a cidade, identificando-a como um “mundo deteriorado no qual não há apenas poluição e barulho, mas, o que é mais importante, confusão e mistura, isto é, heterogeneidade social” (CALDEIRA, 2011, p. 265).

A vida pública da cidade é evitada a todo custo pelos moradores desses espaços e, por isso, esses sujeitos precisam ter todo tipo de serviço¹⁴ disponível para não precisar entrar em contato com a realidade citadina e pública. Claro que não se pode esquivar por completo do contato com o mundo exterior, mas ele é evitado sempre que possível.

Para garantir esse estilo de vida, é necessário o uso de um sistema de segurança complexo e embasado que consiga alcançar a totalidade do espaço monitorado¹⁵. Como elementos de segurança, pode-se apontar cercas e muros, guardas privados 24 horas por dia e uma série infindável de instalações e tecnologias, como guaritas com banheiro e telefone, portas duplas na garagem, monitoramento por circuito fechado de vídeo e outras. A ideia de segurança e controle se baseiam no desejo da ordem. Estes conceitos é que asseguram sua exclusão com o mundo, mas também com a “felicidade”, a “harmonia” e até mesmo com a “liberdade”¹⁶.

Essa relação entre trabalhador dos “enclaves fortificados” e moradores é baseada no controle de entrada e saída de ambos, mas cada um de uma forma diferente. Há uma resistência dos moradores às ferramentas de controle que não se aplica aos visitantes, muito menos aos trabalhadores da classe baixa. Estes precisam se sujeitar ao controle rígido. Dentro dessa dinâmica percebe-se que esse controle se realiza para além de sua função apresentada, sendo que o controle é realizado como uma administração de classes e tem como função manter o condomínio homogeneizado e isolado. Portanto, o controle como característica funcional dos

¹⁴ Caldeira (2011, p. 268) relata que os condomínios fechados podem oferecer um amplo espectro de serviços, como psicólogos, professores de ginástica e recreação infantil, aulas de todos os tipos para todas as idades, esportes organizados, bibliotecas, jardinagem, cuidado com animais de estimação, médicos, centros de mensagem, comida congelada, administração doméstica, cozinheiras, pessoal da limpeza, motoristas, lava a jato, transporte, empregados para fazer as compras de supermercado e outros. A lista de serviços precisa contemplar da melhor forma possível as necessidades dos moradores.

¹⁵ A segurança não somente protege seus moradores contra o crime, como também cria espaços segregados, os quais praticam a exclusão de forma cuidadosa e rigorosa. A ideia de segurança é assegurar a tranquilidade dos sujeitos, não permitir que sejam incomodados pela vida da cidade e que tenham possíveis encontros na rua com pessoas pertencentes a outros grupos sociais, tanto os sem-teto e mendigos, como também os próprios sujeitos que prestam serviços aos “enclaves fortificados” (CALDEIRA, 2011).

¹⁶ Um novo conceito de liberdade é formado pelas classes altas residentes dos “enclaves fortificados”. É criado um padrão de independência e liberdade em relação à cidade, à mistura de classes e às tarefas domésticas, baseando-se na dependência de serviços realizados pela classe trabalhadora, ou seja, a ideia de liberdade é uma contradição em si. Ao mesmo tempo em que os residentes desses espaços criam e valorizam a distância com o diferente, ele depende deste. Desta forma, procura-se uma maneira de controlar os trabalhadores que lhes prestam serviço, ao passo em que mantém com eles uma relação ambígua de dependência e evitação, intimidade e desconfiança (CALDEIRA, 2011, p. 272).

“enclaves” contribui para a ideia de liberdade almejada pela elite paulista desde os anos 1990 (CALDEIRA, 2011).

Acompanhando o fomento e a multiplicação dos “enclaves fortificados”, há um movimento de privatização dos espaços públicos, que, por exemplo, delimita, por meio de cercas, os parques públicos, realizando o fechamento de ruas por correntes, que propõe a instalação de guardas particulares nos bairros ricos residenciais e transforma bairros em “enclaves” fechados permitidos pela administração municipal. Contudo, Caldeira (2011, p. 283) ressalta que “embora o Brasil sempre tenha sido uma sociedade desigual, a privatização da esfera pública [...] é algo novo, e a tendência a criar ilhas particulares de privilégios parece ter se fortalecido”.

Ao construir os muros e desenvolver uma rotina diferente, os cidadãos procuram se proteger do crime. Contudo, os desdobramentos das estratégias de segurança alcançam outros níveis ao afetar os padrões de circulação, hábitos, trajetos cotidianos e uso das ruas, transporte público, parques e de todos os espaços públicos. As pessoas são afetadas ao se sentirem restringidas, assustadas e controladas. A espontaneidade do encontro no espaço público se torna cada vez mais tensionada pelos “enclaves fortificados” e seus muros, pela estratégia de segurança e também é fomentada pela “fala do crime”. Os encontros podem ser tensionados com violência por terem como referência os estereótipos do senso comum e o medo das pessoas. “Tensão, separação, discriminação e suspeição são as novas marcas da vida pública” (CALDEIRA, 2011, p. 301).

Capítulo 1: A feira livre, os interesses da igreja Universal do Reino de Deus e a mudança da feira

1. A etnografia da feira – As relações, os cheiros e sons da feira livre de domingo

A feira livre de domingo acontece, hoje, na principal rua da cidade de Marília, nos últimos quarteirões da Avenida Sampaio Vidal. Ainda que os feirantes não tenham terminado de montar suas barracas, por volta das 5h os fregueses começam a caminhar entre as bancas, e os trabalhos na feira se iniciam. Os feirantes terminam de atender às 13h30min, desmontam suas barracas e os agentes de limpeza pública começam a trabalhar. Mas, um mal observador poderia reduzir a feira livre ao início e término do trabalho do feirante. Portanto, veremos que tal afirmação é superficial.

Toda sexta-feira e sábado a feirante Dona Nair e seu marido acordam às 3h30min da madrugada para começar os preparativos de suas mercadorias. O queijo é retirado da fôrma, é lavado e secado e, em seguida, são colocados todos alinhados em uma caixa. D. Nair termina de embalar o queijo na frente do freguês depois que ele escolhe qual irá levar. Aos domingos, acordam às 2h30min, uma hora mais cedo do que nos dias anteriores devido ao horário diferente de início das feiras¹⁷. Todo domingo ela e o marido começam a montar sua barraca às 4h. O fim da feira chega para Dona Nair só quando não houver mais fregueses ou mercadorias, segundo a feirante.

Às vezes a turma tá [sic] varrendo, limpando, é uma e quinze, uma e vinte, se tiver gente querendo comprar eu não deixo freguês, só se eu não tiver, senão eu não deixo freguês ir embora e falar aah acabou a mercadoria, eu não falo. Eu só falo se não tiver. (NAIR, março de 2018)

Os primeiros clientes de Dona Nair são os “japoneses”. Segundo ela, eles vão mais cedo para poder comprar as mercadorias mais frescas.

Tem dia que quatro e meia cê [sic] tá montando e já tem gente pedindo mercadoria. Então cê [sic] vê, [...] até compramo [sic] aquele, tá certo que é elétrico que carrega na tomada, um lâmpiãozinho pra acender lá, pra você poder enxergar. (NAIR, março de 2018)

¹⁷ As feiras de sexta-feira e de sábado realizadas por D. Nair localizam-se em bairros residenciais e precisam respeitar um acordo com os moradores. Nesses locais é necessário chegar em silêncio e esperar até às 5h30min para que o morador retire seu carro de sua residência. Já a feira de domingo localiza-se em uma parte da área central e comercial na qual há somente lojas.

Imagem 1 - Fregueses de descendência oriental



Ao chegar à feira, em seu início é possível caminhar tranquilamente e conferir sem pressa as barracas e as mercadorias expostas. A circulação de fregueses e transeuntes a partir das 6h é pequena se compararmos ao meio e ao final da feira, que é quando há maior movimento. Como a circulação no local, os cheiros e sons variam ao longo da feira. Caminhando nas primeiras horas da feira, conseguimos sentir um frescor no ar, uma umidade que funciona como filtro ao olfato. Nesse contexto, os sons são reduzidos a poucas conversas em um tom baixo e a barulhos metálicos e secos do final da montagem das barracas.

Imagem 2 - O início do funcionamento da feira livre



Por volta das 9h o movimento na feira muda, a circulação aumenta e o ritmo da caminhada diminui. Ao olharmos as ruas que circunscrevem a feira, nesse momento é possível reparar em muitos carros estacionados refletindo seus tons metálicos sob a luz do sol, consequência do aumento de circulação de pessoas. “No domingo começa a lotar de gente às nove horas” (NAIR, março de 2018).

Imagem 3 - Horário de maior circulação de pessoas na feira livre



As mesas das barracas que vendem pastéis começam a ficar concorridas e a fila do caldo de cana aumenta. Às 9h já se ouve o pregão¹⁸ ao longo de toda feira; o feirante anuncia em voz alta “melancia hoje é 10 reais”. O cheiro perde o frescor e se intensifica e os sons das pessoas aumentam; abacaxis se misturam com pastéis ao longo da caminhada à medida em que é ampliado o volume das conversas junto aos anúncios verbais e cordiais dos feirantes.

Nas últimas horas da feira ainda há circulação de pessoas, mesmo que seja menor em relação às horas anteriores. Dona Nair explica que o perfil do freguês do final da feira também muda.

Nós chamamos de xepeiro quando vai dando onze horas quem vai na feira é o que vai atrás da promoção do final da feira. Quem tem alface, mamão, essas mercadorias que não podem ficar assim, que nem a mandioca se você deixar ela fica roxa, ele tira o custo e ele solta barato que é pra não voltar pra casa com a mercadoria, quer dizer que ele não perdeu, mas não ganhou, ele tirou o custo da mercadoria. (NAIR, março de 2018)

¹⁸ Dona Nair explica que alguns feirantes que vendem mercadorias perecíveis, como verduras e frutas, precisam baixar o preço para conseguir eliminar o estoque ao longo do período da feira. Guardar essas mercadorias demanda estrutura específica que muitos deles não têm.

Imagem 4 - Horário da xepa



O cheiro da feira é amortecido pela dispersão das pessoas e os sons perdem sua potência. Neste momento torna-se possível ouvir mais claramente as risadas e as interações entre os feirantes.

1.1 A relação dos feirantes com seus fregueses

A relação entre os feirantes é comparada por Dona Nair como a relação que se tem com os vizinhos de casa: “tem aquele bom, tem aquele chato” (NAIR, março de 2018). A competição entre os feirantes não é substancialmente concreta e estimulada, pois os antigos feirantes, ao terem uma rede de fregueses fixos, dizem não se sentir incomodados com a presença dos novos. Os feirantes que estão presentes na história da feira de domingo em Marília se conhecem e normalmente se referem com respeito. As relações construídas entre eles muitas vezes carregam um tom de intimidade, segundo as conversas com os feirantes.

Já os feirantes e seus fregueses apresentam, muitas vezes, um vínculo que vai para além da troca comercial, de venda e compra. As conversas entre eles atravessam assuntos que contemplam as esferas públicas e privadas. Discutem sobre a política, o clima, as reviravoltas da vida e sobre problemas pessoais. “A feira tem dado movimento? Sim, mas é ruim só quando chove”, responde o feirante em uma conversa com o freguês.

Uma vez que desenvolvem uma relação, os fregueses se preocupam em demonstrar apreço pelo feirante e sua mercadoria. “Outro chega e conversa, ó você lembra do meu sogro, ele comprava teu agora ele não pode vim, mas ele quer o teu, mandou pegar com você, mandou um abraço, ó não sei o quê, você fica ali conversando.” (NAIR, março de 2018).

Entre alguns fregueses e Dona Nair há uma proximidade. Nestes casos é possível identificar uma relação quase que familiar. Tal relação não é espontânea, ela se constrói enquanto resultado de um processo histórico de troca entre duas pessoas.

Hoje veio uma senhora e ela falou: hoje não precisava de nada, só vim aqui para falar pra você que se você ficar sem me ver por umas duas ou três semanas é que a minha irmã teve um derrame e eu vou cuidar dela até ela melhorar um pouco, [...] então quer dizer que a pessoa... cê [sic] entendeu? Você vê que a pessoa, ele vem dar uma satisfação, ele vem conversar (NAIR, março de 2018).

Observando as interações entre os feirantes e os fregueses sobre assuntos específicos da vida particular, podemos dimensionar que há uma pessoalidade nessa relação; o feirante conhece particularidades dos fregueses e sua recíproca é verdadeira. Há uma troca no âmbito social e, por isso, pode-se afirmar que essa relação dispõe de possibilidades da construção dos próprios sujeitos. Entre brincadeiras, provocações e convites, a feirante D. Nair se diverte na feira livre.

Eu gosto muito do padre Marcelo, né, então a turma tira o sarro de mim, eles dizem você tá meio estressada? Por quê? Por que você não foi no padre Marcelo? Eu falo: é, tô precisando largar tudo e ir. Então quer dizer que todo mundo já sabe, todo mundo chega, todo mundo pergunta. Ó hoje, hoje veio e falou: onde vamos pular o carnaval? Eu falei: minhas pernas tão pedindo pra pular muito [risadas] (NAIR, março de 2018).

Dona Nair diz que o freguês não é somente um sujeito anônimo que compra suas mercadorias, ele é próximo da feirante e se preocupa com o que ela acha a respeito dele. “Você arruma muitos amigos na feira, eu penso assim. Tem muito cliente que é amigo.” (NAIR, março de 2018). Ao relembrar seus fregueses, Dona Nair se aprofunda ainda mais no conteúdo dessa relação.

Então você sente que o freguês ele não é só seu freguês de chegar ali e comprar, ele tem aquela amizade, ele quer dar uma satisfação para falar que não tá com raiva de você, que não apareceu por algum motivo. Então para mim isso aí é que nem uma família (NAIR, março de 2018).

Por acontecer no centro da cidade e por ser aos domingos, a feira que Dona Nair relata reúne muitas pessoas provindas de lugares diferentes e de outras cidades. Tanto é que na cidade de Marília há um deslocamento de sujeitos de todos os bairros, bem como da região do município. As pessoas vêm “de Lácio, Vera Cruz, tudo compra na feira, vem bastante gente.” (NAIR, março de 2018). Em alguns casos os fregueses são de cidades mais distantes, como São Paulo, Rio de Janeiro e Campinas, como observa o marido de Dona Nair.

Hoje veio uma mulher, ela comprou bastante coisa na banca e eu ainda falei pra ela assim nunca vi a senhora por aqui, era uma pessoa diferente, ela disse: eu sou de Curitiba, eu vim passar o carnaval por aqui, veio visitar algum parente, alguma coisa né, então (NAIR, março de 2018).

Os fregueses são diferentes em relação às áreas da cidade ou de cidades próximas e se relacionam em diferentes graus com o feirante, podendo alcançar o nível de intimidade, como foi demonstrado. Portanto, pode-se indicar que a diversidade do público da feira demonstra a variedade do perfil do freguês e como a diferença se revela enquanto elemento presente nesse evento.

1.2 O supermercado e a feira livre

O fluxo de pessoas na feira de domingo é muito diferente do que foi no passado, segundo os feirantes. Ainda que haja muitas pessoas passando hoje pela feira, essa quantidade é consideravelmente menor ao compararmos com os anos anteriores à década de 1990. O surgimento do padrão de consumo moderno proposto pelos supermercados ao longo dos anos 1990, no interior paulista, atravessou a feira livre com agressividade, interferindo na frequência das pessoas.

Antigamente o supermercado não vendia verduras e legumes, não vendia. Antigamente supermercado vendia outras coisas, então, quer dizer que todo mundo que precisasse de legumes e verdura ia na feira, então agora não, agora tem o supermercado que vende (NAIR, março de 2018).

Outro elemento presente na dinâmica funcional dos supermercados que influenciou negativamente a feira foi a extensão do horário de funcionamento, ficando abertos muitas vezes até as 22h e atendendo aos domingos. “Era fechado, lembra? Ele [supermercado] ficava [aberto] no sábado até as 22h e no domingo não abria” (NAIR, março de 2018).

Seu Iladevir, feirante há mais de 20 anos e produtor de suas mercadorias, complementa a fala de Dona Nair ao ressaltar as dificuldades da feira quando os supermercados começaram a funcionar com horários estendidos.

É, num [sic] tinha essa facilidade que tem, né. Primeiro, nós num [sic] tinha mercado, nós tinha [sic], era armazém, né. E o armazém chegava de domingo fechava. E agora o mercado entrou e o mercado tem praticamente 15h, 18h aberto, e no domingo também, né? Então, como o povo tem muito compromisso na semana, ficou fácil para o mercado e a feira ficou em segundo plano (ILADEVIR, janeiro de 2019).

Outro feirante que também resgata o supermercado como fator negativo à feira é Seu João, feirante há 50 anos. O feirante entrevistado relata que mesmo na época do início da instalação dos supermercados, eles eram pequenos e não trabalhavam com as mercadorias

perecíveis que a feira vendia, sendo que o local no qual você poderia encontrar esses produtos era a “quintadinha”.

“Várias quitandinhas que tinha, porque não tinha mercado grande, sabe, naquela época. Aí depois começou a surgir os mercados grandes e os mercados grandes começou a trabalhar com os mesmos produtos nosso. E além de o mercado trabalhar com o nosso produto, eles têm um modo de trabalhá [sic] diferente do nosso aqui, né?” (JOSÉ, janeiro de 2019).

Além da praticidade oferecida aos clientes e seus horários flexíveis, os supermercados ainda apresentam uma outra característica que dificulta o trabalho do feirante. O sistema de compra de mercadoria do supermercado favorece sua margem de lucro. Ao poder redirecionar ao fornecedor a mercadoria não comercializada, ele trabalha com possibilidades reduzidas de desperdício, ou seja, de prejuízo. Além disso, a grande escala de compra dos supermercados permite que seja possível a redução dos preços de suas mercadorias. Dona Nair demonstra esse raciocínio: “o supermercado compra de caminhão fechado, então ele pode fazer a promoção, porque como ele pega bastante, ele consegue um preço melhor, já o feirante não” (NAIR, março de 2018).

Ao longo das caminhadas etnográficas, Dona Lina comenta sobre quando o supermercado começou a vender verdura, ter padaria e açougue, e como a concorrência se tornou desleal. “Antes a gente vendia muito!” (Joselina, janeiro de 2019). E é taxativa quando afirma que não tem como competir com o mercado: “o feirante vai lá, compra uma caixa de cenoura pra vender, o supermercado vai lá e compra um caminhão fechado.” (JOSELINA, janeiro de 2019).

Mas a feira ainda é referência de boa qualidade no que se refere às mercadorias. Mesmo que o supermercado possa oferecer um espaço concentrado de produtos e um serviço com horário de atendimento acessível, a qualidade de suas mercadorias em relação à feira não é necessariamente boa. Mesmo nesse contexto o cliente do supermercado corre o risco de às vezes não encontrar o produto desejado.

Dona Nair, além de elogiar os produtos da feira, também os compra e os compartilha com a família. Ela acredita que as pessoas se habituem com as boas mercadorias da feira. “Eu compro um monte de coisa do senhor que vem de Vera Cruz, meu marido vai cedinho correndo pegar. Ele traz uma mandioca que eu queria que você visse, a hora que pegou pressão você desliga porque se não desmancha, é uma coisa gostosa, o sabor é outro, a mercadoria é outra. Então você se acostuma” (NAIR, março de 2018).

1.3 A presença do campo popular e do trabalhador precário

Ainda que os supermercados consigam interferir no fluxo e no desenvolvimento da feira livre, o movimento de pessoas que constroem o cotidiano da feira de domingo é quantitativamente relevante e qualitativamente diverso. O dia a dia da feira carrega em si a presença de diferentes cidadãos que proporcionam aos outros algum tipo de experiência.

No decorrer do trabalho etnográfico, fomos abordados por um menino que carregava um isopor. Ele se aproximava das pessoas ao longo da feira para vender doces que a mãe tinha produzido; a criança que trabalhava para ajudar família está na feira livre. As crianças, filhas e filhos dos feirantes que são criados nesse contexto, também fazem parte da dinâmica da feira. Dona Nair relata as dificuldades de trabalhar e ter de cuidar dos filhos ao mesmo tempo.

Mais difícil [...] era você oferecer a mercadoria pro freguês, tentar vender e os filhos ali do lado. Então você tinha que dar atenção pro freguês e atenção para as crianças quando acontecia alguma coisa, cê [sic] entendeu? Então eu sofri muito com isso. Nossa, eu inventava brinquedo, eu pegava aquelas caixas de madeira e falava que era trenzinho, punha as crianças dentro e forrava com alguma coisa pra ficar ali do lado (NAIR, março de 2018)

Os sujeitos que se oferecem para guardar os carros nas ruas que cercam a feira livre em troca de algum dinheiro são frequentemente ignorados e, quando atendidos pelos donos dos carros, acontece de forma distanciada, beirando o desprezo e o medo. Ao longo de uma conversa com uma moça que olhava os carros na rua, ela encerra o diálogo com uma sentença afirmativamente realista: “a vida não está fácil”.

Outras pessoas que também vivem no limite material à margem da sociedade são frequentemente encontradas na feira. Em uma das visitas à feira de domingo, começamos a reparar na presença de uma senhora com deficiência física, sentada no chão em uma das extremidades da feira, pedindo dinheiro. Já a tínhamos visto em outros momentos e em outros lugares da cidade, mas talvez na feira ela fosse mais vista pelos sujeitos por ser um ambiente propício à receptividade social.

Na feira ainda há outras pessoas pedindo dinheiro, mas por motivos diferentes. É exatamente no meio da rua em que a feira é realizada. Em alguns domingos é possível contemplar uma senhora tocando músicas tradicionais caipiras no acordeão. Sentada em um banco, ela segura o instrumento, que cobre metade do seu corpo. Ela o toca e canta ao mesmo tempo em que observa um ponto fixo com um olhar vago, como se ela nem estivesse presente. À sua frente há uma caixa de madeira com uma abertura na tampa para receber as contribuições das pessoas que passam por ali.

Imagem 5 - Fregueses da feira livre e mendigo à esquerda de mochila



Podemos afirmar que filhotes de cachorro causam uma sensação em adultos e crianças. Todos os domingos, em uma barraca na área central da feira, no centro da banca, há uma gaiola com filhotes de cachorro à venda, e, às vezes, para adoção. Ali é um ponto de parada para muitas pessoas; elas aproveitam a oportunidade para brincar com os filhotes entre os espaços abertos das gaiolas, inserindo seus dedos para ao menos sentir a maciez dos pelos. Em alguns dias os sujeitos levam crias de seus cachorros em caixas ou nos braços para vender ou doar. Lembramo-nos de uma mulher com seus prováveis 30 anos, com uma camiseta preta e calça jeans que segurava dois filhotes de *chow-chow* em cada mão, um marrom e outro caramelo, um macho valendo R\$ 700 e uma fêmea de R\$ 500.

Manifestações religiosas cristãs são frequentes na feira de domingo. Sujeitos ou grupos em roda se reúnem no início da feira para falar sobre Deus e a fé, às vezes na perspectiva católica, e em outras na perspectiva evangélica. Muitas vezes, para tentar chamar a atenção das pessoas, são usadas caixas de som que tocam músicas *gospel* no volume máximo ou em pregações solitárias ou em grupo. Normalmente as manifestações mais estridentes acontecem não propriamente na área destinada à feira, mas muito próximo a ela, um pouco antes de seu início.

Em época de eleições a feira também tem visibilidade. À luz do potencial público e popular da feira livre, os candidatos a cargos políticos usam a feira para acessar e ampliar o número de eleitores. No período das eleições de 2018, no dia 16/09 havia pessoas trabalhando para a campanha eleitoral de alguns candidatos vinculados a partidos de direita e liberais. Eles

alçavam mastros com grandes bandeiras estampadas com o rosto do candidato e a “figura política” que o apadrinhava.

O feirante se levanta de madrugada para começar a trabalhar e, com o sorriso de um trabalhador subproletariado¹⁹ do comércio popular brasileiro, ele atende seus fregueses. Ao mesmo tempo em que trabalha vendendo sua mercadoria, o feirante desenvolve sua função de forma comunicativa e simpática, possibilitando, desta forma, a criação de relações com os sujeitos. Evidentemente que o sujeito feirante não é naturalmente receptivo em seu trabalho, podendo muitas vezes não apresentar seu perfil simpático ao freguês. Seu trabalho é árduo e exige um comprometimento regular. Acordar de madrugada, produzir sua própria mercadoria, não ser organizado politicamente, não possuir direitos trabalhistas e ainda ter de lidar com o Poder Público podem ser considerados alguns elementos que podem influenciar o humor do feirante segundo eles mesmos. Ainda que possamos observar um nível de sucateação da profissão de feirante, esses trabalhadores subproletariados resistem às intempéries sociais e climáticas para trabalhar e, na maioria das vezes, atender seus fregueses de forma simpática e receptiva.

Imagem 6 - Banca familiar com menina trabalhando



¹⁹ André Singer (2012) explica que a categoria do subproletariado foi defendida por Paul Singer (*apud* SINGER, 2012, p. 19) ao analisar as camadas pobres da população. Essa fração de classe caracterizada por ser uma sobrepopulação superempobrecida permanente representava 48% da população economicamente ativa em 1976, sendo que em contraposição havia 28% de proletários. Desta forma, observa-se que o subproletariado se encontra abaixo do proletário. Viver uma vida precária é considerado reserva de força de trabalho e representa uma fatia significativa da população brasileira.

Desta forma, a feira livre é frequentada por diferentes sujeitos com diferentes condições e perspectivas de vida. Ainda que a feira possa ser considerada um centro popular de compra e abastecimento da população (DANTAS, 2008), podemos identificar que ela também é um espaço do subproletariado à medida em que encontramos características de trabalho infantil, mendicância e trabalhadores em condições precárias, como os informais guardadores de carros e os próprios feirantes.

1.4 As faltas da prefeitura

O cotidiano da feira também é influenciado pelo Poder Público por meio da fiscalização e decisões que surgem com a Secretaria Municipal da Agricultura, Pecuária e Abastecimento²⁰. Algumas atribuições do Poder Público sobre a feira livre são negligenciadas muitas vezes por falta de estrutura, tornando-se este responsável por afetar a segurança, a organização e os direitos dos feirantes. As atribuições e funcionamento da feira, como, por exemplo, a autorização do local onde será realizada, são aplicadas pela Secretaria²¹. Este órgão da prefeitura funciona como um interlocutor, muitas vezes malsucedido, entre os feirantes e o Poder Público, com o diálogo fragmentado que se constrói com base na falta de estrutura da Secretaria e na sobreposição dos interesses políticos de ambos os feirantes e da feira.

As consequências dessa relação potencialmente tensa se desdobram para a qualidade dos serviços prestados do feirante, do bom funcionamento da feira e de sua proteção de fatores externos. Para Dona Nair, o Poder Público e o prefeito abandonaram a feira. Segundo ela, uma das faltas é a má sinalização da feira.

Antigamente [referência aos anos 1980] que falo na época que eu comecei, todas as feiras quando se chegava lá tava [sic] interditado, tinha placa, sabia que entrava ali só feirante, era aquela placa grande escrita feira livre, o feirante passava do lado entrava e ia montar a feira dele, não entrava pessoa de fora. Agora não tem mais isso, quer dizer que às vezes eu tô [sic] montando minha banca lá, é que eu compro cone, eu ponho cone, mas tem carro que vem, a turma que vem da farra, domingo ali na avenida tem cara que vem em alta velocidade de moto de carro e ainda tira aquela fininha de você, um perigo (NAIR, março de 2018).

²⁰ As responsabilidades da Secretaria com a feira são “dirigir e supervisionar as atividades de fiscalização de mercados e feiras, fiscalizar a ordem e a higiene nas dependências de quitandas, mercados supermercados e mercados municipais, fiscalizar o cumprimento do horário de início e término das feiras e mercados; arrecadar, mediante recibos, as rendas provenientes da utilização de áreas livres e de instalações, recolhendo à tesouraria, nos prazos determinados, as importâncias que arrecadar diretamente.” Disponível em: <<http://www.marilia.sp.gov.br/prefeitura/secretaria-municipal-da-agricultura-pecuaria-e-abastecimento/>> Acesso em maio de 2019.

²¹ O papel do Poder Público sobre a feira livre será discutido ao longo deste capítulo. Esse órgão da prefeitura se faz presente na história da feira livre à medida em que legisla sobre tal fenômeno urbano e realiza uma mediação entre a demanda dos feirantes e permissões do Poder Público.

Outro ponto importante dessa relação da feira com a prefeitura é a organização do evento. Os feirantes pagam anualmente a licença para poder trabalhar na feira e este pagamento funciona por meio de um boleto. A administração desse serviço fica por conta da secretaria citada. Contudo, algumas pessoas participam da feira como feirantes informais e vendem suas mercadorias por meio de uma estrutura física precária, como, por exemplo, caixa de isopor ou mesas de armar. Dona Nair, como outros feirantes, se sente prejudicada pelo fato de que a obrigatoriedade da licença não se estende a todos.

Às vezes você está trabalhando e vem gente de situação boa, dona de fazenda tudo, chega lá com mercadoria, com isopor e para num canto e vende, então eu reclamo muito, bato sempre na tecla. Não paga nada, porque o fiscal agora não tem o talão para receber, ele manda o cara ir lá na prefeitura fazer o alvará, o cara não vai e quem vai obrigar ele? Ninguém (NAIR, março de 2018).

Os fiscais da feira que respondem à Secretaria não conseguem realizar um trabalho completo, deixando falhas que desagradam os feirantes e os fregueses. O número de fiscais, hoje, da feira é reduzido, são três fiscais para acompanhar todas as onze feiras da cidade. Portanto, fica evidente que a precária estrutura da secretaria não consegue desenvolver suas atividades obrigatórias para com a feira.

A falta de feirantes em alguma data comemorativa ou a falta sequencial por motivo de saúde, por exemplo, também afeta a feira em sua organização e estética. A secretaria não consegue absorver a demanda dos feirantes que orientam os fiscais a eliminar os espaços vagos das barracas que faltam. Deixar os espaços vagos é uma forma de indicar que a feira está diminuindo ou acabando, propõe uma imagem depreciativa da feira às pessoas da cidade, segundo os feirantes. Em um domingo, feriado de Páscoa, foi possível observar essa ausência de feirantes e como isso desagrada os fregueses e a dinâmica da feira. A feirante Joselina, vendedora de ovos há mais de 35 anos, também reclama dos espaços vagos entre os feirantes e responsabiliza o Poder Público por isso.

Ó, falar bem pra você o prefeito não tá nem aí com a gente. Olha, prefeito, secretários, fiscais mesmo, não faz nada pela feira, nada, nada, nada. Ó que nem, pode olhar, ó os buracos que têm na feira. A gente já cansou de pedir pros chefes dos fiscais pra juntar! Trazer aquelas bancas pra cá pra preencher esses buracos que tem que é feio isso. Não tá nem aí, não tá nem aí (JOSELINA, janeiro de 2019).

Além dessas questões, a segurança da feira é frágil. Dona Nair relata que na feira aparecem “muito andarilho, muito ladrão, essa turma que fala da saidinha, na feira todo mundo para ter cuidado quando tem saidinha, esta ruma da saidinha gosta muito de ir na feira.” (NAIR, março de 2018). Se é para cometer algum delito ou porque nesse espaço não se sentem julgados, não sabemos, mas é certo que esses personagens citados por Dona Nair existem. Quando questionada sobre a existência de assaltos na feira, D. Nair responde que existe assalto e precisa

se defender sozinha, “não tem policiamento” (NAIR, março de 2018). O Poder Público mais uma vez não consegue atender à demanda da feira, deixando-a à própria sorte.

Desta forma, podemos identificar que a falta de funcionários e estrutura do órgão do Poder Público responsável pela administração da feira livre prejudica o funcionamento desse fenômeno urbano à medida em que não consegue atender as demandas da feira. No limite, os feirantes sugerem uma negligência por parte do Poder Público. A dificuldade de estender a todas as obrigatoriedades do pagamento de taxas, a insegurança por falta de sinalização e os “buracos” da feira livre são algumas queixadas dos feirantes que influenciam negativamente na condição de seu trabalho, bem como no próprio funcionamento da feira livre.

1.5 O feirante e a feira livre

As definições de feira pelos feirantes são variadas, mas todas expõem a importância desse evento para sua vida material e social. Embora alguns desacreditem no futuro da feira baseando-se em um pessimismo estrutural, historicamente a feira se desenvolve por muitos séculos ao passo em que incorpora novas formas de funcionar adaptando-se à conjuntura. Mas, existe algo em comum a toda a trajetória da feira, que é a sua função no espaço da cidade. Trocam-se os sistemas políticos e econômicos, contudo a feira continua a receber muitas pessoas para comprar e muitas outras para socializar por meio de um passeio urbano.

Para entender o que a feira representa na vida dos feirantes e, assim, conseguir dimensionar o papel dela para além de sua função, foi realizado um garimpo nas entrevistas realizadas com os trabalhadores. Apresentamos a seguir o que é a feira para eles.

Seu Iladevir, natural de Santa Ernestina-SP, é um senhor católico de 78 anos que faz feira e é produtor autônomo há muitos anos. Mora em seu sítio com a esposa e duas filhas, a terceira mora em outra casa, mas sempre os visitam. Trabalhou 25 anos na roça com seu pai e depois mais 27 anos na antiga fábrica de cerveja Antarctica. Há 27 anos trabalha em seu sítio, e desde o ano 2000 faz feira na cidade de Marília na terça, quarta, quinta-feira, no sábado e no domingo.

A feira livre é a forma de sustento de Seu Iladevir e de sua família, um trabalho que ele realiza sorridente, atendendo os pedidos e as dúvidas dos seus fregueses. Embora a feira tenha um papel importante na vida do feirante, ela apresenta uma perspectiva pessimista sobre suas possibilidades. “Eu não vejo a possibilidade de melhorar não [a feira].” (ILADEVIR, janeiro

de 2019). Segundo o feirante, a feira livre não poderia acabar de forma rápida e descomplicada, mas sua perspectiva é de que pode existir o fim para a feira.

A questão é que, com 78 anos daqui um dia eu paro. Outro velho ali, se cê [sic] olhar pra lá tem mais alguns velhos, mais outro ali! Então, a hora que, a hora que eu parar vai parar meu sítio também, entende? Então são duas percas, um feirante a menos e um sitiante a menos... A coisa é assim, ora parece que as coisas são distribuídas pros [que tem] mais e pros que tem menos é nada, depois aquele tem mais vai comprando daquele que tem menos, a vida daquele que tem menos (ILADEVIR, janeiro de 2019).

Mesmo com essa perspectiva concreta e negativa sobre o futuro da feira, há outros feirantes que ao falarem sobre a feira livre expõem pontualmente, ou ao longo de sua história, a importância de tal fenômeno.

Feirante há 50 anos e um devotado cristão, Seu José tem 73 anos e faz feira todos os dias da semana, menos segunda-feira, quando não há nenhuma feira na cidade. Com 5 filhos, Seu José precisou que sua renda fosse ampliada; trabalhava em uma fábrica de rodas quando começou a fazer feira. Quando despediram Seu José da fábrica, foi na feira que ele conseguiu formar sua base financeira, proporcionando condições materiais para cuidar de sua família.

Por mais difícil que possam ser alguns dias, Seu José não reclama. “Não, eu gosto [de trabalhar na feira]. Eu não posso falar mal porque que nem eu falei a feira me ajuda (JOSÉ, janeiro de 2019).

Depois de ter criado os filhos e eles saírem de casa, Seu José vê a feira de uma forma diferente que antes. A dependência material para com a feira ainda existe, mas a feira para ele é vista de outra forma. “Pra mim isso aqui, agora que eu fiquei velho já, antigamente eu entrei com 20 e poucos anos na feira, né, hoje eu tô velho demais, então pra mim agora isso aqui é área de lazer isso aqui, isso aqui é diversão pra minha cabeça! Cê [sic] entendeu?” (JOSÉ, janeiro de 2019).

Em outro momento, Seu José conversando, conosco, se refere a outro sujeito que passava em frente à sua banca; disse que o conhecia desde quando o sujeito era criança. Essa memória o lembrou há quanto tempo trabalha como feirante. “Eu conheci esse menino aí ó, desde criança não foi? Tô falado pra ele, tenho 50 anos de feira! 50 anos de feira eu tenho. Esse ano tô fazendo 50 anos de feira.” (JOSÉ, janeiro de 2019). A história do Seu José se vincula à da feira e, como se vê, os limites da história do feirante e da própria feira livre não são concretos. Como devoto do cristianismo, ele lê a vida e a realidade pela lente da religião. “Se você confiar em Deus, Deus manda a pessoa certa pra conversar com você, pra dar uma ideia boa procê [sic], é Deus que tá falando, é Deus que tá indicando. Tudo que eu tenho hoje, que eu possuí até hoje, não fui que ganhei trabalhando, trabalhei, mas foi Deus que me deu.” (JOSÉ, janeiro de 2019). A feira que tanto ajudou Seu José e hoje é seu “lazer” para ele é uma graça divina.

Outra feirante que expõe definições significativas sobre a feira livre é Dona Nair, feirante desde o início dos anos 1980. Trabalhou vendendo roupas usadas e depois vendendo café e queijo, produtos os quais continua a vender até hoje junto de alguns temperos e doces. A história da feirante também está vinculada à feira, pois ela criou seus filhos em seu local de trabalho e comprou sua casa e a chácara que usa para torrar seu café por meio de seu trabalho como feirante.

Além de criar os filhos, Dona Nair conta sobre como foi o dia em que deu à luz ao seu segundo filho, Fernando.

O outro já tinha cinco anos quase seis e eu nem imaginava e eu fiquei grávida do Fernando. Eu fui na feira no domingo trabalhei, eu tava [sic] com cólica, levei dipirona e tomava dipirona e meu marido disse: que tanto você toma isso daí? Ai eu quieta, trabalhei, era um domingo de pagamento, a turma tira o sarro de mim, diz que é por isso que ele vem atrás de mim por causa de dinheiro, aí quando foi onze horas mais ou menos assim eu disse pra ele: me ajuda guardar que daqui eu vou só tomar um banho e vou pro hospital, foi dito e feito, guardamo [sic] as coisas rapidinho, de qualquer jeito, viemo [sic] em casa tomei um banho e fui pra lá. Só que não nasceu normal, mas já tava [sic] roxinho quando nasceu, e a turma tira o sarro né, porque eu falava: não posso perder a feira do pagamento e ele nasceu (NAIR, março de 2018).

Ao longo da fala de Dona Nair foi possível identificar a presença e importância da feira para ela. Em uma narração sobre como um cliente implicava com ela, D. Nair relata o verdadeiro motivo dela estar ali na feira. “Eu levanto cedo e venho na feira porque eu preciso, isso daqui é minha profissão, eu vim trabalhar.” (NAIR, março de 2019). A feira, antes de tudo, é o seu trabalho.

Outra característica sobre a perspectiva da entrevistada surge quando ela está falando sobre a dificuldade de faltar na feira. A ausência gera nela o receio de perder seu freguês.

Às vezes a gente tem vontade de faltar, pra descansar um domingo, qualquer coisa, mas você tá espantando seu freguês pra outra pessoa e vai que ele vai em outra banca, depois fica difícil pra ele voltar. Mas não é que a gente é fominha [sic], que não falta, não é, você pensa no freguês, ele sabe que no domingo você vai tá lá, ele sabe que na sexta-feira você vai tá lá (NAIR, março de 2019).

Nesse contexto sobre a necessidade de faltar na feira, ela é afirmativa e revela a importância do evento. “Só que nós somos rigorosos, pode tá chovendo, pode tá acontecendo o que for, a feira é sagrada. Nós vamos pra lá, não deu pra montar naquele horário a gente fica dentro da perua esperando passar a chuva, esperando não sei o quê, mas você vai e é sagrado.” (NAIR, março de 2019).

Desta forma, os limites entre a feira livre e as histórias dos feirantes são nebulosos. À medida em que trabalham enquanto feirantes, esses sujeitos se constroem nesse espaço. Em um primeiro momento, a feira é uma opção de trabalho, e, com as condições precárias nas quais o sujeito normalmente se encontra, ele acaba por estender na feira sua esfera privada. Feirantes e suas famílias trabalham nas bancas e desenvolvem suas histórias.

Ainda que o feirante construa sua história junto à feira livre, ao desdobrar sua esfera privada para a feira, ele acaba, também, por viver suas dificuldades nesse fenômeno, como é possível observar no caso de Dona Nair, que tinha um emprego formal enquanto trabalhava na feira. Outro elemento interessante é quando a feira livre é interpretada pela chave religiosa. Esta interpretação do feirante sugere que ele pode entender a feira livre enquanto um fenômeno importante tanto quanto a religião é para eles.

2. Notas sobre os pressupostos da igreja neopentecostal Universal do Reino de Deus

A unidade central da igreja Universal do Reino de Deus que demonstrou interesse pelo espaço em que a feira era realizada aos domingos nem sempre esteve instalada na Avenida Tancredo Neves. Anteriormente ela funcionava na Avenida Sampaio Vidal, na mesma rua para a qual a feira foi transferida. Porém, a igreja ocupava um prédio mais central e mais acessível em relação ao transporte coletivo. A unidade central é responsável por mais cinco unidades, que estão distribuídas de norte a sul da cidade, contemplando a região central (duas unidades) e bairros como Nova Marília (uma unidade) e Santa Antonieta (três unidades), que possuem uma população em estado precário e estão à margem da urbanidade do município.

Para entendermos como essa igreja se relaciona com outros elementos urbanos na cidade e identificarmos a direção da influência sobre seus fiéis, é necessário resgatar os principais pressupostos que orientam seu funcionamento e ideologia. A intenção é constatar se há relação entre a igreja Universal e a lógica de segregação dos enclaves fortificados e, com isso, distinguir o papel dessa instituição religiosa sobre a mudança da feira livre de local.

Imagem 7 - Fachada da unidade central da igreja Universal do Reino de Deus



O neopentecostalismo se desenvolveu no Brasil a partir da segunda metade dos anos 1970 e se fortalece à medida em que se expande nas décadas de 1980 e 1990. Essa vertente originou-se a partir do pentecostalismo clássico, que no Brasil foi inserido a partir do início do século XX com forte influência do movimento religioso dos Estados Unidos. As igrejas neopentecostais se desenvolveram de forma significativa no estado de Rio de Janeiro,

concomitantemente à criação de outras igrejas em outros estados. A Universal do Reino de Deus foi criada em 1977; a Internacional da Graça de Deus, em 1980; e a Cristo Vive; em 1986, surgiu no Rio de Janeiro; já a Comunidade Evangélica Sara Nossa Terra iniciou seus trabalhos em Goiás, em 1976; a Comunidade da Graça, Renascer em Cristo e a Igreja Nacional do Senhor Jesus Cristo foram criadas no estado de São Paulo em 1979, 1986 e 1994, respectivamente (MARIANO, 2014).

Dentre essas igrejas, a Universal do Reino de Deus se tornou a grande referência do neopentecostalismo brasileiro por questionar alguns pressupostos do pentecostalismo brasileiro clássico. “[...] a controversa Universal, justamente com a principal igreja neopentecostal, é [...] a maior novidade do pentecostalismo brasileiro” (MARIANO, 2014, p. 34).

A igreja Universal possui particularidades que contribuíram com sua solidificação e expansão. Podemos classificar suas especificidades em dois grupos de características: um voltado à sua estrutura e funcionamento, e o outro sobre a visão de mundo que é inculcada em seus seguidores.

Existe uma orientação específica na estrutura e na forma como opera a igreja Universal e algumas outras igrejas neopentecostais. A lógica empresarial de obtenção de lucro se estende à igreja neopentecostal segundo Oro (1992 *apud* MARIANO, 2014), influenciando em suas ações administrativas, bem como em sua finalidade. A partir das características dos cultos da igreja de Edir Macedo, é possível identificar a identidade de um corpo funcional que contribui para podermos pensar a igreja como um todo. Há uma ordem hierárquica entre os cargos encarregados pelos cultos. O topo dessa pirâmide de poder é representado pelo pastor titular, que é responsável por uma unidade, seguido por outros pastores. Logo após, há os obreiros, que são os sujeitos que realizam as tarefas que os pastores não conseguiram resolver, seja por falta de tempo ou qualquer outro motivo. Os obreiros são “os que ajudam, auxiliam a cuidar das pessoas, atender as pessoas, fazem um trabalho de acompanhar, de ajudar, cuidar das famílias” (RAFAEL, fevereiro de 2019). Por fim, os evangelistas estão na base da pirâmide, Segundo o Pr. Rafael (fevereiro, 2019), a função deles é contribuir angariando almas para a salvação, levando os doentes e necessitados para ouvir ou conhecer a palavra de Deus. Essa dinâmica de poder entre os cargos da igreja pode ser lida à luz da lógica estrutural de uma empresa capitalista. A hierarquia remete à ordem necessária que o trabalho seja realizado para determinado sentido, no caso para crescimento e obtenção de lucro.

A relação com o dinheiro também induz à possibilidade de a lógica empresarial ser referência para a igreja Universal. A etnografia realizada nessa pesquisa e em outros dados

coletados revelou a relevância do dinheiro atribuído à igreja. Em um culto da unidade central na quinta-feira, na cidade de Marília, às 12h, voltado à terapia do amor, foi observado o pedido do dízimo por três diferentes motivos. Essas doações eram recolhidas em sacos de veludo vermelho pelos obreiros, além da possibilidade de doações via cartões de débito e crédito que eram recolhidas pelas máquinas em prontidão nas mãos dos obreiros. O primeiro pedido de dízimo foi referente à interpretação bíblica que determina que o fiel deve doar para a igreja 10% de sua renda.

A Bíblia diz assim que o dízimo é a décima parte de tudo que vem nas minhas mãos, lá em Malaquias 3:10, se você não tem trabalho, tá desempregado a sua renda é 0, o dízimo é de 0. [...] A pessoa que recebeu agora o salário dela, antes de gastar com qualquer outra coisa “Meu Deus, tá aqui o meu dízimo, eu sei que o meu dízimo, financeiramente ele vai ser usado pra manter o trabalho das pessoas de Deus” (RAFAEL, fevereiro de 2019).

O segundo pedido foi para a especificidade do culto: as pessoas que queriam bênçãos no amor deveriam oferecer esse dízimo. Vale ressaltar também que o dízimo representa o comprometimento do fiel para com a igreja e com Deus. Quanto mais farto foi o dízimo, maior será a garantia para que se alcance as graças almejadas.

Por fim, o motivo do terceiro dízimo foi mais específico que o anterior. No momento da pesquisa em que a etnografia foi desenvolvida, a igreja estava recebendo a visita da “Arca da Aliança”, uma réplica do objeto em que eram guardadas as tábuas dos Dez Mandamentos escritas por Moisés. Assim, no altar havia uma estrutura física retangular dourada, com muitos adornos e com duas hastes laterais para ser carregada por obreiros trajados de branco (Imagem 04). Esta urna é deslocada pelas igrejas Universais no Brasil e em outros países, tentando oferecer a experiência para o maior número de pessoas. A “Arca da Aliança” representa a possibilidade de realizar o sacrifício, que pode ser interpretado como um tipo de dízimo expandido. O sacrifício é entendido como um momento importante e relevante em que a graça desejada pelo fiel é proporcional ao tamanho de seu sacrifício, pois, segundo as palavras do obreiro Gabriel (fevereiro de 2019), “quando se sacrifica o dinheiro do aluguel, da condução, de tudo, você está sacrificando a matéria para [alcançar] as bênçãos”.

A capacidade da igreja de obter fundos para suas obras, novas igrejas ou novos projetos de evangelização é surpreendente, como foi visto. O fato de que a igreja Universal possui uma clara e eficiente forma de obtenção de recursos justifica a enorme riqueza acumulada. Fica evidente que Edir Macedo, o responsável pela criação e pelo funcionamento até hoje da igreja Universal, foi capaz de se apropriar de referências distintas das outras vertentes protestantes e, ao passo que a igreja se desenvolvia, ele conseguiu intensificar os elementos singulares da igreja. Hoje, sabe-se que igreja Universal do Reino de Deus passou por momentos difíceis nos

quais seu representante foi processado e preso por acusações de estelionato e charlatanismo. Contudo, essa instituição religiosa conseguiu ultrapassar as dificuldades graças a Deus, segundo os fiéis e pastores, e atualmente detém um amplo leque de possibilidades de crescimento. A Igreja de Macedo possui meios de comunicação, como o jornal expresso *Folha Universal*²² e a emissora de televisão Record²³. Sua igreja está presente em mais de 100 países. Ressalta-se também que a Universal está on-line, ou seja, está presente em todas as redes sociais, como Facebook e Instagram, e possui um *website* extremamente detalhado, no qual é oferecida, entre outras coisas, a possibilidade de realizar doações, o serviço “Pastor on-line”²⁴, que funciona como um aconselhamento disponível 24 horas por dia.

Para além dessas formas de acesso à igreja, os fiéis têm a seu alcance uma quantidade considerável de cultos em todos os dias da semana. As igrejas Universais centrais, que nas cidades médias estão instaladas nas áreas centrais e são especialmente grandes, mobilizam um total de trinta e cinco cultos por semana, cinco cultos por dia e cada dia com um tema específico. Os cultos abordam diferentes temas, como, por exemplo, às segundas-feiras há o Congresso para o Sucesso e, às quintas-feiras, acontece a Terapia do Amor, como mostra a Imagem 05.

²² O jornal impresso da igreja Universal funciona desde 1992 e possui mais de 1.415 exemplares. Sua tiragem, hoje, representa um total de 1.867.875 unidades, alcançando tanto as grandes cidades quanto as médias e pequenas cidades brasileiras.

²³ O evangelismo eletrônico foi ricamente usado pela Universal como meio de alcançar mais pessoas. Os sujeitos que não frequentavam ou não conheciam a Universal passaram a ter contato com a igreja por meio de programas em que pastores pregavam a palavra de Deus segundo os pressupostos da igreja neopentecostal. Este tipo de evangelização foi fundamental na história da igreja, considerado uma das ferramentas responsáveis por sua ampliação exponencial nos anos 1990 (MARIANO, 2014).

²⁴ Disponível em: <<https://www.universal.org/a-universal/>> Acesso em: 23 de maio de 2019.

Imagem 8 - Cronograma de cultos da igreja Universal do Reino de Deus referente à unidade central da cidade de Marília



Dia	Tema	Horário
Segunda-Feira	Congresso para o Sucesso	08h-10h-12h-15h-18h-19h30
Terça-Feira	Sessão do Discartego	08h-10h-12h-15h-18h-19h30
Quarta-Feira	A Noite da Salvação	08h-10h-12h-15h-18h-19h30
Quinta-Feira	Terapia do Amor	08h-10h-12h-15h-18h-19h30
Sexta-Feira	Desafio da Cruz	08h-10h-12h-15h-18h-19h30
Sábado	Jejum dos Impossíveis	7h-10h-12h-15h-19h30
Domingo	Concentração de Fé e Milagres	08h-8h-10h-15h-18h

ENTRE E RECEBA UMA ORAÇÃO

A visão de mundo disseminada pela Universal apresenta similaridades e grandes diferenças em relação às vertentes protestantes anteriores a ela. O pentecostalismo e o deuteropentecostalismo²⁵ carregam em si características que se desdobraram na igreja neopentecostal como o “antiecumenismo, a imagem de líderes fortes, o uso de meios de comunicação de massa, o estímulo à expressividade emocional, a participação na política partidária e a pregação da cura divina” (MARIANO, 2014, p. 36). Contudo, há três aspectos fundamentais sobre o neopentecostalismo que não são encontrados nas vertentes anteriores. O primeiro elemento é a guerra espiritual contra o Diabo e o seu cortejo de anjos degenerados; a segunda característica é a pregação enfática da Teologia da Prosperidade; e, por último, há a permissão para que os usos e costumes de santidade estereotipados sejam abandonados (MARIANO, 2014).

Fica claro, portanto, que, além do corte histórico-institucional em ondas, as diferenças teológicas e (em parte decorrente dessas), as comportamentais (abandono do ascetismo intramundano) e sociais (diminuição do sectarismo) compõem os critérios adotados para a classificação do neopentecostalismo. (MARIANO, 2014, p. 37)

²⁵ Mariano (2014) explana seu método de classificação das igrejas protestantes brasileiras e entende que o deuteropentecostalismo é uma vertente que está entre o pentecostalismo clássico e o neopentecostalismo, com características distintas, ao passo que carrega em si, como as igrejas neopentecostais, elementos da vertente pentecostal.

Em linhas gerais, a grande mudança que distingue o movimento pentecostal da vertente neopentecostal se expressa também no direcionamento de seus métodos. Ao se basear na ruptura com o sectarismo e o ascetismo puritano, a igreja neopentecostal se torna a primeira linha protestante a propor a “afirmação do mundo” (MARIANO, 2014, p. 36).

Guerra Santa

As dificuldades e provações da vida de Jesus e a função encarregada aos discípulos de expulsarem os demônios em Seu nome são os argumentos dos pastores, orientados pela *Bíblia*, para considerar a existência de uma entidade negativa que prejudica as pessoas. A interpretação bíblica dos neopentecostais justifica suas crenças sobre o Diabo e seus demônios, bem como a necessidades dos rituais de exorcismo (MARIANO, 2014). As ações divinas e demoníacas se desdobram para a vida terrena dos sujeitos, contribuindo para as graças e pesares da vida cotidiana. Nesse contexto, pastores e fiéis não acreditam no acaso; para eles todas as coisas possuem sentido e a *Bíblia* é a portadora das respostas necessárias.

Para o pastor Rafael, responsável por uma das unidades da igreja Universal na cidade de Marília, a *Bíblia* contém as orientações para que todos consigam alcançar a graça da salvação por meio da fé. Nessa interpretação, o Diabo pode ser considerado uma doença ou um mal qualquer que aflige o sujeito. Em uma fala do Pr. Rafael, é possível identificar essa estrutura interpretativa.

A gente tem como nossa bússola a Bíblia né, a palavra de Deus, então o que tá escrito ali a gente tem entendimento que é tudo correto, por exemplo, a pessoa chega doente e quer ser curada, como que ela vai ser curada? Pela fé. Como que a gente vai colocar essa fé dentro da pessoa? Mostrando o que está escrito, aí tem aquele versículo “O Senhor Jesus levou sobre si todas as nossas dores”, então a gente imagina assim “Poxa, se Jesus levou sobre si as minhas dores, então eu não posso aceitar a doença”, e é onde a pessoa começar a usar essa fé pra não aceitar, ainda que ela esteja passando aquele problema, pra ela não aceitar aquela situação, aquele problema, aquela doença (RAFAEL, fevereiro de 2019).

A guerra entre Deus e o Diabo, a tensão dualista sagrada entre bem e o mal, “a luta entre os reinos celestiais e das trevas” (MARIANO, 2014, p. 113) está presente tanto no catolicismo quanto no pentecostalismo clássico. Contudo, a grande diferença da interpretação neopentecostal é sobre a carga de importância dada a essa guerra. Há uma exacerbação da guerra entre o bem e o mal, em que as ações dos pastores e de toda a estrutura da igreja Universal²⁶ se tornam agressivas e combativas, ao passo que enfatizam essa lógica da salvação e tentação.

Se eu creio em Deus, eu sei que o Diabo existe, eu imagino que se eu acredito em Deus, imagino então que tudo que é bom vem de Deus, e tudo que não é bom não vem de Deus (RAFAEL, fevereiro de 2019).

²⁶ Outras igrejas da classificação deuteropentecostal, como, por exemplo, Deus é Amor e Casa de Bênção também dialogam com a interpretação neopentecostal sobre a “guerra santa” (MARIANO, 2014).

É importante entender onde se localiza o Diabo na vida cotidiana das pessoas. Esta entidade que representa o mal e as dificuldades da vida está presente nos lares dos sujeitos, assim como nos espaços públicos e coletivos. O mal é representado pela ação que contraria os pressupostos da igreja. Por isso, as limitações materiais, físicas e emocionais são entendidas enquanto a sombra da perdição e do maléfico. O Diabo está “em tudo que é problema, tudo que faz o ser humano sofrer, tudo que faz mal” (RAFAEL, fevereiro de 2019).

Eu imagino que o Diabo, que o espírito maligno tá em todo lugar, não tá só no bar, tem tantas pessoas que dentro das suas casa que não se dão bem com a família, então a gente imagina que em uma força negativa ali que não deixa aquela família se [*inaudível*, “se abrir”, talvez]. Tantas pessoas que falam assim “Quero largar o vício, a droga, a bebida”, mas pessoa diz assim, ela fala que vai largar, mas ela não tem aquela força pra, sempre tem uma força que leva a pessoa pra aquele caminho de novo, né? Então você imagina, o espírito tá [*sic*] em todo lugar... (RAFAEL, fevereiro de 2019).

Os problemas cotidianos estão incorporados pelo sentido maléfico do Diabo. Nesse contexto, as igrejas neopentecostais promovem soluções simbólicas baseadas na fé para alcançar a salvação e o afastamento do mal. Essas igrejas orientam e ajudam as pessoas a superar as angústias do cotidiano, “tenta dar-lhes esperança e fomentar sua autoconfiança” (MARIANO, 2014, p. 146). Por isso, o Pastor Rafael (fevereiro de 2019) explica que na igreja Universal as pessoas aprendem a palavra da *Bíblia*, mas que os aprendizados precisam ser aplicados em suas vidas cotidianas, ou seja, a palavra de Deus, concomitantemente à fé, sanaria os problemas.

Aqui a pessoa aprende o teórico né, a fé na verdade a gente coloca em prática da porta pra fora. O que povo aprende, o que a gente aprende aqui, a gente coloca em prática lá fora, no trabalho, com a família, mudando como pessoa, lutando pra ser uma pessoa cada vez melhor (RAFAEL, fevereiro de 2019).

A guerra santa das igrejas neopentecostais também incorpora elementos de outras religiões em um sentido depreciativo. Dentre essas religiões, destaca-se as com matriz afro, as quais são difamadas pelas neopentecostais, bem como outras igrejas do pentecostalismo clássico por suas práticas e crenças. Além de afirmar que nessas religiões há entidades malignas que intentam o prejuízo das pessoas, alguns elementos se fazem presentes na cerimônia da igreja neopentecostal, como, por exemplo, os exorcismos que são realizados pelos pastores em fiéis que incorporam espíritos do candomblé ou da umbanda.

Por fim, a igreja neopentecostal, representada nessa pesquisa pela igreja Universal, realiza uma militância religiosa que exige a erradicação do que a sua interpretação define como mal. “Passados dois milênios, a boa-nova de que Cristo e seus servos possuem poder para derrotar Satanás e seus demônios ainda é verdade” (MARIANO, 2014, p. 110). Por meio desse pressuposto, a igreja incorpora os fiéis à sua estrutura, seja em seus núcleos, seja pelo processo

de santificação, ou no combate espiritual, sempre orientado à eliminação do mal (MARIANO, 2014).

A teologia da prosperidade

O contexto em que foi desenvolvida a Teologia da Prosperidade, segundo as igrejas neopentecostais, nos ajuda a entender como a igreja se adaptou às novas demandas da sociedade. A partir da modernização do país na década de 1970, com uma parcela dos fiéis em ascensão social, junto às promessas da sociedade de consumo, com ascensão do crédito inflando o poder de consumo e com as opções de lazer e entretenimento criadas pela indústria cultural (MARIANO, 2014), a organização das neopentecostais entendeu que existiam novas demandas e que a partir delas deveriam surgir novas orientações. O impasse se revelou; as igrejas poderiam se manter sectárias e ascéticas²⁷ e, com isso, mais distantes do seu público, ou atendia as novas demandas, ou seja, as vontades e desejos materiais, de ascensão social e uma saúde próspera.

O corpo institucional das igrejas neopentecostais possuía características que contribuíram para o desenvolvimento de sua teologia. Um grupo de jovens que havia passado sua adolescência no período de plena Revolução Industrial, avessos ao ascetismo, orientaram o desenvolvimento dessa linha interpretativa (MARIANO, 2014). Filhos de sua época, esses sujeitos instituíram na Teologia os princípios de um sistema de produção capitalista específico à segunda metade do século XX no Brasil, com a presença vívida da luta de classes em uma sociedade regida pelo poder de consumo.

Para os pregadores da Teologia da Prosperidade, as pessoas que não são afortunadas financeiramente, com boa saúde e felizes no cotidiano são expressões da carência da fé e, por consequência, da sombra do Diabo. Ao passo que a fé não é alcançada, os sujeitos também estariam envolvidos com o Diabo, por isso “a posse, a aquisição e exibição de bens, a saúde em boas condições e a vida sem maiores problemas ou aflições são apresentados como provas da espiritualidade do fiel” (MARIANO, 2014, p. 157).

Os fiéis entrevistados citaram como a sombra do mal alcançou suas vidas e orientou seus passos à igreja Universal. Todos os relatos expressam as dificuldades que houve em determinados momentos de suas vidas e como a igreja apareceu com a ideia de salvação, no

²⁷ Segundo Mariano (2014, p. 158) o ascetismo é considerado como “a negação dos prazeres da carne e das coisas deste mundo”.

sentido emocional e material. A entrevistada Júlia²⁸ relata que começou a frequentar a igreja depois de alguns anos após seu casamento apresentar uma fase ruim em sua vida, em que passou por dificuldades com o marido e com o sustento da família.

Foi um momento assim da minha vida, começou a dar tudo errado, depois de uns 7 anos de casado mais ou menos (não importa muito), aí começou a dar tudo errado, sabe? Briga... Meu marido começou a beber muito, sabe? E não tinha o controle da bebida, e a pessoa quando tá viciada ela não, ela não percebe quando tá viciada né, ele só parava quando acabava a bebida e mesmo assim ele queria mais e mais e mais. E pegava o salário todo e ficava em barzinho, isso durante o dia só né, claro, à noite a gente sempre tava [sic] junto. [...] Teve uma época que ele ficou desempregado também, e eu não conseguia serviço, sabe? Foi muita dificuldade (JÚLIA, janeiro de 2019).

Para Cristiane²⁹, os problemas foram outros. A Universal apareceu em sua vida em um momento de dificuldade financeira e de depressão. Desempregada, Cristiane precisava sustentar seu lar, formado por seus dois filhos e mãe. Segundo ela, as coisas melhoraram quando começou a frequentar a igreja Universal. “Essas coisas mudou [sic] depois que eu entrei na igreja” (CRISTIANE, janeiro de 2019). Outro problema provocou a procura da fiel por salvação: ela havia tido um filho e, nesse contexto, desenvolveu depressão pós-parto. Ela relata que frequentava outra igreja protestante quando desenvolveu depressão pós-parto, mas foi na Universal que ela encontrou um caminho para resolver seus problemas.

Eu tava [sic] com depressão pós-parto eu tava [sic] enfiada numa igreja! Eu tentei matar meu filho [...]. Eu tinha pensamentos assim, que não eram... Bons! Sabe? E depois que eu entrei nessa [igreja Universal] eu nunca mais tive esses pensamentos. Sabe? É tipo uma perturbação, sabe? (CRISTIANE, janeiro de 2019).

Na maioria das vezes as angústias dos sujeitos funcionam como elemento incentivador para procurar ajuda, que, nesse caso, é oferecida pela igreja Universal. Apresentando sinais de fragilidade, as pessoas são atraídas pelas promessas de salvação e livramento dos problemas. Já que Cristo e seus discípulos, mediados pelo poder de Deus, conseguiram realizar bênçãos divinas, o pastor como mensageiro da palavra de Deus também media o poder divino e as causas dos fiéis. Desta forma, os sujeitos que frequentam a igreja Universal são orientados a cobrar as benfeitorias prometidas na *Bíblia*.

Segundo Romeiro (1993 *apud* MARIANO, 2014), a relação dos fiéis com Deus não é mais baseada nos verbos *pedir*, *rogar* ou *suplicar*, e sim no ato de *exigir*, *decretar*, *determinar* e *reivindicar*. É interessante a observação de Romeiro, pois ela abre possibilidade para entender

²⁸ A entrevistada Júlia nasceu em Marília, em 1975, e reside na cidade. Casada aos 19 anos, é mãe de uma mulher de 23 anos e de um menino de 9. A renda da família é de R\$ 2 a R\$ 3 mil por mês, oriunda de seu trabalho como professora, do trabalho do marido como vigia de uma fábrica e do trabalho extra que ambos fazem. Além dos trabalhos regulares, eles produzem doces, salgados e lembranças para festas.

²⁹ Nascida em São Paulo, Cristiane se mudou para Marília na década de 2000 em um momento em que estava desempregada. Mudaram-se ela, o filho e a mãe para o interior. Marília foi escolhida por ter parentes por parte de mãe. Com 40 anos de idade, hoje é manicure em domicílio e a renda da família é construída, também, com o salário da mãe, que trabalha como empregada doméstica.

que a relação com Deus, por meio da Teologia da Prosperidade, muda de caráter. Fica evidente a autoridade extremamente assertiva dos fiéis ao expressarem suas necessidades, como se Deus fosse obrigado, por meio da fé e do dízimo, a disponibilizar saúde, riqueza, felicidade, sucesso e poder terreno aos seus seguidores.

Ao prometer poder terreno, prosperidade material e redenção da pobreza nesta vida, a Teologia da Prosperidade se distancia do velho ascetismo pentecostal. Ela entende que a pobreza é sinal de uma fé enfraquecida e, nas palavras de Mariano (2014), esse pressuposto é assim justificado:

[...] Jesus veio ao mundo pregar o Evangelho aos pobres justamente para que eles deixassem de ser pobres. Da mesma forma, Ele veio pregar aos doentes porque desejava curá-los. Deus não é sádico, tem grande prazer no bem-estar físico e na prosperidade material de seus servos. [...] Durante muito tempo o Diabo obscureceu a visão dos crentes a respeito destas verdades, mas agora, conscientes da ardileza satânica, eles começam a tomar posse das promessas divinas. (MARIANO, 2014, p. 159)

Desta forma, o alcance das bênçãos divinas está acessível aos fiéis desde que haja fé incondicional e inarredável em Deus, desde que o fiel exija seus direitos nesse mundo (e em uma lógica política capitalista neoliberal) e que seja obediente e fiel aos pressupostos de Deus que estão na *Bíblia*, e, por fim, no pagamento dos dízimos que o fiel tem que fazer.

Sobre a liberação dos usos e costumes tradicionais

Os pentecostais sempre orientaram seus fiéis à rejeição do mundo, para que os sujeitos não fossem contaminados pelas coisas do mundo e pelas paixões. Para isso, foi necessário reforçar os usos e costumes de santificação. O pentecostalismo clássico instiga nos sujeitos o mais puro ascetismo, uma rejeição do mundo. E, diante das tentações mundanas, é necessário renunciar aos prazeres do mundo, os quais amargam a vida e machucam a carne (MARIANO, 2014).

Para que a Teologia da Prosperidade pudesse se desenvolver, alguns pressupostos do pentecostalismo clássico foram questionados pela igreja neopentecostal. A perspectiva neopentecostal se desenvolveu no sentido a refutar o ascetismo e sectarismo pentecostal. Os fiéis, por exemplo, da igreja Universal se vestem como as pessoas “do mundo”; os brincos, colares, cosméticos são permitidos, bem como a possibilidade de determinar o comprimento dos cabelos. Frequentam bares, festas e torcem para times de futebol. De forma geral, os fiéis das igrejas neopentecostais estão integrados à sociedade do consumo. Contudo, mesmo com a abertura para os prazeres do mundo, a igreja neopentecostal ainda se baseia em limitações morais básicas ao cristianismo; a homossexualidade, a pornografia, a masturbação, as drogas e

o Carnaval são elementos de que os fiéis devem se abster e evitar às custas da benção divina (MARIANO, 2014).

A fiel entrevistada, Cristiane, expressa essa dualidade antagônica, que é permitida ao mesmo tempo em que apresenta limitações, como a proibição do consumo de drogas (no caso, de bebida alcoólica) e comportamentos moralmente condenados pela *Bíblia*.

Você pode tá no bar bebendo refrigerante, conversando, aí não tem mal nenhum. Agora você tá lá, enchendo a cara, falando besteira, catando uma e outra mulher, aí já é diferente. Aí você já vai tá partindo pro lado do mundão, entre aspas. É isso que eles querem dizer, quando falam em mundo, das pernicidades por aí, né? (CRISTIANE, janeiro de 2019).

Para Edir Macedo, criador da grande e representativa igreja neopentecostal, a Universal do Reino de Deus, em uma entrevista assegura que é “proibido proibir” (MARIANO, 2014, p. 210). Este é um pressuposto que se estende a todo o neopentecostalismo e que eles exibem com certo orgulho, pois não fazem questão de esconder ou maquiagem sua quebra do ascetismo. Os pastores se defendem da oposição protestante dos pentecostais, ao passo que criticam os fiéis mais apegados aos velhos hábitos.

3. A mudança da feira. O deslocamento da feira livre segundo os jornais

A mudança da feira livre foi fomentada, em um primeiro momento, pelos interesses da igreja Universal do Reino de Deus³⁰, mas logo após, e de forma oficial, esse deslocamento foi justificado pela prefeitura por outras razões, como, por exemplo, a falta de estrutura e o limitado espaço em que feira realiza é realizada. Essa problemática surgiu ao longo de nosso trabalho monográfico sobre a história da feira livre na cidade de Marília durante a entrevista com a feirante Dona Nair (CARVALHO, 2017).

Esse acontecimento foi amplamente divulgado e comentado pelos jornais da cidade. Pode-se afirmar que ao menos quatro jornais on-line da cidade publicaram notícias³¹ sobre o processo de mudança mediado pelo Poder Público. Ainda que cada jornal tenha apresentado uma abordagem específica, eles quase não citam o papel da igreja Universal nesse acontecimento.

O primeiro portal de notícias que fez publicações sobre o assunto foi o *Giro Marília* no dia 19/04/2015. Por meio de notas, o *site* comenta sobre a “queda da tradição”³² que haveria com a mudança da feira e que os interesses de tal mudança, na justificativa da prefeitura, foram manifestados por parte dos feirantes na intenção de obter um espaço maior para a feira. A reportagem relata que a feira no domingo do dia 19/04 foi bastante movimentada: “o domingo foi de encontros políticos com feirantes e a mudança passa longe de ser unanimidade”³³. Ainda na reportagem, são citados os interesses por trás da justificativa oficial: “extraoficialmente, igrejas na região comemoram a mudança, que tira a feira da porta dos templos”³⁴.

O portal *Marília Notícia* publicou três matérias. A primeira, em 24/04/2015, expõe que diante da proposta de mudança da feira no domingo, 26/04/2015, houve uma manifestação no

³⁰ Os interesses da igreja Universal para que a feira fosse deslocada apareceram em todas as fontes de dados desta pesquisa, tanto na pesquisa documental, na etnografia, como também nas entrevistas realizadas.

³¹ Foram encontradas quatro mídias digitais de comunicação que publicaram notícias sobre o deslocamento da feira livre. O portal G1, mais especificamente o jornal regional do grupo Globo, a TV Tem, publicou um texto jornalístico (G1, 23 de maio de 2015) e duas reportagens gravadas e exibidas em programas televisivos (TEM Notícias, 25 de maio de 2015; e Bom Dia Cidade, 24 de abril de 2015). Outros três jornais eletrônicos também postaram reportagens: o *Marília Notícias* publicou três reportagens (MARÍLIA NOTÍCIAS, 24 de abril de 2015; MARÍLIA NOTÍCIAS, 21 de maio de 2015 e MARÍLIA NOTÍCIAS, 19 de junho de 2015). O *Giro Marília* publicou quatro reportagens (GIRO MARÍLIA, 19 de abril de 2015; GIRO MARÍLIA, 24 de abril de 2015; GIRO MARÍLIA, 28 de abril de 2015 e GIRO MARÍLIA, 22 de maio de 2015). Por último, foram encontradas quatro reportagens no jornal eletrônico *Visão Notícias* (VISÃO NOTÍCIAS, 19 de abril de 2015; VISÃO NOTÍCIAS, 24 de abril de 2015; VISÃO NOTÍCIAS, 22 de maio de 2015 e VISÃO NOTÍCIAS, 22 de junho de 2015).

³² Disponível em: <<https://www.giromarilia.com.br/colunas/gira-comigo-ale-custodio/polemica-na-feira-ozzy-issor-dani-campea-e-muito-mais/1860>> Acesso em: maio de 2019.

³³ Ibid.

³⁴ Ibid.

prédio da prefeitura por parte dos feirantes reivindicando o adiamento da data de mudança. A demanda dos feirantes foi atendida após uma reunião do prefeito com uma comissão de feirantes, transferindo a mudança da feira para o dia 10/05/2015. “Até então, a mudança estava confirmada para esse domingo, dia 26. A manobra do prefeito vem depois que feirantes fizeram um protesto na tarde de ontem (23), na Prefeitura de Marília, contra a decisão da administração municipal”³⁵. Na ocasião, a justificativa do ex-prefeito Vinícius Camarinha³⁶ para o deslocamento da feira foi baseada no argumento de que a Avenida Tancredo Neves era espacialmente limitada e que o novo lugar oferecia à feira condições espaciais de crescimento.

³⁵ Disponível em: <<https://marilianoticia.com.br/agora-e-oficial-feira-livre-muda-para-a-sampaio-vidal/>> Acesso em: maio de 2019.

³⁶ A família Camarinha é conhecida amplamente por sua atuação na política da cidade de Marília, bem como no Estado de São Paulo. O avô, Josué Francisco Camarinha, iniciou a trajetória política da família ao se tornar vereador por dois mandatos na cidade (1969/1972 e 1973/1975). O pai, Abelardo Camarinha, foi prefeito da cidade de Marília por duas vezes e reeleito no segundo mandato, totalizando três mandatos, primeiro em 1983, pelo PMDB, hoje MDB, e, após alguns anos como deputado estadual, retorna à prefeitura de Marília ao vencer as eleições de 1996, mantendo-se no Executivo até final de 2004. O filho, Vinícius Camarinha, foi o prefeito que orientou de perto o deslocamento da feira. Iniciou sua carreira como deputado estadual e se tornou prefeito de Marília no mandato 2013-2016 pelo Partido Socialista Brasileiro (PSB). A família Camarinha construiu sua carreira política de forma delicada. Em 2006, um dos filhos de Abelardo é assassinado em sua residência em circunstâncias não claras; e em 2016 o ex-prefeito citado teve seu mandato como deputado estadual cassado pelo TRE por uso indevido de seus meios de comunicação, segundo os jornais e a rádio *Diário de Marília* e o jornal *Correio Mariliense*. Ao conversar com os moradores da cidade, é possível afirmar, a partir deles, como a família Camarinha enriqueceu ao longo dos anos e como são usados meios ilícitos para alcançar seus interesses.

Imagem 9 - Croqui da feira, igreja Universal do Reino de Deus e Terminal de transporte urbano



Fonte: Open Street Map³⁷

— Espaço atual da feira livre — Espaço antigo da feira livre
 ■ Igreja Universal do Reino de Deus ■ Terminal de transporte urbano

O local está muito apertado. Além disso, há possibilidade de instalação de novas barracas, com a implantação de uma infraestrutura. A proposta foi avaliada pelas secretarias de Agricultura e Planejamento urbano. Ficou decidido que a mudança irá vigorar a partir do dia 26 de abril³⁸.

Ainda na reportagem do *Marília Notícia* do dia 26/04/2015, é citada a origem dos interesses iniciais para que houvesse a mudança da feira. “A mudança também abre espaço para os fiéis da Igreja Universal, que recentemente se mudou para o endereço. Havia conflito de interesses claro no local durante a manhã de domingo”³⁹.

³⁷ Disponível em: <<https://www.openstreetmap.org/search?query=mar%C3%ADlia#map=16/-22.2134/-49.9502&layers=T>> Acesso em: maio de 2019.

³⁸ Disponível em: <<https://marilianoticia.com.br/apos-pressao-camarinha-adia-mudanca-de-local-da-feira-livre/>> Acesso em: maio de 2019.

³⁹ Ibid.

Imagem 10 - Reunião entre feirantes e Prefeito Vinícius Camarinha



Fonte: *Marília Notícias*, 24 de abril de 2015⁴⁰

Os adiamentos da mudança ainda não haviam acabado. O *Visão Notícias* publicou uma reportagem anunciando que os feirantes precisavam de mais tempo para adaptar a nova rua às suas necessidades de trabalho e que o dia 10/05 era feriado do Dia das Mães. Portanto, essa singularidade poderia afetar as vendas segundo os feirantes. Desta forma, a nova data publicada para a mudança foi o dia 31 de maio⁴¹, último domingo de maio.

Nesse contexto, outra mídia apontou como se desenvolveu a relação da prefeitura com os feirantes, que, segundo eles, estes foram os principais interessados na mudança da feira: “o secretário da Agricultura, Takao Shintaku, destacou que a Prefeitura está proporcionando a máxima retaguarda aos feirantes nesse processo de transferência de local. ‘Estamos à disposição de todos’, ressaltou”⁴². Esta informação é contestada pelas falas dos feirantes, que expressam as dificuldades com o deslocamento e a perda de dinheiro, referindo-se, nesse caso, aos pontos de energia que eram usados por eles na Avenida Tancredo Neves.

Nesse momento do processo de deslocamento da feira, houve a reafirmação de algumas promessas em relação ao novo lugar do evento, no qual seriam disponibilizados banheiros e acesso a água. “A Prefeitura garante que o novo local terá uma melhor infraestrutura, como a

⁴⁰ Disponível em: <<https://marilianoticia.com.br/apos-pressao-camarinha-adia-mudanca-de-local-da-feira-livre/>> Acesso em: maio de 2019.

⁴¹ Disponível em: <<http://www.visaonoticias.com/noticia/14704/agora-e-oficial-feira-livre-muda-de-local-no-proximo-dia-31>> Acesso em: maio de 2019.

⁴² Disponível em: <<https://marilianoticia.com.br/agora-e-oficial-feira-livre-muda-para-a-sampaio-vidal/>> Acesso em: maio de 2019.

construção de banheiros para feirantes e consumidores na área que margeia a Avenida das Indústrias, bem como a instalação de torneiras d'água”⁴³.

Às vésperas do domingo do dia 31/05, especificamente na sexta-feira anterior ao dia 29, foi publicado o único documento emitido pela prefeitura oficializando a mudança da feira livre, demonstrando que esses adiamentos citados foram determinados de forma extraoficial e, segundo os jornais, por meio da pressão por parte dos feirantes.

As últimas reportagens desse processo são de 19/06 e 22/06 dos jornais eletrônicos *Marília Notícias*⁴⁴ e *Visão Notícias*⁴⁵, respectivamente. Ambos relatam, em concordância com o documento oficial citado, que a feira livre passou a ser realizada no dia 31/05 no novo espaço e divulgam a novidade sobre a ampliação da feira de domingo.

A feira livre da Avenida Sampaio Vidal está funcionando desde o último domingo de maio no novo local. Mais amplo, o espaço de comercialização de hortifrutigranjeiros, eletrônicos, entre outros, foi transferido pela Prefeitura da Avenida Tancredo Neves para a Sampaio Vidal [...]. No novo local, também foram instalados banheiros químicos (*Visão Notícias*, 22 de junho de 2015)⁴⁶.

A ampliação da feira proposta logo após sua mudança permitiu que houvesse mais feirantes cadastrados devido ao aumento do alcance físico da feira, e regularizou a “feira do rolo”, que abriga o comércio de ferragens, ferros-velhos e outros materiais. A “feira do rolo” sempre aconteceu concomitantemente à feira livre de domingo, a diferença depois da mudança é que esse braço da feira livre obteve um espaço específico, uma rua paralela à feira livre, a qual é cortada pela linha de trem.

Ainda que fosse a última notícia sobre o tema, o portal *Marília Notícia* relembra, ao passo que reforça, que tal processo não se deu de forma passiva e unânime. “Após muita polêmica e briga entre os feirantes, a feira foi transferida pela Prefeitura [...]”⁴⁷.

⁴³ Disponível em: <<http://www.visaonoticias.com/noticia/14704/agora-e-oficial-feira-livre-muda-de-local-no-proximo-dia-31>> Acesso em: maio de 2019.

⁴⁴ Disponível em: <<https://marilianoticia.com.br/feira-livre-da-avenida-sampaio-vidal-sera-ampliada/>> Acesso em: maio de 2019.

⁴⁵ Disponível em: <<http://www.visaonoticias.com/noticia/15193/feira-livre-da-avenida-sampaio-vidal-e-ampliada>> Acesso em: maio de 2019.

⁴⁶ Ibid.

⁴⁷ Disponível em: <<http://www.visaonoticias.com/noticia/14136/feira-livre-mudara-para-a-sampaio-vidal>> Acesso em: maio de 2019.

3.1 A mudança da feira livre segundo os feirantes e os fiéis da Igreja Universal

As entrevistas com os feirantes proporcionaram outros dados sobre o processo de mudança da feira livre. Estes dados são importantes pelo fato de terem contribuído para esclarecer alguns pontos que foram apenas citados pelas reportagens. As entrevistas com os feirantes contextualizam também os bastidores do processo legislativo e expõem o enredo que não é citado nas normativas municipais. Os sete feirantes entrevistados citaram a mudança da feira; alguns desenvolveram mais a resposta que outros, mas todos expuseram sua experiência com o acontecimento citado.

Ao longo da história da feira livre de domingo na cidade de Marília, segundo os feirantes, pode-se observar algumas mudanças de local. Não seria a primeira vez que a feira livre seria realizada na Avenida Sampaio Vidal, segundo Seu Iladevir (mês de 2019). A feira de domingo sempre acontecia na avenida citada, localizada exatamente em frente à prefeitura, onde há a praça Saturnino de Brito. Na década de 1980 a feira passou a ser realizada na Avenida Tancredo Neves e, em 2015, a feira livre retornou à avenida já conhecida por ela. Contudo, o feirante relata que a feira não voltou para o antigo lugar, a praça, pois esta tinha passado por uma reforma e foi remodelada de forma que não conseguiria atender às necessidades da feira. Além desse motivo, Seu Iladevir (janeiro de 2019) também aponta o teor dos interesses desse deslocamento: “Então, é questão de política”.

Outro feirante, Vitor, também evidencia o provável tom político que existiu na mudança da feira. “Jogada política, né? Interesse político, venceu os grandes né? Dominando o pedaço e afastou os pequenos.” (VITOR, janeiro de 2019). O feirante também insere na discussão outros agentes e argumentos sobre a problemática, “O vice-prefeito, né, na época, interesse político do vice-prefeito de tirar a feira, ele achava que a feira no centro da cidade é uma coisa suja” (VITOR, janeiro de 2019).

Para Dona Joselina, conhecida na feira como Lina, além dos interesses da igreja Universal, havia o argumento do Poder Público sobre como era limitado o lugar em que a feira era realizada.

Uns falou [sic] que foi por causa da igreja Universal, que a igreja Universal disse que a gente tava [sic] atrapalhando lá... Então foi o motivo assim que a gente ficou, que a gente correu mais foi isso daí, diz que a igreja Universal disse que a gente tava [sic] atrapalhando lá, a feira. Outro comentário foi que num [sic] tinha espaço pra pôr todos os feirantes, que tinha mais pedido de feirante pra trabalhar e lá num [sic] cabia, então eles ia pra avenida [Sampaio Vidal], disse [sic] que na avenida era maior, então dava pra pôr os feirantes que tavam [sic] fazendo o pedido pra trabalhar na feira, então esse foi, pelo menos que a gente ficou sabendo foi esse os dois motivo que a feira mudou (JOSELINA, janeiro de 2019).

Ao ser questionada sobre como se deu o diálogo com o Poder Público, se as autoridades municipais propuseram diálogo com os feirantes, ela diz que a proposta de mudança foi “comentada” e que o interesse para mudar de rua não era homogêneo entre os feirantes. “A gente pediu muito pra não mudar, mas não teve apoio.” (JOSELINA, janeiro de 2019).

Feirante há mais de 15 anos, Rosângela tem 33 anos e começou a fazer feira junto com o pai; ambos trabalham nas feiras da cidade com uma banca de temperos e condimentos. Ela comentou que o trânsito era prejudicado pela feira de domingo e a Igreja Universal, por desaprovar tal evento, apresentou queixas à prefeitura, que realizou a mudança.

Seu Anísio, feirante de café e produtos de utilidade doméstica apontou que havia interesses da igreja Universal sobre o espaço em que a feira era realizada e como a mudança da feira dificultou o acesso aos fregueses. Devido ao aumento da distância entre a feira e o Terminal de transporte urbano, o qual representa uma importante forma de acesso aos consumidores da feira, alguns fregueses deixaram de frequentar o evento de domingo.

Por sua vez, o feirante Seu José apresentou motivos para essa mudança na linha argumentativa sobre os interesses políticos, mas trazendo um elemento mais diretivo, o dinheiro como estímulo aos interesses da igreja Universal. “Única coisa que nós [sic] feirante desconfia que dinheiro corre, que quem fala mais alto é o dinheiro, então a gente acha que aquela igreja teve participação.” (JOSÉ, janeiro de 2019).

Quando questionado sobre o interesse da Igreja para mudar a feira de local, Seu José diz que “aquela igreja de crente, que abriu lá, a Universal” (JOSÉ, janeiro de 2019) estaria interessada na rua na qual a feira era realizada, pois se a rua estivesse desimpedida, a igreja poderia usá-la como estacionamento para os carros dos frequentadores e pastores da igreja. “O negócio do estacionamento né, a entrada e saída de carro era ali [onde a feira se localizava], porque a feira livre ia atrapalhar eles ali, a feira ia atrapalhar, cê entendeu, né? Só que a feira é uma coisa antiga, a feira é uma coisa que já tava [sic] ali.” (JOSÉ, janeiro de 2019).

Ao ser questionado sobre como os feirantes reagiram com a proposta de mudança, Seu José responde com uma comparação metafórica. “Feirante é que nem uma bola, onde chutar nós [sic] vai, chuta a bola, onde ela cair nós [sic] tá.” (JOSÉ, janeiro de 2019).

Diante dessa problemática, Dona Nair fez um relato mais amplo sobre a mudança da feira e os jogos de interesse por trás de seu deslocamento em 2015. Em sua primeira fala sobre o tema, ela já revela tanto o caráter político da mudança, como também ressalta os interesses da igreja. “Rolou muito lava jato atrás disso, porque eles avisaram nós o seguinte, tirou nós de

lá por causa da igreja Universal que os pastor [sic] queriam o lugar pra estacionar o carro, que chegava no domingo lá na oração e queria vaga e não queria feirante.” (NAIR, março de 2018).

A feirante também relatou as dificuldades práticas dessa mudança. A fiscalização havia proposto que o deslocamento da feira não iria alterar a ordem das bancas dos feirantes, ou seja, do jeito que a feira estava organizada, ela seria transferida para a nova avenida com a mesma disposição. Contudo, Dona Nair explica que a proposta da fiscalização, braço de regulação da feira livre controlado pela Secretaria Municipal de Agricultura, Pecuária e Abastecimento, não foi bem-sucedida.

Que nem no [antes da mudança] domingo que eu tava [sic] lá era o homem que concerta panela, o salgadinho Myabara, a minha banca colada no Myabara, depois o italiano da verdura, mudou pra esse lugar [depois da mudança] ficou o homem da panela, puseram um japonês, um tal que tava [sic] depois de mim, puseram um tal de Zé que vende feijão, milho essas coisas, depois puseram o Miro que era o último, depois que veio minha banca que a minha banca ficou na frente do feirante [Café do Feirante, concorrente de Dona Nair]. Eu fui falar com o fiscal, até tem um fiscal o Sandro eu não converso com ele, nós discutimos nesse dia, eu falei você falou que ia pra lá do jeito que tá aqui e não tá, o que aconteceu? Aí enrolou, enrolou, sabe aquele negócio que a pessoa fala, fala, fala, é igual reclamar de luz e você tem que continuar pagando aquilo lá? Então ficou do mesmo jeito, aí nos primeiros dias a gente ficou muito irritado, bem em frente a outro concorrente (NAIR, março de 2019).

No decorrer da entrevista, Dona Nair relatou como a prefeitura foi impositiva com a mudança. “Nós fomos obrigados, o Vinícius [prefeito no contexto da mudança] obrigou. Ele falou o seguinte: eu não estou pedindo, eu estou comunicando que a feira vai ser mudada, e foi bem isso, foi o que ele falou. Bastante gente reclamou.” (NAIR, março de 2019).

Contudo, mesmo que a mudança não tivesse sido proposta de forma amistosa, Dona Nair disse ter gostado da mudança e que suas vendas subiram. “Mas eu não vou mentir para você não, pra mim foi ótimo... esses dias veio uma pessoa lá e falou assim o que que você acha de pegar no pé desse prefeito e voltar a feira pro outro lugar? Eu falei eu não quero, eu não quero.” (NAIR, março de 2019).

O maior fluxo de pessoas da feira não está associado diretamente ao espaço maior em que a feira foi instalada, mas não deixa de ser uma observação pertinente, pois expressa um grau de resignação da feirante em relação à mudança depois que foi realizada. Alguns anos depois da mudança, D. Nair expressou sua satisfação com a transferência do local de realização da feira e seu argumento pode sugerir que a feirante incorporou a mudança, aceitando-a depois de criticá-la.

Junto à mudança outras melhorias para a feira foram propostas pelo prefeito, como a instalação de banheiro. Em um primeiro momento seriam banheiros químicos, e depois seriam construídos banheiros de alvenaria. O transporte coletivo também seria alterado de forma a reduzir o prejuízo devido à distância em relação ao Terminal de transporte urbano. Após as

mudanças, os banheiros químicos estiveram presentes nas feiras de domingo, contudo ainda não foram construídas unidades físicas sanitárias para os feirantes e fregueses, assim como o transporte coletivo não sofreu as alterações prometidas, segundo os feirantes, como pode ser observado na etnografia realizada na feira livre.

Os dados coletados por meio das entrevistas realizadas com os fiéis da igreja Universal foram relevantes para que pudéssemos apreender novas características do processo de mudança da feira. Somente um dos três fiéis entrevistados⁴⁸ sabia sobre a mudança da feira livre. Contudo, isso foi suficiente para nos proporcionar informações pertinentes sobre a linha argumentativa do fiel da igreja Universal sobre a feira livre.

A entrevistada Cristiane é manicure em domicílio e tem 40 anos de idade. É fiel da igreja Universal há muitos anos, frequentando os cultos às segundas-feiras, quartas-feiras e domingos, semanalmente. Ao longo da entrevista, quando questionada pelos possíveis interesses da igreja na mudança da feira, ela relata que a sujeira que a feira produzia, além do mau cheiro, dificultava também a locomoção na rua, ou seja, “não dava nem para andar” (CRISTIANE, fevereiro de 2019).

Ao apontar as principais características da feira como um lugar sujo, malcheiroso e de desordem, a entrevistada reproduz os argumentos que depreciam o espaço público e o coletivo da mesma forma que expressa sua aproximação com a lógica dos enclaves fortificados.

3.2 O deslocamento da feira segundo a prefeitura

A Secretaria de Agricultura, Pecuária e Abastecimento, coordenada pelo então Secretário Takao Shintaku, representou o braço estatal e regulador da feira livre. Dentre as funções desse, órgão ressalta-se a administração da feira livre. O cadastro dos feirantes, o pagamento do alvará de funcionamento, a resolução de problemas variados, a função de disponibilizar banheiros químicos para a feira livre de domingo e a fiscalização são algumas das atribuições da secretaria para com a feira. Desta forma, quando o prefeito indicou que a feira mudaria de local, essa secretaria foi responsável por mediar os interesses do Poder

⁴⁸ O número reduzido de fiéis entrevistados da igreja Universal do Reino de Deus foi reflexo da dificuldade deste objeto de pesquisa. Como se sabe, a igreja em questão é excessivamente reservada a questões externas que podem soar, minimamente, como questionamento aos seus pressupostos. Desta forma, a ideia de uma pesquisa ou estudo alcança facilmente a resistência dos pastores e obreiros, assim como dos fiéis. Tendo em vista essa problemática, os fiéis entrevistados nesta pesquisa e o pastor Rafael foram cooptados por meio de outras pessoas, as quais disponibilizaram seus contatos com a intenção de contribuir com o trabalho do pesquisador.

Executivo e os interesses dos feirantes. Os dados coletados não sugerem que os fregueses foram consultados.

Os motivos para a mudança da feira foram amplamente apresentados nas seções anteriores pelas perspectivas dos jornais e dos feirantes e da fiel da igreja Universal. Por isso, as entrevistas realizadas com dois funcionários da secretaria foram fundamentais para concluir o conjunto de argumentos sobre o deslocamento da feira. Ressalta-se que mesmo que não fora dito de forma oficial, os interesses da igreja Universal em mudar a feira foram expressos por diferentes fontes, e o conteúdo dos próximos dados apresentados confirmam essa afirmação.

Foram realizadas duas entrevistas⁴⁹ com pessoas que trabalham na Secretaria de Agricultura, Pecuária e Abastecimento. As informações coletadas discorrem sobre o processo de funcionamento da feira livre, das dificuldades de administrar tal evento e sobre como se deu a mudança de local da feira livre de domingo, em 2015.

Ao ser questionado sobre os motivos que foram utilizados para justificar a mudança da feira livre, o entrevistado Fernando relatou que não houve uma exposição oficial da igreja Universal e que seu interesse era de determinar o uso da rua como estacionamento para os frequentadores da igreja. Ao mesmo tempo em que o entrevistado não afirma a participação da igreja, ele expõe os possíveis desdobramentos caso fosse verídica a participação. E explica também que não havia uma necessidade real para o deslocamento da feira no momento da proposta realizada pelo prefeito, o que gerou um descompasso entre a realidade e a proposta de mudança.

Eu não sei te dizer, assim, eu não consigo te comprovar se é real. Mas, todo mundo disse, na época, que nós fomos obrigados a sair dali, a feira em si, por conta que tava [sic] atrapalhando a igreja, o horário da igreja acho que era às 10h da manhã ou às 11h, e os estacionamentos, então falaram que foi uma manobra política. [...] dizem que foi uma manobra política, dizem que com isso ele [o prefeito] ganhou votos da igreja Universal [...]. Mas eu não sei dizer pra você se é verdade ou não, correu muito cochicho em relação a isso, notícias foram vinculadas e relacionadas a isso. Mas não tem, não tinha na época um motivo da gente sair dali “Ah, precisa sair porque precisa crescer, porque tá pequeno”, não tinha. O que a gente tinha, que o prefeito precisava tirar a gente dali, voltar pra Sampaio Vidal, e na época até a gente falou “Meu, é até incoerente, porque, né, a feira ela fecha a via, então você tá numa via menor, que é a Tancredo Neves, você vai [mudar a feira] pra uma via de fluxo que é a Sampaio Vidal, que te dá acesso a tudo, você vai interditar uma via muito maior”. Então, todo mundo ficou meio... Essa foi a tensão, porque não tinha um motivo aparente de falar “Não, vocês precisam sair...” (FERNANDO, fevereiro de 2019).

Quando perguntado sobre a receptividade dos feirantes em relação à mudança, a reposta dele encontra similaridades com os dados referentes às entrevistas com os feirantes. “Na época foi esse conflito, todo mundo ficou muito *p da vida* por conta da mudança [*p da vida* é uma expressão usada quando o sujeito está com raiva de algo]” (FERNANDO, fevereiro de 2019). É citado também o aumento da distância da feira em relação ao Terminal de transporte coletivo,

⁴⁹ A identidade dos servidores públicos entrevistados não será revelada, e os nomes usados são fictícios.

dificultando o acesso de alguns fregueses à feira, mesmo argumento apresentado por alguns feirantes.

Eles estavam na boca do Terminal, quem descesse do ônibus ou fosse pegar o ônibus, passava pela feira. Então falou “Pô, tem um velhinho que não vai vim mais na minha banca porque o Terminal ficou longe, a Sampaio Vidal pra ele é longe ele não vai vim mais, tal”. Então eles achavam que iam perder muito. Hoje eu acredito que eles já tão bem estabelecidos, já tão bem tranquilo, tal, tá com um público superbacana. Mas gerou essa tensão por conta disso também, por eles tarem se afastando do Terminal que a porta de entrada pra milhares de pessoas (FERNANDO, fevereiro de 2019).

O segundo entrevistado aprofundou as problemáticas sobre a relação política que orientou a mudança da feira. Ele apontou partes importantes para o processo de mudança. A necessidade de mudar a feira de lugar, segundo o entrevistado, surgiu de forma inquestionável, em que não houve espaço para o diálogo: “Eu acredito que foi muito mais imposto, foi muito mais imposto” (RICARDO, fevereiro de 2019).

A receptividade dos feirantes sobre a realização da mudança foi delicada. A maioria não concordava com a mudança, e o processo de deslocamento para a Avenida Sampaio Vidal foi desgastante para todos.

Não foi tranquilo! Não foi tranquilo porque... A feira faz parte de um ideal de tradição mesmo, então tá cada um habituado ao seu local, né, o que era a feira do rolo a partir do ferro-velho, contudo teve... Eu sei que foram muitos dias até isso acontecer de fato, de organizar, teve uma notificação de todos os feirantes, os feirantes foram na secretaria, fizeram reuniões, tentaram barrar isso também, foi um processo bem difícil, assim... E você via também o incômodo dos fiscais tendo que explicar oficialmente, sendo que os feirantes falavam “Ó, a gente tá vendo que não é isso”, né, e como que você não pode se comprometer, né? (RICARDO, fevereiro de 2019).

Por fim, ao longo da entrevista Ricardo faz uma análise sobre a atuação do poder político a partir dos interesses particulares. Esse acontecimento se tornou um desencadeador de ações políticas que, ao priorizarem os interesses da Igreja, garantiram ao Executivo municipal e ao Poder Legislativo o apoio político eleitoral, segundo o entrevistado.

A nível oficial o discurso foi que era pra facilitar a organização da feira, uma promoção dos feirantes, visibilidade, essas coisas. Só que até entre os funcionários a gente discutiu isso, inclusive eu discuti com um desses fiscais o porquê... Infelizmente tudo que tá relacionado à prefeitura tem as alianças e os interesses políticos, né, a estrutura mesmo, isso é a tradição brasileira, e pra mim foi por conta da igreja, está posto, os feirantes sabem, todo mundo sabe que foi por conta da igreja, porque, a nível de organização não muda de fato nada, né, se a gente parar pra ver, era um incômodo por conta dos horários da igreja. E a gente não pode esquecer que tem muitos vereadores que são da bancada evangélica (RICARDO, fevereiro de 2019).

3.3 O deslocamento e eliminação dos espaços populares

A mudança da feira de lugar pelos interesses particulares de uma instituição religiosa não é um caso isolado na sociedade urbana brasileira. Uma bibliografia interessante nos revela

que os espaços públicos, populares ou frequentados e consumidos pelo subproletariado podem ser deslocados, bem como extinguidos pelos interesses do capital, políticos ou individuais. O desenvolvimento urbano da cidade de São Paulo na década de 1990, baseado na fomentação dos “enclaves fortificados” (CALDEIRA, 2011), se deu de forma a eliminar os sujeitos e espaços que de alguma forma poderiam prejudicar seu progresso. A construção de conjuntos habitacionais para a classe média e a alta concomitante na taxa de edificações de espaços de trabalho, lazer, consumo e as importantes vias de acessos, como, por exemplo, avenidas e rodovias não hesitaram em mudar as pessoas e a eliminar espaços.

No âmbito habitacional, podemos identificar, por meio dos trabalhos de Tiaraju D’Andrea (2008) e Mariana Fix (2001), como os interesses políticos do capital se desdobram no espaço urbano. A dissertação de D’Andrea apresenta uma discussão sobre a produção social do espaço urbano a partir de dois eventos ocorridos em duas favelas diferentes na região sudoeste da cidade de São Paulo: a compra de setenta barracos na favela Jardim Panorama por uma construtora e a reintegração de posse na favela Real Parque (D’ANDREA, 2008). Já o trabalho de Fix apresenta o processo de remoção de parte das favelas pela prefeitura de São Paulo que ocupavam a região do córrego Água Espraiada para a construção de uma avenida que ligaria a Marginal Pinheiros e a Berrini ao aeroporto de Congonhas e a rodovia dos Imigrantes, eliminando a dependência da congestionada Avenida dos Bandeirantes (FIX, 2001). Em ambos os trabalhos podemos identificar como o capital imobiliário se estende e orienta o desenvolvimento do espaço urbano à medida em que elimina a presença e desloca cada vez mais à margem a população que pode inviabilizar os empreendimentos.

Ainda que haja diferenças no formato e nos agentes, as problemáticas dos trabalhos de D’Andrea e Fix estão no mesmo espectro do problema estudado nesta pesquisa. A igreja neopentecostal Universal do Reino de Deus, que propõe e prega o fomento de uma perspectiva individualizante aos seus fiéis, ao conseguir alcançar os seus interesses por meio da mediação do Poder Público, expressa o avanço do que se pode considerar um projeto político de cidade baseado nos interesses do capital imobiliário na lógica dos enclaves e na individualização do sujeito urbano.

Capítulo 2: Os espaços estéreis

1. Introdução

Este capítulo foi construído com os dados coletados em entrevistas com frequentadores da feira. As entrevistas foram aplicadas com a intenção de identificar os espaços frequentados ao longo do cotidiano dos sujeitos e suas perspectivas. A partir das entrevistas, apreendemos um conjunto de espaços em Marília, frequentados ou com que os entrevistados tiveram contato em sua história cotidiana, que possuem singularidades estruturais, como, por exemplo, espaços que oferecem serviços privados ou de consumo e que são resguardados por tecnologia de segurança privada. A partir dos espaços identificados, realizamos uma etnografia e coleta fotográfica para entender seus aspectos pormenorizados. Estes espaços foram considerados, nesta pesquisa, enquanto *espaços estéreis*, uma interpretação sobre os dados que iremos apresentar neste capítulo.

Durante as entrevistas, também foram questionadas a visão de mundo; as perspectivas e sensações dos sujeitos sobre espaços específicos do cotidiano na chave do consumo e do lazer e que funcionam de forma diferente; a feira livre e o supermercado; e o bosque e o *shopping center*, respectivamente.

Desta forma, com a análise etnográfica dos espaços frequentados pelos entrevistados e suas opiniões sobre tais locais, foi possível apreender uma dimensão da relação dos sujeitos com a cidade e, consecutivamente, com a feira livre.

Os espaços estéreis do cotidiano dos entrevistados em que foi realizada a etnografia contemplam diferentes assuntos na cidade. Espaços voltados à educação, ao consumo, ao lazer e à habitação e que compartilhavam elementos funcionais foram selecionados para a construção deste capítulo. Portanto, no contexto da educação desenvolvemos etnografia em três universidades particulares da cidade de Marília, a Unimar, a Univem e a Uniesp S.A.; em um espaço de consumo, o supermercado Tauste; e em um espaço de lazer e consumo, o Marília Shopping.

Imagem 11 - Croqui dos espaços cotidianos segundo os entrevistados

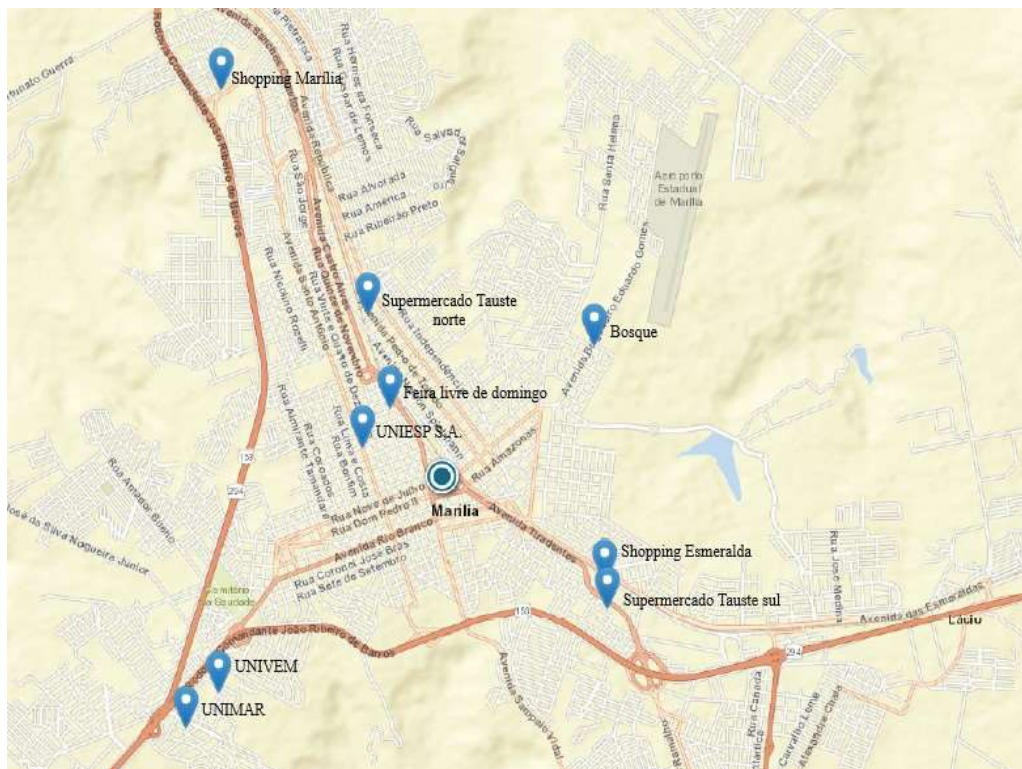
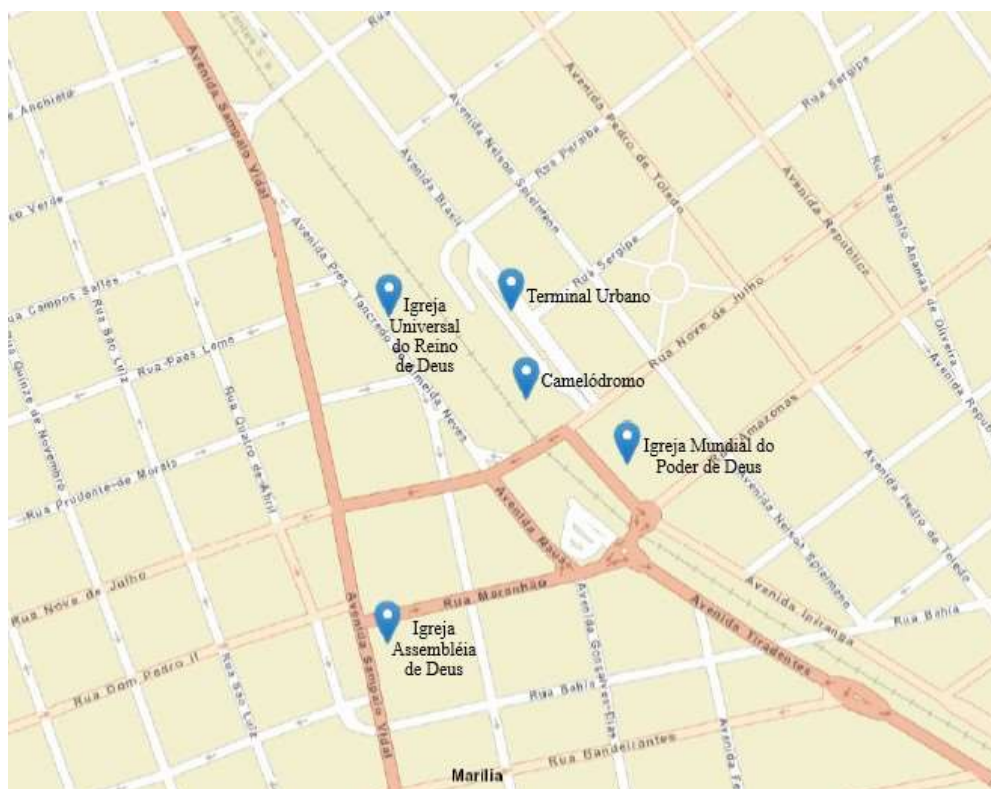


Imagem 12 - Croqui dos espaços cotidianos na região central segundo os entrevistados



As entrevistas com os frequentadores da feira foram realizadas ao longo das feiras de domingo na cidade de Marília, no período entre janeiro a março de 2019. A partir dos dados

das entrevistas, foi possível identificar alguns espaços urbanos frequentados ou com os quais os sujeitos tinham contato diretamente ou indiretamente no seu dia a dia. Com um estudo sociológico-etnográfico baseado na proposta metodológica de Fraya Frehse (2014) e juntamente com a realização de um texto visual (LEITE, 2006) foi possível identificar o perfil dos espaços frequentados e, conseqüentemente, o grau de proximidade do entrevistado com a lógica dos “enclaves fortificados” (CALDEIRA, 2011). Em resumo, foi possível observar, sob distintos prismas, a relação do sujeito com o espaço urbano, tendo como aspecto norteador e analítico compreender os aspectos particulares desses espaços e suas semelhanças, analogias e diferenças em relação ao espaço da feira livre.

1.1 O cotidiano, a visão de mundo e os frequentadores da feira livre

Nesta pesquisa, consideramos o cotidiano do freguês da feira enquanto um objeto de pesquisa significativo pelo fato de que o cotidiano “não está “fora” da história, mas no “centro” do acontecer histórico: é a verdadeira “essência” da substância social (HELLER, 2000, p. 17). Desta forma, ao identificarmos o cotidiano e os espaços que os sujeitos frequentam no dia a dia, é possível apreender as características que podem influenciar ou moldar seus projetos de vida e sua relação com a cidade e, especificamente, com a feira livre⁵⁰.

A escolha de determinado espaço de consumo ou de lazer pode expressar determinadas visões de mundo⁵¹. Assim, a frequência dos sujeitos ao longo de seus cotidianos demonstra, em determinado grau, a relação deles com a cidade do ponto de vista subjetivo. Partindo dessa interpretação, podemos sugerir que a frequência e o interesse dos sujeitos em determinados

⁵⁰ Em grande medida, a heterogeneidade está presente na vida cotidiana, sobretudo em relação ao significado e ao conteúdo das atividades dos sujeitos na sociedade. Essas atividades da vida cotidiana podem ser consideradas como a “a organização do trabalho e da vida privada, os lazeres e o descanso, a atividade social sistematizada, o intercâmbio e a purificação” (HELLER, 2000, p. 18). Ainda que o cotidiano possa carregar as possibilidades heterogêneas de desenvolvimento dos sujeitos, essa categoria sociológica prevê, segundo Heller (2000), que a apreensão da essência do cotidiano é limitada ao sujeito, fazendo com que haja uma interpretação superficial de sua vida cotidiana (HELLER, 2000). Nesse contexto, observa-se que as escolhas dos sujeitos ao longo de seus cotidianos não são baseadas na heterogeneidade da categoria, no cotidiano há uma força coercitiva da classe dominante que limita as escolhas e os projetos de vida dos sujeitos. Essa coerção é a força que alimenta o cotidiano do senso comum e que prejudica a apreensão da essência da realidade pelos sujeitos.

⁵¹ Em linhas gerais, a visão de mundo para Gramsci é a de um “produto dos influxos advindos de sua origem social e cultural [...], de um entrelaçar de influências aparentemente díspares” (DEL ROIO, 2005, p. 36). O conceito de “visão de mundo” foi elaborado por Gramsci, o qual se preocupa em entender a consciência dos sujeitos em relação à realidade. Há uma extensa bibliografia sobre o assunto, mas nesta pesquisa fazemos somente referência à ideia do conceito do autor. Não iremos nos aprofundar no pensamento de Gramsci, mas em uma futura pesquisa poderá ser usado em sua profundidade.

espaços podem expressar suas expectativas em relação à cidade. Com isso, é possível nos aproximarmos do cotidiano, não somente por meio do *vivido* desses sujeitos, mas também no que se refere ao virtual projeto de vida posto socialmente para o sujeito em determinado contexto sócio-histórico⁵².

A escolha de entrevistar os frequentadores da feira livre não foi ocasional. A feira livre não é construída somente pelos feirantes, como foi demonstrado no capítulo I. O público que a frequenta é o principal elemento que contribui para sua perpetuação. Ao longo das entrevistas com os fregueses, foi possível apreender, além da função comercial, a importância histórica e o afeto que as pessoas possuem pela feira. Nesse contexto, os transeuntes e os fregueses que percorrem a feira contribuem significativamente para sua continuidade, pois é a partir da demanda popular que a feira fundamenta sua existência. Essa demanda pode ser observada na história da cidade de São Paulo nas primeiras décadas do século XX.

O economista Paul Singer, em depoimento pessoal, relatou que o líder do histórico movimento operário que participou da greve geral de julho de 1917, em São Paulo, o jornalista Edgard Leuenroth, informou-lhe que uma das reivindicações desse movimento era a instalação de feiras livres em vários pontos da cidade a fim de garantir a oferta de gêneros de primeira necessidade a preços acessíveis à população [...] (SATO, 2012, p. 42)

Embora o desejo da população para que haja a feira livre seja importante para sua existência, essa demanda não decide pela feira, como demonstrado. O deslocamento da feira em 2015 sugere que a prefeitura pode considerar a feira livre enquanto um fenômeno urbano inconvenientemente necessário pela exigência da demanda popular. Mas, ainda que a demanda popular seja atendida pela prefeitura, esta não demonstra disposição para atender integralmente os interesses e reivindicações do público que frequenta e constrói a feira.

Ainda que de forma involuntária em muitos casos, a demanda popular da feira livre demonstra um posicionamento cultural, social e político de um público expressivo da sociedade. Porém, em contraposição à feira livre e à expressão popular, há um espaço que compartilha das mesmas funções comerciais da feira, mas que carrega em si características do consumo moderno (BAUDRILLARD, 1975). O supermercado foi um espaço citado por todos os entrevistados, tanto por feirantes quanto por frequentadores da feira. E, por isso, fez-se necessário entendermos tal espaço à luz da etnografia e das fotografias.

⁵² O cotidiano é objeto de estudo de pensadores de diferentes áreas. Todos procuram entender, por diferentes perspectivas, como a vida cotidiana influencia a formação do sujeito tanto social quanto psicologicamente. Para a construção deste trabalho, foram consultados autores da Escola de Budapeste, que carrega como herança intelectual as produções de Georg Lukács e Agnes Heller. O cotidiano enquanto uma categoria metodológica foi uma ferramenta que auxiliou o desenvolvimento desta pesquisa e que contribui para que pudéssemos interpretar a realidade à luz de nossas questões.

2. Os espaços estéreis da cidade: ordem, limpeza e segurança

2.1 Supermercado: ambiente sem sombras

No ano de 1956 foi inaugurado o “Sirva-se” na cidade de São Paulo (SATO, 2012). Nesse contexto, o supermercado foi inserido na sociedade urbana brasileira como um elemento do estilo de vida moderno. À medida em que a lógica de segregação dos enclaves se desenvolvia no contexto nacional dos anos 1980 e 1990, o supermercado foi sendo incorporado por essa forma de segregação urbana. Hoje, podemos observar em grandes redes de supermercados, como o grupo Pão de Açúcar e o grupo Tauste, que é originário de Marília, o resultado dessa adaptação a partir de alguns elementos específicos presentes nos espaços em que se realizam. A presença de uma complexa tecnologia de segurança, com câmeras de vigilância e profissionais terceirizados, o ambiente extremamente organizado e higienizado regido por códigos sanitários, a impessoalidade e a sensação de abundância são características desses espaços comerciais⁵³.

O grupo Tauste, que é responsável por uma rede de supermercados, iniciou suas atividades na cidade de Marília com sua primeira loja em 1991 e hoje o grupo conta com um total de sete lojas. As cidades de Bauru, Sorocaba, Jundiaí e Marília são contempladas com pelo menos um supermercado Tauste, e o conjunto das unidades é responsável, segundo a empresa⁵⁴, por empregar 3.240 colaboradores em uma área construída de 113.824 m² e com 2.461 vagas de estacionamento. Ainda que a primeira loja tenha sido inaugurada em 1991, foi na primeira década dos anos 2000 que o grupo expandiu sua abrangência, construindo estruturas cada vez mais modernas e se instalando em outras cidades.

Hoje a cidade de Marília conta com duas grandes lojas dos supermercados Tauste – uma localizada na região norte, o Tauste República, e outra na região sul, o Tauste Tiradentes.

⁵³ Por vender produtos que podem ser encontrados também na feira livre, os supermercados apresentam semelhanças com a feira, ou seja, compartilham da mesma função comercial, mas de formas diferentes. Ao diferenciar dois tipos de espaços, Jean Baudrillard (1975) nos proporciona uma reflexão sobre a forma de consumo que podemos encontrar mais concretamente nos supermercados. Segundo o autor, o consumo se moderniza concomitantemente à diferenciação e criação de espaços. Por exemplo, Baudrillard (1975, p. 19-20) esclarece a diferença entre o grande estabelecimento (ou mercado) e a *drugstore*: o primeiro como “fornecedor do espetáculo feirante da mercadoria, onde a centralização quantitativa dos produtos deixa menor margem para a exploração lúdica e a justaposição das prateleiras e dos produtos impõe um itinerário mais utilitário”, e o segundo “pratica o amálgama dos sinais de todas as categorias de bens considerados como campos parciais de uma totalidade consumidora de sinais”. Desta forma, podemos sugerir que existe uma relação entre o supermercado e os espaços comerciais descritos por Baudrillard, em que o supermercado poderia ser considerado um híbrido entre esses espaços, com uma tendência ao consumo da *drugstore*, como veremos ao longo deste capítulo.

⁵⁴ Disponível em: <<https://www.tauste.com.br/a-empresa>> Acesso em: maio de 2019.

Segundo o supermercado⁵⁵, a loja norte tem 11.320 m² de área construída, 400 colaboradores e 294 vagas de estacionamento; já a loja sul possui 10.544 m², 470 colaboradores e 388 vagas de estacionamento. As duas lojas de Marília são similares estruturalmente, como foi possível verificar com a etnografia. Para a pesquisa, foi escolhido o supermercado Tauste da região sul.

Depois de atravessar o grande estacionamento coberto, é possível entrar o prédio em que funciona o supermercado. Ainda na área externa há uma banca de jornal e um restaurante da rede Daun's que serve café da manhã, almoço e jantar. Para adentrar o prédio do supermercado, é necessário passar pelas portas eletrônicas espalhadas. Passando pelas portas, há dois caminhos; virando à esquerda encontra-se a saída dos caixas de um lado e, do outro, há lojas que funcionam dentro do prédio do supermercado. São cinco lojas no espaço interno que contemplam diferentes consumidores. Há uma farmácia, uma loja de chocolate, uma de instrumentos musicais, uma loja de roupas, uma ótica e um espaço com caixas eletrônicos do tipo que funcionam 24 horas e que permitem acessar contas de diferentes bancos. A segunda opção de caminho, após a entrada, é continuar a caminhar em linha reta e entrar no espaço de venda do supermercado, no qual estão expostos os produtos para venda.

Imagem 13 - Principal acesso ao prédio do supermercado Tauste sul



O supermercado Tauste conta com várias seções de produtos diversos distribuídos pelos corredores do prédio. Alguns serviços, como padaria, açougue, hortifrúti, peixaria e uma adega possuem espaços específicos no supermercado, com balcões e vitrines dos produtos. Os

⁵⁵ Ibid.

corredores são divididos por tipos de produtos, como, por exemplo, produtos de cuidados pessoais, floricultura, limpeza e utilidades; nos corredores, bem como em outras áreas do supermercado há mercadorias expostas em prateleiras altas. Ao longo do dia, mas principalmente nas primeiras horas de funcionamento, é possível observar a presença de funcionários repondo as mercadorias nas prateleiras, justificando essa prática com o objetivo de não deixar espaços vazios nas áreas de exposição das mercadorias. A reposição de produtos pode ser valorizada economicamente nesses espaços tendo em vista a constante disponibilidade de produtos ao consumidor.

Imagem 14 - Funcionária repondo os produtos nas prateleiras do supermercado Tauste sul



Entretanto, a sensação causada nesse espaço, no limite, é de uma abundância asfixiante e desnorteante. Ir ao supermercado sem ter previamente estabelecido o que será comprado pode ser uma aventura angustiante. Diante das potencialidades da variedade de produtos, é possível sentir uma sensação de desorientação. Por exemplo, ao se direcionar à seção de temperos sem ter previamente decidido qual levará e ao se deparar com uma grande quantidade de possibilidades expostas, é possível se confundir entre as combinações, ou seja, ao ofertar uma enorme quantidade de opções de temperos, o consumidor pode se sentir confuso em relação às

combinações ou opções possíveis. Se levarmos essa indecisão a outros produtos, seja um simples pacote de macarrão, o fato de que o mesmo produto seja vendido por diferentes marcas de diferentes tipos também pode causar uma sensação de confusão no consumidor. A confusão no limite pode causar uma sensação de desorientação. Ainda que o sujeito possa estar em um espaço repleto de potencialidades de consumo, essa variedade exposta de forma abundante bloqueia a visão e, de certa forma, a capacidade de refletir sobre o que será comprado.

Imagem 15 - Produtos e as potencialidades que podem confundir



Outros dois elementos presentes no supermercado Tauste são a segurança e a limpeza. Os seguranças, que são funcionários do supermercado, estão localizados em pontos estratégicos, como na entrada da loja e no estacionamento. Vestidos com calça social azul-marinho, sapatos pretos e uma camisa branca com o logo do supermercado estampado no peito, os seguranças estão espalhados pela loja. Além dos seguranças localizados nos pontos físicos, ainda há os seguranças que circulam na loja observando os consumidores, ou orientando algum consumidor desavisado para que guarde sua mochila no guarda-volumes localizado na entrada do prédio.

Imagem 16 - Segurança caminhando dentro do supermercado Tauste Sul



Imagem 17 - Segurança interagindo com outro funcionário no estacionamento do supermercado Tauste sul



Os funcionários da limpeza são contratados pelo próprio supermercado e, assim como os repositores, estão constantemente presentes em toda a estrutura do supermercado. Verifica-se a presença desses funcionários tanto na área interna do prédio central como também na área externa do estacionamento. Na maioria das vezes os funcionários da limpeza são mulheres com um uniforme cinza, com um coque de rede baixo e com o logo da empresa contratante costurado do peito. Em qualquer supermercado pode haver “acidentes” específicos dos mais variados que podem resultar em uma grande bagunça ou sujeira, como, por exemplo, quando as latas de cerveja ou as garrafas de azeite escorregam das mãos dos consumidores se quebram no chão, ou ainda quando as frutas ou legumes da seção de hortifrúti caem e rolam pelo piso. Quando estes eventuais acidentes ocorrem no supermercado Tauste, eles são rapidamente resolvidos por uma ou duas funcionárias da limpeza.

Imagem 18 - Funcionária da limpeza do supermercado Tauste sul



Ao longo da etnografia do supermercado Tauste, foi possível observar um interessante acontecimento em relação à limpeza do espaço. No meio do supermercado, entre prateleiras e produtos, há uma máquina de café que está disponível para os consumidores do espaço. Nesse

contexto, uma senhora derrubou café no chão e, enquanto o funcionário da limpeza não surgia para limpar a sujeira, foi colocada uma caixa de papelão por uma repositora para delimitar a sujeira. Desta forma, a sujeira de café no chão branco foi cercada de forma que as pessoas caminhavam pelo corredor desviando-se da caixa e ignorando esse elemento.

Imagem 19 - Corredor com a caixa delimitando a área suja



Imagem 20 - Visão superior da caixa e o café derramado



Em um ambiente em que a limpeza está regularmente presente, onde a ordem prevalece por meio dos funcionários da segurança e da limpeza concomitantemente à intensa iluminação artificial, cria-se um ambiente sem sombras. Um espaço em que a luz constante garante um eterno dia e que realça a sujeira, assim como o que é indesejado. Nesse contexto, o supermercado revela-se enquanto um espaço voltado ao consumo que funciona na contemporaneidade a partir da lógica dos “enclaves fortificados” à medida em que apresenta elementos com as mesmas funções dos espaços estudados por Caldeira.

Desta forma, a segregação no supermercado, à luz da lógica dos “enclaves fortificados”, é observada quando os seguranças bloqueiam o acesso dos sujeitos que possam representar algum risco ao estabelecimento e a seus consumidores. Normalmente o estereótipo dos sujeitos expulsos pela segurança é de homens, mulheres ou crianças com aparência que não contempla o “padrão” dos enclaves. Em 2012, uma rede de supermercados foi condenada a pagar indenização de dez salários mínimos a uma criança que foi confundida com um pedinte dentro de sua loja. Na reportagem sobre o caso, a mãe da criança relata que o segurança, ao ver a criança pedindo para ela para tomar um iogurte, dirigiu-se a ela de forma agressiva, “dizendo que o supermercado não era lugar de pedir e ameaçando-a retirar do local”⁵⁶. Os seguranças, nesse contexto, funcionam como ferramenta de proteção dos interesses do supermercado e, para

⁵⁶ Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/economia/defesa-do-consumidor/supermercado-tera-de-indenizar-em-dez-salarios-minimos-crianca-confundida-com-pedinte-6703491>> Acesso em: julho de 2019.

isso, no limite, podem expulsar e até matar⁵⁷ os sujeitos que representam uma ameaça à ordem do ambiente. Recentemente, um supermercado foi denunciado pelo fato de que seus seguranças torturaram um estudante de 17 anos que tinha furtado algumas barras de chocolate. Segunda a reportagem⁵⁸ e o boletim policial, os seguranças levaram a vítima até um quarto de depósito nos fundos do supermercado no qual despiram o estudante, amordaçaram-no e teve início uma tortura com chicotadas e choque com fios elétricos. Esse caso repercutiu nacionalmente e demonstra o limite da lógica dos enclaves nesses espaços.

Segundo o entrevistado Ludovino, frequentador da feira livre, o supermercado apresenta algumas facilidades de pagamento que são úteis para o sujeito. Ludovino explica que no supermercado é possível pagar suas compras com o cartão de vale-alimentação, o *ticket*, recebido como benefício do seu trabalho. A rede de supermercados Tauste, por exemplo, aceita como forma de pagamento dinheiro, cheque e cartões, que podem ser de diferentes bandeiras, além dos cartões de alimentação⁵⁹, que são disponibilizados aos sujeitos que trabalham em empresas que contratam prestadores de serviços que realizam a função de distribuir o “vale-alimentação”, como, por exemplo, a empresa VR e a empresa Ticket.

Ainda que para alguns entrevistados o supermercado seja considerado um espaço formal (SAMARA, setembro de 2018), com diferentes tipos de produtos para comprar (ANDERSON, setembro de 2018), com bom preço (MAURA, setembro de 2018) e um espaço organizado (DEVANIR, setembro de 2018), o supermercado representa um espaço delicado para outros entrevistados.

Renato (setembro de 2018) relata já ter sentido preconceito em supermercados e *shoppings centers* pelo fato de ser negro e ter tatuagem. O entrevistado explica que os olhares das pessoas o constroem nesses ambientes, causando uma sensação incômoda, como se ele “não pudesse estar naquele local” (RENATO, setembro de 2018).

Quando questionado sobre o local em que realiza as compras de necessidades básicas do cotidiano, o entrevistado Renato (setembro de 2018) diz frequentar quase todos os dias o “mercado do bairro”. Renato relata que evita os grandes supermercados por já ter sentido que

⁵⁷ Este ano, em 2019, houve um caso de repercussão nacional sobre o abuso por parte de seguranças de um supermercado que resultou em morte. Em uma das unidades do supermercado Extra localizado no Rio de Janeiro, um segurança matou um jovem ao imobilizá-lo com um golpe “mata-leão”. A mãe do rapaz presenciou a cena e o segurança foi preso em flagrante (G1, 2019, Disponível em: <<https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2019/02/15/imagens-de-cameras-do-supermercado-mostram-o-inicio-da-acao-do-seguranca-contra-rapaz-que-morreu-estrangulado.ghtml>>).

⁵⁸ Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2019/09/02/jovem-diz-ter-sido-agredido-e-denuncia-seguranças-de-mercado-por-tortura.htm>> Acesso em: setembro de 2019.

⁵⁹ Disponível em: <<https://www.tauste.com.br/formas-de-pagamento>> Acesso em: 07/2019.

o segurança do supermercado o seguia enquanto realizava suas compras, diferente do “mercado do bairro”, onde ele conhece os funcionários e não se sente incomodado com as pessoas.

2.2 Marília Shopping: compra e lazer em um espaço ordenado

Outra interessante entrevista foi com Shirlei, freguesa da feira livre de domingo. Aos 46 anos de idade é auxiliar contábil com carteira assinada e sua renda é de aproximadamente dois salários mínimos; já a renda familiar chega aos R\$ 3000. A entrevistada mora com o marido em residência própria, a qual apresenta muros altos, e em seu bairro há vigilância noturna por meio de um serviço particular prestados aos moradores.

Para se deslocar pela cidade, Shirlei utiliza seu automóvel. Três dias da semana são reservados para a o culto na igreja Assembleia de Deus, a qual Shirlei e seu marido frequentam rigorosamente toda semana. E, nas horas de lazer, gosta de ir ao cinema e ao Marília Shopping, de assistir filmes de investigação criminal na televisão e de usar as redes sociais.

Ao longo da entrevista, Shirlei diz que, sempre que possível, frequenta o Marília Shopping. Embora haja dois grandes *shoppings centers* na cidade de Marília, a entrevistada relatou não frequentar o outro *shopping*, o Esmeralda Shopping, por este estar localizado mais distante de sua residência. Este centro comercial e de lazer é importante na estrutura de sua vida cotidiana, bem como para a dinâmica da cidade. O *shopping center* é um espaço que reúne um número expressivo de estabelecimentos comerciais, que, por sua vez, é responsável pela contratação expressiva de trabalhadores. O trabalho da equipe de limpeza e de segurança, muitas vezes terceirizados, também está presente na dinâmica do estabelecimento. Outro fator que caracteriza o *shopping center* é a massa que o frequenta à procura de produtos por meio de lojas variadas, serviços como academias e supermercados, e de lazer, como, por exemplo, as exposições ou o cinema. Desta forma, tanto a função do *shopping* quanto seu contingente de trabalhadores e o público que o frequenta são elementos significativos que podem ser considerados responsáveis pela realização desse espaço para a cidade.

Conhecido popularmente como Shopping Aquarius, fazendo referência ao nome do bairro no qual está instalado, o Marília Shopping foi inaugurado em 2010 e hoje se apresenta enquanto o maior centro comercial da cidade e região. Com mais de 170 estabelecimentos em uma área que conta com uma moderna infraestrutura de 60 mil m², o *shopping* oferece lojas de diferentes marcas e grifes, uma unidade da rede de cinemas Cinépolis, com cinco salas com

tecnologia 3D, praça de alimentação com mais de 20 opções de restaurantes e redes de *fast-food*, espaço de diversão eletrônica para crianças, fraldário e praças de eventos⁶⁰. Esporadicamente, o Marília Shopping também oferece ao consumidor atividades, como, por exemplo, pista de patinação no gelo e eventos culturais, segundo o estabelecimento, como o Miss Marília⁶¹. Para Shirlei, o *shopping* é considerado um centro de compras e de lazer, como foi possível observar na entrevista com ela, em que diz frequentar o *shopping center* para passear e, às vezes, comprar algo bonito que tenha visto na vitrine⁶².

O Marília Shopping está localizado na região norte da cidade, às margens de um bairro residencial de classe alta e média, o Jardim Aquarius. O acesso ao *shopping* é facilitado com a proximidade com a Rodovia do Contorno, uma importante via expressa que contorna a cidade passando pelas regiões sul, leste e norte. Desta forma, é facilitado o acesso para os residentes do município, assim como o de outras cidades.

Imagem 21 – Marília Shopping à direita e caminhão na Rodovia do Contorno à esquerda



Há duas opções para entrar na área do *shopping*, que contemplam os sujeitos que estão a pé ou de veículo particular, uma com guarita e outra sem nenhum elemento de segurança. Para os pedestres, as entradas não possuem instrumento de verificação, mas para entrar com

⁶⁰ Disponível em: <<http://www.mariliashopping.com.br/shopping.asp>> Acesso em: julho de 2019.

⁶¹ Disponível em: <<http://portalmariliense.com/portal/marilia-shopping-recebe-todo-o-glamour-do-miss-marilia-2018/>> Acesso em: julho de 2019.

⁶² É possível observar a apropriação da esfera do lazer pela lógica da produção capitalista no *shopping center*, demonstrando, desta forma, que a “ocupação do tempo livre em *shopping center* sinaliza um fenômeno de submissão do lazer ao mercado [...], [em que] o lazer se confunde com uma mercadoria e o ‘tempo livre’, sob a lógica do capital, acaba por não ser *de fato livre* (PADILHA, 2006, p. 27).

veículo é preciso apertar um botão vermelho que libera a passagem ao levantar uma cancela. Este sistema de entrada não é fixo e pode ser modificado segundo os frequentadores do *shopping*.

Imagem 22 - Acesso ao Marília Shopping com guarita



O estacionamento do *shopping* é amplo, com muitas vagas para carros e motos, e, em horários de muito movimento, como nas férias e nos finais de semana, por exemplo, é usado o terreno ao lado como estacionamento, ampliando exponencialmente, dessa forma, o número de vagas. O estacionamento ainda conta com um serviço privado exclusivo de chofer em que o motorista deixa seu carro em uma das portas do prédio do *shopping* e um motorista estaciona seu veículo em uma área específica com teto para proteção contra o sol e correntes para diferenciar a área total do estacionamento.

Imagem 23 - Estacionamento exclusivo à esquerda e estacionamento livre à direita



O prédio do Marília Shopping é térreo e tem muitos corredores, nos quais estão localizados as lojas e os quiosques de alimentação e de outros produtos. Nesse contexto, é possível observar como há poucos espaços vagos entre as lojas, demonstrando a preocupação da administração do *shopping* em não perder lucro e em deixar o ambiente esteticamente agradável para os consumidores, tendo em vista que o espaço vazio pode causar uma sensação de frustração aos consumidores. Nos corredores há bancos e decoração que varia em relação ao feriado mais próximo. Por exemplo, no Dia dos Pais há faixas com imagens de famílias e pais com filhos expondo promoções ou atividades temáticas⁶³. No momento em que foi realizada a etnografia, estava sendo exposta a nova academia que havia sido instalada recentemente, com toda a publicidade interna ou externa composta de propagandas desse novo serviço.

O ambiente do *shopping* é constantemente limpo por majoritariamente mulheres, com seus uniformes vermelhos ou cinzas que carregam no peito o logo da empresa terceirizada que presta serviços ao *shopping*. Não se vê sujeira no chão; as plantas naturais estão sempre verdes e lustrosas; os cestos de lixo nunca estão cheios, são esvaziados diariamente; os banheiros têm cheiro de uma fragrância floral; a praça de alimentação, que é concorrida, dependendo do dia e do horário, é cercada por funcionárias que limpam o chão; nas mesas retiram-se as bandejas que foram negligenciadas pelos consumidores. A alta temperatura que a cidade pode alcançar é amenizada no Marília Shopping pela sua estrutura de climatização, que, por meio dos potentes

⁶³ Disponível em: <http://www.mariliashopping.com.br/acontece.asp?novidade_id=22281> Acesso em 07/2019.

ares-condicionados, garantem uma sensação de uma inerte primavera (BAUDRILLARD, 1975).

Imagem 24 - Funcionária limpando o ralo do estacionamento exclusivo



Imagem 25 - Funcionária limpando a praça de alimentação e propaganda da nova academia



Outro elemento significativo observado ao longo da etnografia é a segurança móvel do Marília Shopping. Ao adentrar o espaço do *shopping*, é possível verificar a presença de seguranças conduzindo motocicletas circulando pelo estacionamento e nas portas de entrada e saída do prédio.

Imagem 26 - Motocicleta da segurança do Marília Shopping e propaganda da nova academia na porta de acesso ao prédio do *shopping center*



Imagem 27 - Segurança do *shopping center* no lado interno do prédio



A partir dos seguranças observados, foi possível traçar um perfil imagético. Eles em geral são homens, altos, fortes e têm uma expressão facial séria, todos vestindo um uniforme preto com o logo da empresa contratante, botinas e boné pretos; na cintura há equipamento de comunicação tipo *walk talk*. No geral, são seguranças vestidos de forma a se diferenciarem à medida em que transmitem uma imagem séria, com expressões sóbrias e solícitos às necessidades materiais e simbólicas dos consumidores. Comparado, por exemplo, ao centro de compras com características populares, como a feira livre ou o Camelódromo, o *shopping center* funciona a partir de outros pressupostos, os quais estão baseados na possibilidade de consumo e de lazer em um ambiente seguro e limpo dos riscos e sujeira da cidade. Proporcionando aos seus frequentadores, desta forma, uma distância física e simbólica em relação à perigosa espontaneidade da cidade e dos espaços abertos.

A análise sociológica de Padilha sobre o *shopping center* contribui para entendermos, a partir das funções deste espaço, o sentido de segregação maquiada pelo direito de consumo. A definição sociológica de Padilha sobre os *shopping centers* nos ajuda a entender as entrelinhas entre os elementos apresentados.

[...] o *shopping center*, um lugar de circulação de mercadorias, está, cada vez mais tornando-se o local: a) da busca da realização pessoal pela felicidade do consumo; b) da identificação – ou não – com os grupos sociais; c) da segregação mascarada pelo imperativo da segurança; d) de enfraquecimento da atuação dos seres sociais e de fortalecimento da atuação dos consumidores; e) de materialização dos sentimentos; f) de manipulação das consciências; g) de homogeneização dos gestos, dos pensamentos e dos desejos, e o mais grave, h) de ocupação quase integral do ‘tempo livre’ das pessoas (PADILHA, 2006, p. 24).

O Marília Shopping é consumido enquanto um centro de compras e de lazer e é protegido por tecnologia de segurança privada, garantindo, assim, a estabilidade dos sujeitos que o frequentam à medida em que segrega os sujeitos que não detêm poder de consumo e que representam o perigo e o desagrado da cidade e dos espaços abertos, públicos ou populares.

Imagem 28 - Lateral e fachada do Marília Shopping com as logomarcas de grandes lojas



O Marília Shopping, segundo os frequentadores da feira livre, pode ser confortável por dispor de um sistema de ar-condicionado (MAURA, setembro de 2018), um espaço “higiênico” (SAMARA, setembro de 2018), com muitas atrações (FERNANDO, setembro de 2018). Contudo, outros frequentadores da feira entendem o espaço do *shopping* de forma diferente. O entrevistado Devanir (setembro de 2018) acompanha sua esposa no *shopping*, mas o considera um espaço para compras, e não para lazer. Já Ludovino não tem o hábito de ir ao *shopping* por ser um espaço “cheio de gente” (LUDOVINO, setembro de 2018) e onde “só tem loja para comprar” (Ibid.). O entrevistado Anderson se aprofunda e diz que o *shopping* “é um lugar que impera o consumismo” (ANDERSON, setembro de 2018). Por fim, Renato diz evitar ir ao *shopping*, pois neste espaço, como também no supermercado, se sente incomodado com os olhares das pessoas e os seguranças. Segundo Renato (setembro de 2018), por ser negro e ter tatuagem, as pessoas o tratam de forma diferente, constrangendo-o muitas vezes.

2.3 As universidades privadas: o espaço que sugere a limitação da formação

A feira de domingo em Marília é muito movimentada, pessoas de várias regiões passam na rua em que a feira é realizada. Mesmo com a acentuada tendência de participação e frequência da classe popular, o perfil do sujeito que frequenta a feira é o mais variado em relação a outros espaços da cidade, como os *shoppings centers*, por exemplo. Neste contexto, encontramos Seu Anderson entre a feira livre e a feira do rolo que acontecem ao mesmo tempo

no domingo e que são separadas por uma linha de trem; estávamos retornando da feira do rolo, na qual procurávamos fotografias antigas. Abordamo-nos e, a partir de sua receptividade, começamos a conversar. Em seguida, sugerimos que ele participasse da pesquisa como entrevistado, pedido que foi aceito com um sorriso.

Seu Anderson se apresentou dizendo que tinha 62 anos e que era aposentado da carreira militar. Havia casado, mas tinha se separado há alguns anos; deste casamento teve dois filhos, que frequentaram a educação básica na escola pública e que concluíram o ensino superior em importantes instituições particulares da cidade e da região, Unimar e Univem. Em relação à renda, Seu Anderson diz que é de aproximadamente R\$ 8000.

Hoje mora sozinho e, quando questionado se havia elementos de tecnologia de segurança em sua residência, o entrevistado relata que tanto o muro quanto o portão de sua casa são baixos, e complementa dizendo que não há necessidade dos elementos de segurança, pois reside em uma área segura perto do quartel. Sabe-se que oficiais ativos ou não da polícia militar têm permissão para portar e deslocar arma de fogo, fato não citado pelo entrevistado, mas que pode contribuir com sua sensação de segurança.

Seu Anderson relatou que quando precisa se deslocar pela cidade, como, por exemplo, ir à feira livre, ele usa seu carro próprio. Nas horas de lazer raramente frequenta o *shopping center*, mas quando resolve ir é para almoçar ou comprar algo específico; assiste jornais na televisão. Outro lazer é colecionar “coisas” e fotografias antigas que ele encontra na feira livre de domingo para desenvolver uma pesquisa sobre a história da cidade de Marília. Para o entrevistado, a feira é uma fonte de objetos interessantes e, quando não consegue ir aos domingos, revela que se sente chateado. Sobre religião, mesmo se declarando católico, o entrevistado não frequenta a igreja durante a semana.

As universidades particulares cursadas⁶⁴ por seus filhos são elementos importantes na dinâmica da cidade de Marília e na história cotidiana do entrevistado. Com mais de 60 anos, a Universidade de Marília – UNIMAR – oferece vinte e dois cursos de graduação e cursos de pós-graduação presenciais e a distância. A estrutura da universidade a torna referência nacional para vários cursos, destacando-se na área da Agronomia, Veterinária e Medicina – a mensalidade do curso de Medicina chega a custar R\$ 9.946,56⁶⁵.

⁶⁴ Ambas as universidades estão localizadas na mesma avenida e estão separadas por uma universidade pública, a UNESP – FFC. A disposição desses espaços de educação superior é interessante, pois expressa a convivência entre esferas tão distintas.

⁶⁵ Disponível em: <<https://portal.unimar.br/site/home>>. Acesso em: 07/2019.

A Universidade de Marília está localizada na zona oeste do município, em uma avenida em que estão instaladas mais outras duas universidades, a Univem e sua vizinha, Unesp. Em sua lateral há um pequeno comércio, mas também há um movimentado posto de gasolina, serviços de xerox, restaurantes, salões de beleza, bares, um pequeno mercado e duas imobiliárias. O mercado imobiliário tem grande interesse no bairro no qual a universidade está instalada devido à grande procura de apartamentos e casas pelos estudantes; fora o comércio, o bairro possui muitos prédios voltados ao público universitário. Mesmo no período letivo a região possui um alto índice de roubos e assédio a mulheres, como é possível averiguar em conversas informais com os alunos que residem na região. No período de férias, a região, que antes já era perigosa, se torna uma área deserta, com pouquíssimo monitoramento policial. Diferentemente do espaço da Unimar, o bairro em que a universidade está inserida não é seguro.

Imagem 29 - Rua movimentada com comércio na lateral da Unimar



A visita à Unimar carrega em si um certo tipo de constrangimento pelo fato de que sua estrutura é extremamente delimitada por grades, muros, portões e seguranças. O constrangimento se torna palpável à medida em que a caminhada por esse espaço é acompanhada pelos olhares dos seguranças e de alguns funcionários. É possível verificar também a impessoalidade palpável entre os sujeitos que frequentam a universidade. Este elemento, levado a seu limite, causa um desconforto, uma sensação de isolamento. Essa sensação foi identificada pela etnografia realizada e foi expressada pelos alunos em conversas informais em que manifestaram a falta de contato com alunos de diferentes cursos e como seus trajetos dentro da universidade são limitados para atender seus próprios interesses de forma

individualizada; o caminho realizado por esses alunos é solitário e impessoal, em um ambiente que limita as potencialidades de sociabilidade entre os sujeitos.

O espaço destinado às atividades da universidade é o maior entre as instituições de ensino superior na cidade de Marília. Devido à sua grande estrutura e mesmo com as placas de indicação, é muito fácil se perder na universidade. A sensação de desorientação é grande mediante o volume de caminhos que podem ser escolhidos. Percorrer os caminhos da Unimar com a intenção de encontrar uma sala ou um prédio específico pode ser uma tarefa difícil. A cada esquina há sempre dois caminhos a serem tomados e, no espaço das instituições, há muitos pontos como este, além de rotatórias que ampliam as opções de caminhos que podem ser tomados. Portanto, ainda que o sujeito seja um frequentador desse espaço, é possível que ele se perca algumas vezes diante das inúmeras alternativas. Segundo os alunos, a grande área em que está instalada a Unimar também não contribui para que haja interações entre alunos de diferentes cursos – o que, segundo eles, limita o contato com outras áreas.

A segurança é outro elemento significativo nesse espaço, pois nada passa despercebido pelos sujeitos que o guardam. No caso da Unimar, os funcionários são da própria universidade e podem ser vistos em vários locais da instituição. Há quatro guaritas (cabines de alvenaria com janelas de vidro fosco ou espelhado que impedem a visão exterior de outras pessoas e que abrigam os seguranças) nas entradas e saídas de veículos e pedestres; também há os seguranças que circulam pela universidade em motocicletas com luzes de cor laranja instaladas na parte traseira de seus veículos, que rotacionam em 360 graus e piscam silenciosamente. Por fim, os seguranças dos prédios de aula e administrativos, denominados blocos pela universidade, estão sempre em vigília quanto ao movimento de entrada e saída das pessoas.

O serviço de limpeza realizado pelos funcionários da Unimar é impecável. As ruas do espaço da universidade, as calçadas, os prédios e as salas de aulas são constantemente limpos. Sempre é possível observar um grupo de funcionários, ou mesmo sozinhos, limpando os corredores ou varrendo as calçadas, contribuindo diariamente com uma limpeza cuidadosa do espaço. Ao observarmos as áreas verdes bem cuidadas, os jardins caprichosamente podados e floridos, as esculturas sempre intactas e as fontes limpas e funcionando diariamente, podemos afirmar que a jardinagem da universidade tem como referência a rigidez qualitativa da limpeza.

Quando estivemos na Unimar para realizar a etnografia e tirar as fotografias, fomos abordados por um segurança que guardava o prédio da reitoria. Com a câmera fotográfica em mãos, fomos questionados sobre o que estávamos fazendo lá. Deduzindo que seríamos repreendidos, resolvemos prolongar a conversa com o segurança dizendo que éramos alunos da

Unimar e que estávamos fazendo um trabalho para a graduação. Contudo, mesmo com a possibilidade de sermos considerados alunos da instituição, fomos repreendidos e proibidos de fotografar os espaços dentro das delimitações da universidade. Nesse contexto, questionamos se poderíamos retratar a universidade do lado de fora e o segurança concordou, com desagrado, dando a impressão de que se ele pudesse nos proibiria também de registrar a universidade do lado de fora, ou seja, no espaço público.

Imagem 30 - Principal entrada da Unimar com guarita



Imagem 31 - Principal saída da Unimar com guarita



Imagem 32 - Segurança a pé e dirigindo motocicleta à esquerda no canto inferior



A dissertação de Henrique Costa analisa a relação dos alunos que pertencem ao Programa Universidade para Todos - Prouni (desenvolvido no primeiro mandato do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva) – com a universidade privada. Ao desenvolver a etnografia em universidades particulares da cidade de São Paulo, o autor identificou, como também observou, na Unimar, a presença de elementos de segurança nas instituições de ensino. “As catracas são um elemento definidor do caráter de enclave fortificado desenhado nessas

unidades de ensino [...]. Junto às guaritas e aos seguranças terceirizados em grande número, elas prometem segurança, mas também – e sobretudo – certa ‘exclusividade’” (COSTA, 2015). Embora não tenha sido observada a presença de catracas na Unimar, os seguranças e guaritas estão presentes na maior instituição de ensino privada da cidade de Marília. Desta forma, torna-se possível identificar o grau de proximidade da Unimar com os espaços que funcionam à luz da lógica dos “enclaves fortificados”.

Ao entrar na Unimar, é possível observar sua vasta extensão com seus prédios alaranjados rosados. O intenso uso de veículos particulares é expresso pelo grande número de estacionamentos espalhados pela universidade. A segurança, a ordem e a limpeza são elementos presentes na instituição, e as sensações causadas por tais elementos são de limitação, observação, intimidação e individualidade. Essas características são responsáveis por enclausurar o espaço da Unimar e, nesse contexto, limita-se a relação com o externo. Desta forma, o espaço influencia o desenvolvimento das relações sociais, frustrando as potencialidades sociais dos sujeitos.

A outra universidade com que Anderson teve contato cotidianamente por causa de seu filho foi a Univem – Centro Universitário Eurípedes de Marília –, que também é conhecida na cidade pelo seu nome e título antigo, Fundação Eurípedes Soares da Rocha. Com a inserção dos cursos de mestrado na área de Direito e Ciências da Computação em 2000, a instituição requereu junto ao MEC, no ano de 2003, a categoria de universidade⁶⁶. A instituição é destaque nos cursos de Administração, Ciência da Computação e Direito, sendo que este último é valorizado pelo fato de que mais da metade de seus alunos é aprovada no concurso da Ordem dos Advogados do Brasil, segundo a universidade (avaliação realizada pelos bacharéis de Direito para a obtenção do título de advogado).

⁶⁶ Disponível em: <<https://www.univem.edu.br/instituicao>> Acesso em: julho de 2019.

Imagem 33 - Fachada da Univem e caixa d'água com o antigo nome da instituição



Esta instituição de ensino está localizada na mesma avenida em que estão instaladas outras universidades, sua vizinha, Unesp, e a Unimar. A lateral, que não faz divisa com a Unesp, possui dois restaurantes e um serviço de xerox. Diferentemente da Unimar, a Univem está instalada ao lado de um bairro residencial de classe alta e média e com segurança reforçada. No bairro vizinho à Univem, o Jardim Acapulco, há segurança privada móvel ao longo de todo o dia e nos sete dias da semana.

Este bairro, no qual residem vereadores, médicos e empresários, não possui prédios residenciais e há poucas lojas e prestadores de serviços instalados no início do bairro, como, por exemplo, algumas clínicas odontológicas e veterinárias. A segurança é reforçada em comparação com outros bairros da cidade. Há cercas elétricas e concertinas em quase todas as casas do bairro e, em algumas residências, há guarita com guarda privado. Ao longo do dia é possível ouvir a guarda particular que circula pelo bairro dia e noite. De manhã, à tarde e à noite o apito do guarda uniformizado soa nas ruas do bairro, como foi possível observar por meio da etnografia. Em uma conversa com uma moradora do bairro, foi possível observar seu rechaço em relação ao que é público e coletivo quando relatou que antigamente havia uma linha de ônibus que atravessava o bairro e, como isso, a mobilidade ficava ruim devido ao grande movimento de pessoas. Outro detalhe interessante é a placa instalada em um prédio comercial no início do bairro explicando que a região conta com segurança privada 24 horas por dia assinada pela Associação de moradores do Jardim Acapulco.

Imagem 34 - Placa informativa sobre a segurança do bairro



Imagem 35 - A placa informativa e o prédio da Univem ao fundo



A Univem está instalada em um grande terreno que contém tanto a estrutura física na qual há as atividades acadêmicas e administrativas, bem como no final de seu perímetro há áreas de recreação de acesso aos funcionários e professores. A área voltada às atividades acadêmicas e administrativas é formada por uma estrutura circular de três andares. Ao entrar

pelo acesso principal dessa estrutura, há um corredor onde estão os órgãos administrativos, como a reitoria, a tesouraria e a biblioteca. Após esse corredor há o acesso a uma estrutura circular que se desdobra em três andares; no pátio no segundo andar funciona uma lanchonete com mesas e cadeiras, e as salas de aulas e laboratórios ficam à margem deste pátio, ao longo dos três andares. Todo o terreno da universidade é cercado por grades e portões, e o acesso é possível por duas entradas, a principal, à frente, e a secundária, na lateral, voltada ao Jardim Acapulco e que dá acesso ao estacionamento da universidade, ambas com guaritas e sempre com guardas observando a entrada e saída de pessoas e veículos. Há também segurança particular que circula a pé pela universidade e no estacionamento, e uma ronda de segurança que se desloca por meio de uma motocicleta. Alguns alunos relatam que nunca foram abordados pela segurança e que se sentem seguros em todas as áreas da universidade, tanto no estacionamento, que é uma área mais aberta, quanto nos espaços voltados à formação acadêmica.

Imagem 36 - Principal acesso da Univem com portões e guarita



Imagem 37 - Acesso lateral da Univem com guarita e estacionamento



Imagem 38 - Interação do sujeito com o segurança na guarita



Como a área de atividades acadêmicas na universidade não é extensa, a sensação de desorientação não se torna expressiva. Segundo alunos do curso de Direito, em conversas informais, o trajeto na Univem tende a ser curto e menos impessoal em relação à Unimar, pois as atividades dos alunos estão concentradas em um conjunto circular de salas de aulas e

laboratórios. O fato de existir uma área de sociabilidade no centro do espaço de formação é citado pelos alunos como positivo, possibilitando, também, maior sociabilidade entre os alunos de diferentes cursos.

A Univem, a partir da etnografia e das fotografias, também funciona enquanto um espaço de formação baseado na lógica dos enclaves, como foi apresentado. O espaço da universidade revela-se menos limitado em relação à Unimar no aspecto das possibilidades de socialização, mas se equipara à Unimar quanto ao uso de ferramentas de segurança e à limpeza do espaço. Independentemente do dia, a Univem sempre está muito limpa, seus corredores, assim como as salas de aulas e as áreas externas são higienizadas cotidianamente pelos funcionários da instituição, passando a imagem de um ambiente organizado por uma lógica rígida, ou seja, o fato de o espaço estar sempre limpo não permite que algo possa estar fora do lugar. Desta forma, a constante limpeza da universidade limita, de certa forma, a espontaneidade ao rapidamente eliminar o que polui o ambiente, considerando sujos e indesejados elementos que não são contemplados pela lógica da organização, ordem e limpeza do espaço.

O filho de Anderson, que se formou nessa universidade, frequentou por vários anos esse espaço e, para isso, teve que se adaptar em algum grau às necessidades sociais e à lógica de funcionamento desse espaço. Dessa forma, Anderson teve contato com esse espaço ao longo de seu cotidiano e também, assim como seu filho, deve ter se adaptado à lógica espacial e à demanda social exigida pela Univem.

A entrevista com Júlia proporcionou um relato interessante sobre um outro espaço de educação superior na cidade de Marília. Fiel da Igreja Universal do Reino de Deus, a entrevistada tem 43 anos e é formada em Pedagogia, mas não trabalha na área. Ao longo da sua passagem pelo ensino superior, Júlia relatou como se deu esse delicado processo no qual iniciou sua formação na Uniesp, hoje Uniesp S.A., e terminou na Unimar, ambas universidades particulares.

A casa em que mora com o marido e seus dois filhos foi comprada por financiamento da CAIXA e possui muro altos, portões e cachorro para impedir a entrada de pessoas. Júlia tem dois filhos, um menino de nove anos que estuda na rede pública e uma mulher de 23 anos que terminou a educação básica na Fundação Bradesco. Júlia é autônoma e não tem carteira assinada, trabalha na produção de lembranças e doces para festa. Seu marido a ajuda quando não está trabalhando como vigilante à noite, em uma empresa privada, e a renda da família nos meses bons chega a R\$ 2000, segundo a entrevistada.

Ao longo da entrevista, Júlia relata que frequentou por alguns anos a Uniesp até conseguir se transferir para a Unimar. Foi uma mudança complicada que se deu por motivos financeiros devido ao não cumprimento do financiamento oferecido a ela pela universidade.

Imagem 39 - Fachada e lateral da Uniesp S.A. localizada na região central da cidade de Marília



A universidade em que começou seus estudos é um espaço de ensino superior que contribui com a cidade de Marília, tendo em vista que está instalada no antigo prédio da rodoviária, localizado no centro e no qual a universidade oferecia aos alunos a possibilidade de terem suas mensalidades financiadas pela instituição, tornando-se mais acessível à classe popular.

Contudo, a história desse grupo educacional possui alguns momentos delicados em relação a essas propostas de financiamento. No ano de 2018 foram registradas queixas de ex-alunos da Uniesp de Ribeirão Preto. Com o programa “Uniesp paga”, foi garantido o pagamento das mensalidades dos cursos para os alunos, mas somente depois de matriculados é que eram revelados os detalhes deste programa. Algumas das obrigações para conseguir o benefício era frequência mínima, prestação de serviço voluntário e boas notas, por exemplo. Após formados, os alunos foram negativados no Serviço Central de Proteção ao Crédito (SCPC) e alegaram que a universidade não havia arcado com as responsabilidades propostas por ela. Os casos foram levados ao Ministério Público e os alunos ainda aguardam o desfecho dessa história⁶⁷. Nesse contexto, a entrevistada também sofreu problemas parecidos citados pela entrevista e, a partir

⁶⁷ Disponível em: <<https://g1.globo.com/sp/ribeirao-preto-franca/noticia/ex-alunos-da-uniesp-se-dizem-vitimas-de-falsa-promessa-de-pagamento-do-fies-em-ribeirao-preto.ghtml>> Acesso em: 07/2019.

destes inconvenientes, foi necessária sua transferência para outra instituição para que pudesse terminar o curso de graduação.

Quando a entrevistada estudou na Uniesp – União Nacional das Instituições de Ensino Superior Privadas –, a universidade ainda não havia sido incorporada pelo grupo Universidade Brasil. Hoje a instituição de ensino é conhecida como Uniesp S.A. Ao visitar a Uniesp S.A. é possível observar a incorporação tímida do novo logo da Universidade Brasil nos cartazes e *banners* de propaganda. Mesmo com essa transição, a estrutura física da universidade não foi alterada ou deslocada de lugar; os cursos de Pedagogia e Administração oferecidos anteriormente continuaram, e não houve a abertura de novos cursos.

Imagem 40 - Logo da Universidade Brasil na faixa instalada na grade do acesso principal da Uniesp S.A.



A universidade está instalada na região central da cidade de Marília, onde antigamente funcionava a rodoviária do município. O prédio⁶⁸ é uma estrutura única, retangular, de um andar, e, abaixo dessa estrutura, localiza-se o estacionamento. O fato de várias linhas de ônibus

⁶⁸ Segundo o *site* da Uniesp S.A., “o prédio da antiga rodoviária foi construído na década de 1970. Projetado com traços modernistas, acabou sendo descaracterizado em função do excesso de movimento na época. Agora o prédio foi restaurado e os arquitetos da Instituição procuraram manter as características do edifício, que lembra a arquitetura Bauhaus. ‘É um grande cubo suspenso por pilares, um estilo que surgiu na Alemanha na década de 1920 e que marcou a arquitetura dos anos 1950 e 1960 no Brasil’, comenta a professora Marcia. Ela ressaltou um outro fato interessante no projeto inicial do prédio – e que foi mantido –, que é a iluminação natural em função de três grandes claraboias que permitem a passagem de luz pelos vãos livres nos dois andares internos. Apesar de as características externas terem sido preservadas, internamente o prédio sofreu várias adaptações, ganhando amplas salas de aula, banheiros, espaço para secretaria acadêmica, recepção e biblioteca” (PORTAL UNIESP, 2019, disponível em: <http://uniesp.edu.br/sites/marilia/quem_somos.php> Acesso em: 07/2019).

circularem ao redor da universidade e de que ela está localizada no bairro central Alto Cafezal facilita o acesso dos alunos e funcionários à instituição.

Imagem 41 - Acesso ao estacionamento da Uniesp S.A.



A área em que a Uniesp está instalada é cercada por grades e portões e possui uma guarita central no acesso principal. No acesso ao estacionamento não há segurança nem cancela, mas um segurança circula entre os veículos estacionados. Entrando na universidade pelo acesso principal, após um lance de escadas, observa-se a seção administrativa e, ao caminhar pelo corredor central, é possível encontrar as salas de aula, e, no final, há uma cantina pequena. Este ambiente central de acesso às salas de aula é iluminado artificialmente, há pouca entrada de luz e o contato visual externo é limitado. Segundo a observação etnográfica e alguns alunos da instituição, o trajeto pela universidade é limitado ao prédio-corredor e, como são somente dois cursos em um espaço pequeno, é mais fácil encontrar interações entre os sujeitos. A segurança no prédio é realizada pelos funcionários que ficam na guarita e no estacionamento. Por fim, o ambiente da universidade é limpo, como vimos no Marília Shopping, sendo que não há nada fora do lugar e as plantas estão sempre verdes e bem cuidadas. Já o chão e os bancos, limpos, passam a impressão de ambiente delicadamente estéril. A sensação de um ambiente estéril socialmente é sutil devido à proximidade dos sujeitos no pequeno espaço da universidade, mas presente à medida em que é limitado o contato com o mundo externo por meio da estrutura física, que não permite o acesso visual ao lado de fora pela presença predominante de uma iluminação artificial, com a segurança, e na diferenciação com o mundo externo por meio da limpeza e organização do ambiente.

Em resumo, o ambiente da Uniesp S.A. é tranquilo, não há a sensação de desnorreamento, como foi observado na Unimar, e a impessoalidade é menor em relação às outras universidades da cidade. Os funcionários responsáveis pela segurança são reduzidos devido ao pequeno espaço em que a universidade desenvolve suas atividades. O pequeno prédio da universidade concomitante à limpeza cria um ambiente homogêneo e limitado. De certa forma, a falta de luz e de contato com o lado de fora contribuem para a sensação de enclausuramento.

2.4 Residência do enclave: a tecnologia de segurança na moradia

Ainda em nossas caminhadas na feira livre, encontramos Samara, que se mostrou relutante em um primeiro momento, mas que aceitou ser entrevistada. Formada em Terapia Ocupacional pela Unesp e com pós-graduação em Saúde Mental, a entrevistada tem 45 anos e trabalha com arte-terapia, é autônoma e tem renda de R\$ 6000. É solteira e não teve filhos; mora sozinha em sua casa própria, a qual tem muros altos, portões grandes e concertina⁶⁹. Ao ser questionada sobre o motivo da presença desses elementos de segurança, a entrevistada explicou que, por morar sozinha, não se sente segura na cidade.

Para ir ao trabalho ou a outro lugar, Samara se desloca a pé ou de bicicleta; quando necessário, usa o transporte coletivo. Mesmo que católica, não tem o hábito de frequentar a igreja. Em relação ao lazer, a entrevistada pratica esportes, como ioga; assiste ao programa “Café Filosófico” na TV Cultura; usa redes sociais; e promove reuniões com grupos de alimentação orgânica e saraus acadêmicos.

Quando um conjunto de elementos de segurança em uma residência é instalado, a dinâmica da habitação é modificada. Os muros altos e os portões fechados; as câmeras de segurança e a guarita; a cerca elétrica, concertina, pregos e vidros são elementos que possuem a função de impedir intrusos e controlar a entrada e saída de pessoas. Ao serem introduzidos no cotidiano da residência, tornam-se responsáveis por causar determinadas sensações, segundo a entrevistada, como, por exemplo, o sentimento de distanciamento em relação à rua e a

⁶⁹ “Arame de concertina é uma barreira de segurança laminada, de forma espiralada possui lâminas pontiagudas, cortantes e penetrantes. A concertina foi originada nas cercas utilizadas em ações militares que ficavam no chão para impedir a ultrapassagem de um perímetro. A concertina é a evolução do arame farpado e geralmente são utilizados em muros, alambrados, cercas, portões, telhados e torres. São feitos de aço galvanizado ou inoxidável e dificilmente são cortados por ferramentas convencionais” (WIKIPÉDIA, 2019).

impressão de que está integralmente segura dos perigos de ser roubada ou violentada. Nesse contexto, a segurança residencial funciona como uma barreira sólida que impõe limites na relação entre o privado – a casa – e o público – a rua à medida em que valoriza o que está sendo protegido e o que é considerado ameaça. A partir do contexto habitacional, podemos afirmar que a resignação à lógica de segregação dos enclaves fortificados é diretamente proporcional à qualidade e à quantidade de elementos de segurança nas residências dos sujeitos (CALDEIRA, 2011).

Capítulo 3: Os espaços espontâneos

1. Introdução

Os frequentadores da feira relataram terem contato com outros espaços que possuem características semelhantes entre si. Esses espaços funcionam de forma aberta ao público e não são voltados ao consumo, como, por exemplo, foi visto no Marília Shopping. Desta forma, foram realizadas a etnografia e a apreensão fotográfica do Terminal Urbano de transporte coletivo e o Bosque Municipal, os quais convenhamos chamá-los de *espaços espontâneos*.

Os espaços espontâneos citados pelos entrevistados fazem parte da dinâmica urbana na medida em que são responsáveis por serviços importantes. O Terminal Urbano é frequentado por grande parcela da população da cidade e sua função é a de ser um centro de acesso aos ônibus que circulam no município. No contexto do Terminal, ao seu lado há um centro popular de compras, o Camelódromo, onde também circulam muitas pessoas para realizar compras das mais diversas ou para acessar o Terminal. O bosque oferece à população da cidade um espaço de lazer e formação no qual pode-se realizar exercícios físicos, prestigiar eventos, conhecer a fauna e a flora da Mata Atlântica e aprender sobre a biologia do espaço com o auxílio de funcionários do bosque.

Nesse contexto, os dois espaços apresentados neste capítulo funcionam de forma próxima à feira livre. Por isso, junto à exposição etnográfica, fotográfica e da perspectiva dos entrevistados sobre os espaços estudados, será também exposta sua visão sobre a feira livre com a intenção de contribuir com a formação da categoria dos espaços espontâneos.

2. Espaços Espontâneos: liberdade, autonomia e troca

2.1 Terminal Urbano e Camelódromo:

Ludovino estava chegando na feira livre com a esposa e sua filha pequena em uma manhã de domingo quando nós o abordamos, foi simpático e aceitou participar da pesquisa, dando informações sobre seu cotidiano. A partir dos dados coletados, ressalta-se um espaço frequentado da cidade frequentado por sua esposa e filha. Embora Ludovino tenha veículo próprio, que usa principalmente para se deslocar na cidade em direção a seu trabalho, sua esposa e filha usam o transporte coletivo e frequentam o Terminal Urbano.

O Terminal Urbano é um espaço importante na dinâmica da cidade. O transporte coletivo na cidade de Marília é realizado por duas empresas, Sorriso de Marília e Grande Marília, que usam o Terminal como o principal centro de acesso e baldeação dos usuários. Todos os ônibus das empresas chegam no Terminal, ficam estacionados por volta de dez minutos, às vezes menos, e partem em direção às suas linhas. Desta forma, o Terminal Urbano é o ponto de partida e chegada em comum a todas as linhas do sistema de transporte coletivo.

O Terminal Rodoviário Urbano Municipal de Marília “Dom Hugo Bressane de Araújo” é um espaço fechado com acesso mediante o pagamento de “passe”. Sua área é proporcional a um espaço retangular, na qual é possível observar uma extensa calçada de aproximadamente quatro metros de largura com bancos para os usuários aguardarem os ônibus, os quais estacionam no “meio-fio”. Uma “rua” contorna essa calçada e é por ela que os ônibus circulam. Na parte superior dessa rua, ainda na área interna do Terminal, há uma variedade de bancas que comercializam comidas e bebidas em geral e que são consumidos pelos usuários e funcionários do Terminal. Sempre se pode observar alguém bebendo um café, conversando com o dono da banca ou com outros clientes.

Está localizado na região central da cidade, ao lado do centro de compras informal e popular conhecido de Camelódromo e da antiga estação ferroviária da cidade.

Imagem 42 - Acesso ao Terminal e o Camelódromo ao fundo



Imagem 43 - Antiga estação ferroviária da cidade e entrada do Terminal ao fundo



O Camelódromo é conhecido por ser um espaço no qual é possível comprar mercadorias a preços mais baixos. Os vendedores, em seus *boxes*, vendem uma variedade de produtos, como roupas, relógios, óculos de sol, bolsas, eletrônicos, brinquedos, cigarros e outros. As

mercadorias comercializadas são, em alguns casos, produzidas pelos próprios vendedores, como, por exemplo, roupas, mas a grande maioria dos produtos é comprada principalmente em viagens a Ciudad del Este, no Paraguai, onde é possível adquirir os produtos por um preço menor do que no Brasil, segundo os vendedores. Conversando com alguns consumidores do Camelódromo, foi possível verificar a presença do campo popular nesse centro comercial devido à compatibilidade dos preços com o seu poder de consumo. Ressalta-se o fato de que o Terminal Urbano está localizado ao lado do Camelódromo. Desta forma, os dois espaços de serviços coletivos e populares são vizinhos, facilitando o acesso ao seu público, que, como foi observado, é massa de trabalhadores, pobres e sujeitos ao espectro da pobreza.

Imagem 44 - Camelódromo e Terminal



O acesso ao Terminal pelos usuários pode ser realizado por duas entradas: uma instalada na parte superior e outra, na inferior. Para usar a primeira opção há duas alternativas: pode-se chegar na entrada do Terminal por um caminho aberto no qual está localizada a antiga estação ferroviária da cidade, ou é possível alcançar a entrada superior atravessando o Camelódromo. A segunda opção de entrada está voltada à rua. Em ambas as entradas há catracas e seguranças. Na primeira os seguranças circulam perto das catracas e, na segunda opção, o segurança fica sentado em um banco alto ao lado da catraca. Contudo, mesmo com a segurança nas entradas é possível ser abordado por alguém pedindo dinheiro ou por vendedores ambulantes que circulam na área principal do Terminal, na qual os passageiros aguardam sentados a chegada dos ônibus em bancos ou em filas.

Imagem 45 - Acesso superior do Terminal



Imagem 46 - Acesso inferior do Terminal



Já o acesso aos ônibus ao Terminal se dá por duas vias, que estão localizadas em lados opostos do espaço e às quais o acesso dos usuários não é permitido. Não há barreiras nessas entradas, mas há a presença de guaritas e segurança.

Imagem 47 - Acesso de ônibus à direita do Terminal a partir da entrada superior



Imagem 48 - Acesso de ônibus à esquerda do Terminal a partir da entrada superior



O Terminal sempre foi um espaço acessível mediante pagamento de passagem, mas, nos últimos anos, passou por uma reformulação com a retirada das catracas e liberação do acesso ao espaço. Nesse contexto aberto, os usuários pagavam pelo transporte dentro do ônibus, e não mais na entrada do Terminal. O Terminal, enquanto espaço aberto, durou pouco tempo, e

recentemente retornou à condição de espaço fechado, tendo as catracas reinstaladas e dispondo de segurança nas entradas e saídas de usuários e ônibus. O argumento da prefeitura para que novamente houvesse o fechamento do espaço foi a segurança dos usuários, retomando os equipamentos de tecnologia de segurança e instalando novos, como, por exemplo, o monitoramento do Terminal por câmeras de segurança⁷⁰.

Mesmo enquanto espaço fechado e com segurança, o Terminal parece se diferenciar dos pressupostos referentes à lógica de segregação dos “enclaves fortificados”, uma vez que a segurança é mais para garantir que haja o pagamento na entrada do que para assegurar a segurança dos usuários, como foi observado na etnografia e expressado na entrevista com Ludovino. Outro elemento que o distancia da lógica de segregação é a limpeza do espaço, que, ao se caminhar por ele, é possível observar que os cestos de lixo estão sempre cheios, o chão estrelado de chicletes velhos e poucos funcionários para a manutenção do espaço. Os banheiros são limpos ao menos duas vezes ao dia, o que se mostra insuficiente em alguns dias. Nesse contexto, a estrutura limitada, ou seja, a falta de funcionários pode ser uma justificativa para a falta de limpeza dos sanitários, bem como do espaço do Terminal. O público também contribui para entendermos o afastamento entre o Terminal e o “enclave fortificado”. O perfil do usuário que consome o serviço de transporte coletivo não é exatamente o mesmo que frequenta os enclaves, como foi observado na etnografia dos espaços. As diferenças de classes entre esses públicos são claras ao considerarmos, também, o público popular do Terminal enquanto uma massa de pessoas que utiliza esse espaço cotidianamente, diferentemente do público que é visto no *shopping center*, por exemplo.

Nesse contexto, é interessante resgatar a entrevista de Ludovino e a perspectiva de sua família sobre o Terminal. Segundo sua família, esse espaço não é considerado “limpo como o supermercado, por exemplo” (LUDOVINO, setembro de 2018) e poderia ser abordado por alguém vendendo doces ou balas informalmente em alguns horários. Por meio dessas informações, podemos sinalizar que a comparação do Terminal com o supermercado em relação à limpeza demonstra um par antagônico. E que a abordagem de vendedores informais expressa a presença do pobre.

⁷⁰ Disponível em: <<https://marilianoticia.com.br/Terminal-urbano-de-marilia-volta-a-ter-catracas-apos-decisao-judicial/>> Acesso em: 07/2019.

2.2 Bosque: natureza, iniciativa e memória

Ainda que o bosque não esteja presente cotidianamente na vida dos entrevistados, eles relataram conhecê-lo e deram sua opinião sobre o espaço. O bosque é um espaço significativo para a cidade de Marília por ser o único a ofertar acesso a uma área de Mata Atlântica preservada e uma forma de lazer que permite o contato com a natureza. O Bosque Municipal “Rangel Pietraroia” foi inaugurado em 1974 na cidade de Marília. O espaço do bosque é o único do município que apresenta, de forma protegida, uma reserva florestal de Mata Atlântica em uma área de 173.600 m². Em 2009 foi promulgada a Lei Municipal nº 7.001, que elevou o bosque à categoria de Unidade de Conservação, garantindo, definitivamente, sua integridade⁷¹.

Imagem 49 - Entrada do Bosque Municipal

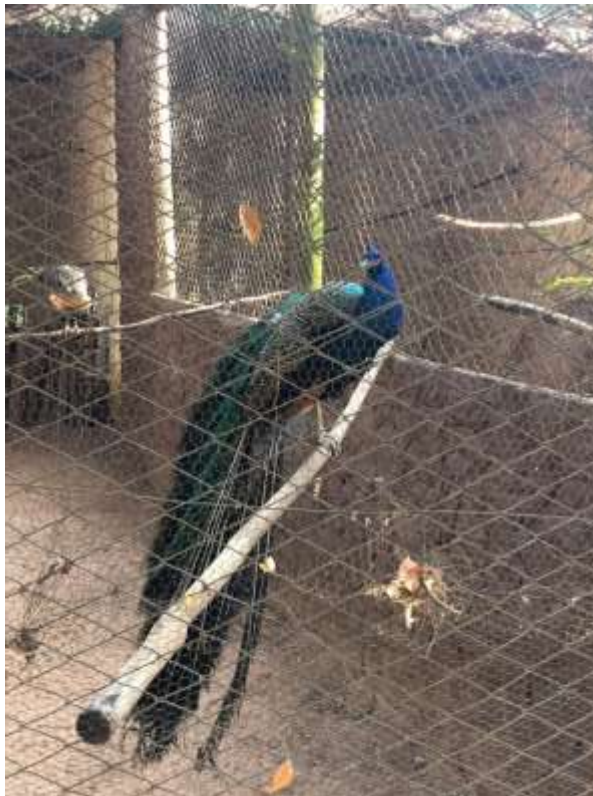


Está localizado na região leste da cidade de Marília e seu acesso não é facilitado. Mesmo que esteja instalado a uma distância de 2,5 quilômetros do centro, o difícil acesso se dá pelo fato de que esse espaço está localizado em uma área do município que não possui acesso rodoviário, assim como as outras áreas da cidade que contam com a Rodovia do Contorno, que funciona como um anel $\frac{3}{4}$ contornando o município. O horário de funcionamento do bosque é abrangente: abre todos os dias da semana, inclusive aos sábados, domingos e feriados, às 6h, e encerra as atividades às 18h. Além da exposição de animais como avestruzes, jabutis, lagarto

⁷¹ Disponível em: <<http://www.marilia.sp.gov.br/prefeitura/prefeitura-analisa-revitalizacao-do-bosque-municipal-para-2018/>> Acesso em: 07/2019.

tiús, de uma rica flora proveniente da Mata Atlântica e de um lago com animais aquáticos, o bosque também realiza atividades educativas ambientais. Nesse contexto, o bosque atende agendamentos de escolas municipais e estaduais de Marília e região para a realização de atividades e cursos⁷².

Imagem 50 - Pavão exposto em recinto com grades no Bosque Municipal



⁷² Disponível em: <<http://www.marilia.sp.gov.br/prefeitura/prefeitura-promove-nova-palestra-sobre-educacao-ambiental-no-bosque-municipal/>> Acesso em: 07/2019.

Imagem 51 - Grupo em palestra sobre a flora da Mata Atlântica com orientação de funcionário do Bosque Municipal



Dentro do bosque há vários caminhos construídos por paralelepípedos que se desdobram por todo o local e revelam a fauna e a flora do ambiente. Há cantinas, banheiros, *playground* para as crianças, academia ao ar livre e muitos bancos espalhados por todo o espaço do bosque. Em um dia normal é possível observar a presença de pessoas fazendo exercícios físicos, famílias passeando e turmas de escolas sendo guiadas por funcionários do bosque. Quase em todos os finais de semana há apresentações ou eventos, como, por exemplo, espetáculos circenses⁷³, programação infantil, com o projeto Tarde Curumim⁷⁴, e festival de comida vegana⁷⁵.

⁷³ Disponível em: <<http://www.marilia.sp.gov.br/prefeitura/circuito-cultural-paulista-realiza-espetaculo-circense-neste-domingo-no-bosque-municipal/>> Acesso em: 07/2019.

⁷⁴ Disponível em: <<http://www.marilia.sp.gov.br/prefeitura/prefeitura-realiza-tarde-curumim-neste-domingo-no-bosque-municipal/>> Acesso em: 07/2019.

⁷⁵ Disponível em: <<http://www.marilia.sp.gov.br/prefeitura/prefeitura-apoia-1o-marilia-veggie-festival-neste-domingo-no-bosque-municipal/>> Acesso em: 07/2019.

Imagem 52 - Homens caminhando, lanchonete ao fundo e área de brinquedos para crianças à direita



Na dinâmica urbana, o bosque funciona como um espaço de lazer e formação voltado à população da cidade, a qual frequenta os eventos oferecidos pelo espaço e usufruiu deles. Além de contribuir com a qualidade de vida na cidade, o bosque é um ambiente relevante para o município à medida em que agrega diversidade, cultura e natureza aos residentes de Marília e região. Nesta pesquisa, consideramos o bosque enquanto um espaço espontâneo. O acesso livre e a falta de catracas, segurança privada, limpeza extrema, ordem e uma organização que segrega contribuem para realizar essa afirmação.

Ao resgatarmos as entrevistas, foi possível amadurecer alguns elementos que apareceram ao longo da etnografia do bosque. Para Ludovino, o bosque tem um fluxo menor de pessoas que o do *shopping center*, e essa característica é positiva para o entrevistado. O “ar livre” (LUDOVINO, setembro de 2018), juntamente com a sensação de liberdade, agradam o entrevistado e, por isso, quando consegue tempo leva sua família para passear nesse espaço. Outro entrevistado, Devanir, considera o bosque um espaço de lazer no qual pode olhar as árvores e se distrair, um local no qual se “sente à vontade” (DEVANIR, setembro de 2018).

O bosque também foi considerado um espaço “feio”. Maura relatou que quando foi ao bosque não o achou interessante, “nada me atraiu, achei tudo feio” (MAURA, setembro de 2018). Em contraposição, para Anderson esse espaço remete a “passeio, sorvete e pipoca” (ANDERSON, setembro de 2018), um espaço no qual “tem paz” e “ar úmido”, onde é possível observar “o tamanho real da árvore” (ANDERSON, setembro de 2018)

2.3 Feira livre: notas sobre a perspectiva de seus frequentadores

As perspectivas dos frequentados da feira sobre ela mesma são os últimos dados apresentados e completam a discussão sobre a relação dos entrevistados com os espaços da cidade e, consecutivamente, com a lógica que carregam. Desta forma, serão brevemente apresentados alguns apontamentos dos sujeitos em relação à feira que contribuirão para sugerirmos algumas analogias entre os espaços estudados.

A feira foi considerada um espaço com pouca organização em comparação com o supermercado (DEVANIR, setembro de 2018) e um espaço “informal” (SAMARA, setembro de 2018). Como sabemos, a desorganização e a informalidade são características que podem ser melhoradas e atualizadas por ações proveniente do Poder Público, pois essa instituição é a responsável por tais elementos apontados, como foi demonstrado no capítulo I.

Entretanto, outros entrevistados indicaram outras características sobre a feira livre. Segundo Ludovino, na feira livre é preciso olhar mais atentamente e pechinchar para levar um produto bom e barato. Segundo o entrevistado, a característica da pechincha só é possível na feira livre, no supermercado “é mais restrito” (LUDOVINO, setembro de 2018). Para Renato, a sensação na feira é distinta em relação ao supermercado, por exemplo. Renato diz se sentir mais livre quando está na feira, sem “os olhares e a sensação de perseguição do supermercado” (RENATO, setembro de 2018). E, para Anderson, a feira é um espaço no qual é possível encontrar bons produtos: “vim na feira pra comprar ovo que não acha no supermercado” (ANDERSON, setembro de 2018), além de ser considerado, também, um espaço mais “gostoso”, comparado ao supermercado, por se tratar de um “espaço típico” (Ibid.).

Conclusão

A feira livre foi transferida de lugar pelos interesses da igreja Universal. Esse acontecimento demonstrou a fragilidade política de tal fenômeno urbano diante da interferência externa de uma instituição religiosa que compartilha, à medida em que orienta seus fiéis, de pressupostos individualizantes e realização material por meio da Teologia da Prosperidade. Por isso, a derrota da feira frente a disputa espacial indica um avanço de um projeto de cidade baseado na lógica dos espaços fechados, limpos e seguros.

Nesse contexto, podemos sugerir que a igreja Universal funciona não como um enclave fortificado, mas como elemento que contribui com a expansão da lógica de segregação presente nesses espaços à medida em que naturaliza e reafirma o sistema capitalista. Por outro lado, como foi demonstrado, a feira livre é um espaço que é construído por feirantes que são trabalhadores subproletariados e por frequentadores e fregueses que são, em sua grande maioria, sujeitos da classe popular. A feira é realizada enquanto um espaço que aceita o sujeito da classe popular, o pobre e o pedinte. Portanto, podemos considerar que a demanda popular é um elemento fundamental para a existência desse fenômeno urbano.

Desta forma, a igreja Universal funcionaria como um reforço à perspectiva de uma meritocracia cristã capitalista. Ao analisarmos essa instituição religiosa neopentecostal à luz dos espaços da cidade apresentados nesta pesquisa, é possível sugerirmos que a Universal incita, de forma direta e indireta, o que denominamos nesta pesquisa como espaços estéreis. E temos a feira livre, também, enquanto um espaço de comércio popular que compartilha de elementos comuns a outros espaços estudados, os quais, como conjunto, foram considerados enquanto espaços espontâneos.

Os frequentadores da feira livre, ou seja, a demanda popular foi identificada como um elemento significativo para a feira livre e, por isso, foi realizado um trabalho de reconhecimento etnográfico e fotográfico de espaços presentes em seu cotidiano. A identificação desses espaços se deu conforme eles apresentassem alguma relevância para a dinâmica urbana da cidade de Marília. Além disso, os espaços estudados são responsáveis por diferentes esferas que edificam o complexo da cidade, como, por exemplo, a educação, o transporte, o consumo e o lazer.

Estudar os espaços citados nas entrevistas com os frequentadores da feira ampliou e reforçou a noção de “enclave fortificado”. Além de gerar um tipo de segregação urbana, esta pesquisa demonstrou que nos “enclaves fortificados” as relações sociais se enfraquecem. Entender esses espaços também contribui para refletirmos sobre a feira livre e a igreja

Universal, pois ilustrar a tensão entre a feira e a igreja à luz das categorias espaciais desenvolvidas contribui para aprofundarmos esse acontecimento.

Ao realizar a etnografia e identificar as características dos espaços na cidade de Marília, foi possível observar a existência de semelhanças entre eles. Nesse contexto, os espaços estéreis são aqueles que compartilham de segurança privada, limpeza rígida, ordem e organização. Estes elementos, portanto, enquanto um conjunto, possuem a função de distanciar o que é público e externo.

As universidades particulares, o supermercado, o *shopping center* e a residência com tecnologia de segurança foram considerados espaços estéreis pelo fato de que, ao excluírem a pobreza e a sujeira por meio de seus elementos, tornam-se responsáveis por limitar as pessoas que os frequentam à sua ordem baseada no direito à individualização. Como consequência, revela-se um espaço estéril socialmente, ou seja, a diferença como pressuposto de construção social é deixada de fora à medida em que a homogeneidade das relações sociais se torna o contexto desses espaços.

Os espaços apresentados no capítulo III possuem analogias com a feira livre. O Terminal Urbano, juntamente com o Camelódromo, o Bosque municipal e a feira livre, apresentam uma característica em comum, a receptividade à classe popular segundo a etnografia e os entrevistados. A construção de relações baseia-se na multiplicidade de possibilidades em um contexto em que as ações entre os sujeitos são mais livres e espontâneas. Ainda que esses espaços possuam determinada ordem e organização, até segurança, em alguns casos, esses elementos não funcionam da mesma forma do que nos espaços estéreis.

Nesse contexto, a feira livre, o Terminal e, consecutivamente, o Camelódromo também refletem as fragilidades sociais e econômicas da cidade por meio do subproletariado, da figura do pedinte, do trabalhador informal e do espectro de pobreza e miséria que ronda esses espaços. Além de funcionar como um termômetro social que mede o grau da qualidade e condição de existência do campo popular, é sugerido, nesta pesquisa, que os espaços espontâneos, independentemente de suas finalidades, são permissivos à medida em que valorizam a criação ou o fortalecimento de práticas e relações sociais.

Portanto, compreender o estudo de caso sobre a mudança da feira livre nos termos de espaço espontâneo e espaço estéril permite-nos esboçar a ideia de que a cidade se desenvolve à luz de projetos políticos diferentes. A cidade baseada nos “enclaves fortificados” é aquela em que os espaços do cotidiano, ou seja, o espaço do trabalho, residência, consumo e lazer funcionam sob a lógica da segregação urbana amparada na segurança e na ordem. Por outro

lado, a cidade fundada nos espaços populares seria detentora de espaços mais receptivos, comparados aos espaços estéreis. A vitória dos interesses da igreja Universal em relação à feira livre, nos termos apresentados, pode sugerir que o projeto de cidade baseado nos enclaves avançou à medida em que limita as possibilidades dos espaços espontâneos e da cidade.

Na sociedade urbana contemporânea neoliberal brasileira, a relação entre o espaço estéril e o espontâneo pode ser tensionada e, como foi demonstrado nesta dissertação, a solução dessa tensão, na maioria das vezes, é a resignação do espaço espontâneo aos interesses do espaço estéril. Esta tensão, para além das disputas entre fenômenos urbanos, está presente também no cotidiano dos sujeitos à medida em que eles frequentam esses espaços e se desenvolvem neles. Desta forma, os sujeitos da cidade, como os frequentadores da feira livre, vivem em um contexto urbano formado pelo embate entre diferentes orientações políticas, sociais, culturais e espaciais.

Referências

- BAUDRILLARD, Jean. A Sociedade de Consumo. São Paulo: Edições 70, 1975.
- CALDEIRA, Teresa Pires do Rio. Cidade de muros: crime, segregação e cidadania em São Paulo. Tradução: Frank de Oliveira e Henrique Monteiro. 3ª ed. São Paulo: Editora 34; Edusp, 2011.
- CARVALHO, M. V. S. P. Da feira à cidade: interpretação e análise de tensões urbanas. 2016. 63 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Monografia) – UNESP Faculdade de Filosofia e Ciências de Marília, Marília-SP, 2016.
- COSTA, Henrique Bosso. Entre o lulismo e o ceticismo: Um estudo de caso com prounistas de São Paulo. 2015. 166 f. Dissertação. Universidade de São Paulo – Programa de Pós-Graduação em Ciências Políticas, 2015.
- DARBON, S. O Etnólogo e suas Imagens In: SAMARIN, E. (Org.) O Fotográfico. 2. ed. São Paulo: HUCITEC, 2005.
- DANTAS, Geovany Pachelly Galdino. Feiras no Nordeste. Mercator – Revista de Geografia da UFC, ano 07, número 13. 2008.
- D’ANDREA, Tiarajú Pablo. Nas tramas da segregação. O real panorama da Pólis. 2008. 171 f. Dissertação. Universidade de São Paulo - Programa de Pós-Graduação em Sociologia, 2008.
- FIX, Mariana. Parceiros da exclusão: duas histórias de uma “nova cidade” em São Paulo: Faria Lima e Água Espraiada. São Paulo: Boitempo, 2001.
- FREHSE, Fraya. Minicurso: Etnografia na sociologia: Fundamentos e potencialidades. Minicurso promovido pelo Laboratório de Pesquisa Social do Departamento de Sociologia da USP – Laps. São Paulo: USP, 2014. Disponível em: <<http://iptv.usp.br/portal/video.action?idItem=26242>> Acesso em agosto de 2019.
- GOLDENBERG, Mirian. A Arte de Pesquisar: Como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais. 11. ed. Rio de Janeiro: Record, 2009.
- HAGUETTE, Teresa Maria Frota. Metodologias Qualitativas na Sociologia. 3. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1987.
- HELLER, Agnes. O Cotidiano e a História. Tradução: Carlos Nelson Coutinho e Leandro Konder 6ª ed. São Paulo: Editora Paz e Terra, 2000.
- LEITE, Miriam Moreira; Feldman-Bianco, Bela. Desafios da imagem. Fotografia, iconografia e vídeo nas ciências sociais. 2 ed. São Paulo: Papius, 2006.

MARIANO, Ricardo. Neopentecostais: sociologia do novo pentecostalismo no Brasil. 5 ed. São Paulo: Edições Loyola, 2014

NOVAES, S. C. O uso da imagem na antropologia In: SAMARIN, E. (Org.) O Fotográfico. 2. ed. São Paulo: HUCITEC, 2005.

PADILHA, Valquíria. Shopping Center: a catedral das mercadorias. São Paulo: Boitempo, 2006.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. Variações sobre a técnica do gravador no registro da informação viva. São Paulo: T. A. Queiroz, 1991.

ROLNIK, Raquel. A cidade e a lei: legislação, política urbana e territórios na cidade de São Paulo. 3ª ed. São Paulo: Studio Nobel: Fapesp, 1997.

_____, Raquel. Guerra dos Lugares: A colonização da terra e da moradia na era das finanças. São Paulo: Boitempo, 2015.

SATO, Leny. Feira Livre: Organização, Trabalho e Sociabilidade. São Paulo: Edusp, 2012.

SEVERINO, Antônio Joaquim. Metodologia do Trabalho Científico. 23. ed. São Paulo: Cortez, 2007.

SINGER, Paul. Dominação e desigualdade: estrutura de classe e repartição da renda no Brasil. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão. Loteamentos fechados em cidades médias paulistas – Brasil. In: SPOSITO, Eliseu; SPOSITO, Maria Encarnação; SOBARZO, Oscar. (org.). Cidades Médias: produção do espaço urbano e regional. 1ª ed. São Paulo: Expressão Popular, 2006.

ZANDONADI, Júlio César. A expansão territorial urbana na cidade de Marília-SP e os loteamentos fechados. 2005. Trabalho de Conclusão de Curso (Monografia) – UNESP Faculdade de Ciências e Tecnologia, Presidente Prudente - SP, 2016 apud SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão; SPOSITO, Eliseu Silvério; SOBARZO, Oscar. Cidades médias: produção do espaço urbano e regional. 1 ed. São Paulo: Expressão Popular, 2006.